



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

**Educação para o Empreendedorismo e Intenção  
Empreendedora  
O Caso do Projeto Aprender 3.0**

**Dijinira Maria Dos Reis Ramos**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Empreendedorismo e Criação de Empresas**  
(2.º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria José Aguilar Madeira

**Covilhã, junho de 2018**

# Dedicatória

À minha mãe Maria da Cruz Barreto Ramos;

Aos meus irmãos por todo apoio e carinho incondicional nessa trajetória;

À Deus por ser o meu amparo nas horas difíceis.

# Agradecimentos

Primeiramente dirijo os meus sinceros agradecimentos à Professora Doutora Maria José Madeira, pelas suas sábias palavras e orientações, sugestões, apoios e motivação ao longo do processo de elaboração deste trabalho.

Ao Conselho Empresarial do Centro e à Doutora Isabel Bontempo de Sá que se disponibilizou prontamente no apoio para a recolha dos dados, sem a qual não seriam possíveis.

Aos professores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior, particularmente do departamento de Gestão e Economia.

Aos colegas do curso, por toda amizade, apoio e cumplicidade. A todos muito obrigado pelo carinho e atenção.

À minha querida mãe Maria da Cruz Barreto Ramos, meus queridos irmãos Gorete Ramos, Tatiana Ramos, Deivy Ramos, Rúbens Ramos e meu cunhado Nilton Pimentel, pelo apoio e incentivo, em todos os momentos.

Aos meus queridos primos Antónia Brito, Joaquim Brito, Nelson Brito e José Brito por todo apoio e motivação.

À Nadir Alves Cardoso, minha querida amiga, pela força e companhia durante os longos serões de estudo.

Ao Salvador Tito e ao Edgar F. Mutunda pelo apoio e disponibilização nos estudos.

A todos os que participaram neste estudo e que permitiram a sua realização, o meu muito obrigado!

## Resumo

O Empreendedorismo potencia a criação de emprego, aumento de competitividade e novas formas de desenvolvimento económico e crescimento dos países ou de uma região. Nos últimos anos, vários estudos foram desenvolvidos no campo da educação e empreendedorismo em vários países. Muitos investigadores, profissionais e decisores políticos admitem que a educação para o empreendedorismo (EE) produz resultados significativos no crescimento e desenvolvimento económico. Sendo assim várias instituições de ensino e outros tem vindo a oferecer programas de ensino para o empreendedorismo. A educação em campos inovadores oferece aos jovens uma ótima oportunidade para o estabelecimento de novos conceitos e desenvolvimento de competências, conhecimentos e ferramentas necessários à criação de novas empresas. Deste modo o principal objetivo dessa investigação consiste em perceber de que forma é influenciada a intenção/capacidade empreendedora dos formandos do projeto “Aprender 3.0”. Pois bem, com base na revisão da literatura, aborda-se os temas mais importantes no que se refere a esse estudo, designadamente: intenção/perspetiva empreendedora, empreendedorismo/empreendedor, educação para o empreendedorismo, antecedentes familiares, experiência/formação profissional prévia e propensão em assumir os riscos. Depois da exposição teórica, é feita a formulação das hipóteses da investigação. Para essa análise empírica das hipóteses de investigação recorreu-se aos dados primários, uma amostra de 150 respostas, recolhidas através da aplicação de questionário *online*, construído com base nas questões utilizadas para esse estudo, do autor Linã, questionário EIQ (*Entrepreneurial Intention Questionnaire*). O questionário foi aplicado a participantes das formações realizadas no âmbito das atividades do projeto “Aprender 3.0” que participaram nas formações entre 2017/18 nas regiões do centro (Coimbra, Lisboa, Covilhã, Aveiro, Figueira da Foz, Castelo Branco, Viseu, Porto, Guarda, Santarém, Abrantes e Vila Real). Analisando os resultados foi possível concluir que as variáveis Educação para o empreendedorismo e Propensão para assumir riscos influenciam positivamente a Intensão empreendedora, por cada unidade de educação para o empreendedorismo aumentada, aumenta a intenção empreendedora e para cada unidade aumentada em risco, diminui a IE. Conclui-se que as duas variáveis juntas constituíse uma boa influencia sobre a IE. Finalmente as variáveis Antecedentes Familiares e Experiência/Formação Profissional Prévia, nesta investigação não apresentaram resultados satisfatórios que pudéssemos confirmar a sua influência sobre a intenção Empreendedora.

## Palavras-chave:

Empreendedorismo, Empreendedor, Educação para Empreendedorismo, Portugal, Formação, Propensão ao Risco, Intenção Empreendedora.

# Abstract

Entrepreneurship promotes job creation, increase of competitiveness and new forms of economic development and growth of countries or a region. In recent years, several studies have been developed in the field of education and entrepreneurship in many countries. Many researchers, practitioners and policy makers concede that entrepreneurship education (EE) produces significant results in economic growth and development. So many educational institutions and others have been offering entrepreneurship education programs. Education in innovative fields offers young people a great opportunity for the establishment of new concepts and developing skills, knowledge and tools necessary for the creation of new businesses. Thus the main objective of this research is to understand how it's influenced the intention/entrepreneurial skills of the trainees of the project "Seize 3.0". Well, based on the literature review, it addresses the most important issues in relation to this study, namely: intention/entrepreneurial perspective, entrepreneurship/entrepreneur, entrepreneurship education, family history, experience/training and propensity to take risks. After theoretical exposure, is made the formulation of hypotheses of research. For this empirical analysis of research hypotheses appealed to primary data, a sample of 150 responses, collected through the online survey application, built on the basis of the questions used for this study, the author Linãn, EIQ questionnaire (Entrepreneurial Intention Questionnaire). The questionnaire was applied to participants of training carried out within the framework of the activities of the project "Seize 3.0" who participated in the training between 2017/18 in the regions of the center (Coimbra, Lisbon, Covilhã, Aveiro, Figueira da Foz, Castelo Branco, Viseu, Porto, Guarda, Santarem, Abrantes and Vila Real). Analyzing the results it was possible to conclude that the entrepreneurship education and Propensity to take risks influence positively the entrepreneurial Mind-set, for each unit of entrepreneurship education, increases the entrepreneurial intention and for each unit increased in risk, lowers IE. It is concluded that the two variables together is a good influence on IE. Finally the Family history and Experience/Prior Vocational Training, this investigation did not provide satisfactory results we could confirm your influence on the Entrepreneurial intention.

## Keywords:

Entrepreneurship, Entrepreneur, Entrepreneurship Education, Portugal, training, Risk Propensity, Entrepreneurial Intention.

# Índice geral

Dedicatória .....	ii
Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract .....	v
Índice geral.....	vi
Lista de Figuras.....	viii
Lista de Tabelas .....	ix
Lista de Acrónimos .....	x
<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1. Justificação do Tema .....	1
1.2. Objetivo da Investigação .....	4
1.3. Questões de Investigação .....	4
1.4. Estrutura da Dissertação .....	5
<b>2. Enquadramento Teórico e Hipóteses .....</b>	<b>6</b>
2.1. Empreendedorismo & Empreendedor .....	6
2.2. Intenção Empreendedora.....	11
2.3. Educação para o Empreendedorismo.....	15
2.4. Antecedentes Familiares .....	18
2.5. Experiência/Formação Profissional Prévia .....	19
2.6. Propensão para Assumir Riscos .....	21
2.7. Modelo de Análise .....	24
<b>3. Descrição do Método de Investigação .....</b>	<b>25</b>
3.1. Desenho de Investigação .....	25
3.2. Recolha de Dados e Amostra.....	27
3.3. Variáveis Utilizadas.....	29
3.3.1. Variáveis Dependentes .....	29
3.3.2. Variáveis Independentes .....	31
3.4. Método Utilizado.....	36
3.5. Síntese dos Aspetos Metodológicos .....	38
<b>4. Análise de Dados e Discussão de Resultados .....</b>	<b>40</b>
4.1. Caracterização do Projeto Aprender 3.0.....	40
4.2. Caracterização da Amostra .....	43
4.3. Análise de Dados .....	46
4.3.1. Empreendedorismo & Empreendedor .....	46
4.3.2. Intenção/ Capacidade Empreendedora.....	49
4.3.3. Educação para o Empreendedorismo .....	54
4.3.4. Antecedentes Familiares.....	57
4.3.5. Experiência/Formação Profissional Prévia.....	57

4.3.6. Propensão para Assumir Riscos .....	57
4.4. Análise e Discussão dos Resultados .....	61
<b>5. Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação .....</b>	<b>66</b>
5.1. Conclusões .....	66
5.2. Limitações do Estudo e Futuras Linhas de Investigação .....	68
<b>Bibliografia .....</b>	<b>69</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>86</b>

# Lista de Figuras

Figura 1 - Modelo da Intenção Empreendedora.....	15
Figura 2 - Modelo de Análise da Investigação.....	24

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Evolução do Termo Empreendedorismo .....	9
Tabela 2 - Síntese das Hipóteses e Variáveis .....	36
Tabela 3 - Aspetos Metodológicos da Investigação.....	39
Tabela 4 - Distribuição por Género, Faixa Etária e Escolaridade .....	44
Tabela 5 - Distribuição respostas por Áreas de Formação .....	44
Tabela 6 - Distribuição respostas por Países .....	45
Tabela 7 - Distribuição respostas por Concelhos .....	45
Tabela 8 - Distribuição respostas para Perceção de Empreendedorismo .....	47
Tabela 9 - Distribuição respostas para a Perceção do Empreendedor.....	48
Tabela 10 - Distribuição respostas para Intenção/Capacidade Empreendedora.....	50
Tabela 11 - Teste KMO e Bartlett .....	51
Tabela 12 - Comunalidades para Intenção/Capacidade Empreendedora .....	51
Tabela 13 - Variação Total Explicada .....	52
Tabela 14 - Rotação Componente Matrix <sup>a</sup> .....	53
Tabela 15 - Coeficiente de Cronbach .....	54
Tabela 16 - Distribuição respostas a Educação para o Empreendedorismo.....	55
Tabela 17 - Distribuição respostas à importância das formações Aprender 3.0.....	56
Tabela 18 - Distribuição de respostas a Antecedentes Familiares .....	57
Tabela 19 - Distribuição respostas a Experiência/Formação Prévia .....	57
Tabela 20 - Distribuição respostas a Propensão para Assumir Riscos.....	58
Tabela 21 - Teste KMO e Bartlett .....	58
Tabela 22 - Comunalidades a Propensão ao Risco .....	59
Tabela 23 - Variação Total Explica .....	59
Tabela 24 - Rotação Componente Matriz <sup>a</sup> .....	60
Tabela 25 - Coeficiente de Cronbach .....	60
Tabela 26 - Análise pelo método Enter .....	61
Tabela 27 - Coeficientes das Variáveis.....	62
Tabela 28 - Correlação das Variáveis Dependente com Independentes.....	63

# Lista de Acrónimos

UE - União Europeia

GEM - Global Entrepreneurship Monitor

IE - Intenção Empreendedora

EE - Educação para o Empreendedorismo

TEA - *Total Entrepreneurial Activity*

AGER - Amway Global Entrepreneurship Report

QIE - Questionário Intenção Empreendedora

AFE - Análise Fatorial Exploratória

MIT - Massachusetts Institute of Technology

TCP - Teoria do Comportamento Planejado

IES - Instituto de Ensino Superior

PMEs - Pequenas e Médias Empresas

CEC - Conselho Empresarial do Centro

CCIC - Câmara Comércio e Indústria do Centro

PortusPark - Rede de Parques de Ciência Tecnologia e Incubadoras

Fundação AEP - Fundação (Associação Empresarial de Portugal)

IAPMEI - Instituto de apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação

QI - Quociente de inteligência

# 1. Introdução

## 1.1. Justificação do Tema

Na atual conjuntura global, segundo Gabriel *et al.*, (2018) é certo que existe um movimento que promove e reforça a educação para o empreendedorismo (Mitra, 2008; Manimala e Mitra, 2008; Zahra e Welter, 2008; Jones e Iredale, 2010; Rae, 2010; Amabile e Kramer, 2011; Lakéus, 2015; Lackéus e Midleton, 2015; Krueger, 2015).

A educação para o empreendedorismo (EE) está numa fase de mudanças. Isso se deve principalmente ao fato de que as escolas de negócios, bem como as Instituições de Educação se encontram no meio de “mudanças transformadoras” tanto conceituais (novos modelos e estratégias de educação para o empreendedorismo) quanto nos níveis tecnológicos (*eLearning*, dispositivos móveis, redes de aprendizagem, redes de empreendedores). Isso foi incentivado por dificuldades globais, sociais e políticas (Welsh e Dragusin, 2011, 2013). Basta pegar na edição (novembro/dezembro 2014) da BizEd, a revista da *American Association of Collegiate Schools of Business International* (AACSB). É preenchido com histórias como: “as escolas *Business* <sup>1</sup>que inspiram a inovação”, “Execução *Sparks*”, “Projetos de paixão”, refletindo o influxo de inovação e empreendedorismo durante todo o currículo escolar de negócios.

O conceito de empreendedorismo envolve a referência a atitude e à capacidade de resposta ao meio envolvente, no sentido de se procurar a construção de soluções que acrescentem valor à sociedade. Tal como definido pela Comissão Europeia o empreendedorismo é “a capacidade de um indivíduo transformar ideias em ação” (Comissão Europeia, 2012:5). É um exercício ao qual se associa a criatividade, a inovação e a capacidade de correr riscos calculados, planejar e gerir projetos de modo a atingir determinados objetivos. Assim, o empreendedorismo é encarado como um fator fundamental para o dinamismo de uma economia de mercado e para a obtenção de uma maior taxa de criação de novos negócios, que seja capaz de promover o crescimento económico, emprego e bem-estar (Klapper, Laeven e Rajan, 2006; Minniti e Levesque, 2008; Raposo e do Paço, 2011; Sánchez, 2011; Amorós e Bosma, 2013).

O empreendedorismo contribui não só para o desenvolvimento socioeconómico, como também para uma maior participação cívica (Redford, 2013). Entretanto, a educação para o empreendedorismo deve ser uma das prioridades de todas as instituições educativas, não sem o apoio inestimável, e a participação ativa de organizações, cidadãos e outros atores sociais de relevo. Deste modo, no contexto da UE em particular, diversos países têm procurado integrar, em diversos níveis de ensino, a temática do empreendedorismo. No caso específico de Portugal, embora sejam considerados todos outros aspetos que a educação para o empreendedorismo permite potenciar, tais como a cidadania ativa e o empreendedorismo social, são os aspetos

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre as escolas “*Business*” disponíveis em <http://www.aacsb.edu/>. Acedido a 5 de Julho de 2017.

da criação de empresas e da empregabilidade que assumem maior relevância, no contexto dos objetivos gerais da UE, nomeadamente os relacionados com a superação da crise económica (Comissão Europeia/EACEA/Eurydice, 2016). Ao mesmo tempo, porém, os projetos de capacitação em empreendedorismo têm-se desenvolvido para estudantes, empreendedores e potenciais empreendedores. Estes projetos têm contribuído como meio para a promoção do empreendedorismo, baseado no conhecimento e uma melhor sobrevivência das novas empresas (Karhunen, Ledyeva, *et al.*, 2008; Karhunen, Lofgren, *et. al.*, 2008). Efetivamente, esses projetos de capacitação podem ser desenvolvidos e adotados com sucesso por várias instituições do ensino superior e outros, tanto quanto eles são adaptados às condições locais (ambiente de negócios, tradição acadêmica, atitudes e conhecimentos dos alunos).

Segundo Liñán *et.al.*, (2008) e Pandit *et.al.*, (2018) a educação para o empreendedorismo, implica as atividades que envolvem o desenvolvimento do conhecimento, abordagens, atitudes e qualidades. Durante o processo de educação, o foco deve estar num conjunto de habilidades que devem ser transmitidos de acordo com a idade e desenvolvimento do aluno em questão.

Segundo a empresa D&B (Informa Dun & Bradstreet), através de um estudo divulgado a 29 de maio de 2017<sup>2</sup>, observou que os portugueses estão mais empreendedores. A atividade empresarial no grupo de países que fazem parte do projeto GEM<sup>3</sup> vem crescendo nos últimos anos, situando-se em 13,3% em 2014. Na Europa, apesar de certos altos e baixos, a tendência também foi ascendente, tendo uma taxa de atividade de 7,8%. Por sua vez, Portugal seguiu o caminho europeu, com aumentos nos índices nos últimos anos que culminaram com 10% em 2014. Os indicadores macroeconômicos foram positivos, o número de empresários cresceu para 15,2% aqueles que possuem a intenção de empreender dentro de três anos, com o seu último valor em 18,4%.

Esta situação é confirmada pelo fato de as empresas portuguesas (22,9%) estarem mais otimistas quanto à percepção de boas oportunidades. Ao contrário dos resultados obtidos em 2013, há mais iniciativas motivadas por oportunidades e menos por necessidade aquelas realizadas pela região do centro (77,7% e 22,3% respetivamente). No caso da região da Extremadura, aumentou as percentagens de empresários que declararam ter realizado mais por oportunidade, do que por necessidade (73,9% e 23,2% designadamente). Por outro lado, na área de Alentejo, o percentual de iniciativas motivadas pela oportunidade em comparação com as por necessidade foram (69,2% e 30,8%). O crescimento em comparação com o ano 2014 foi 21%, (Euroace 2015:20).

---

<sup>2</sup> Estudo de “Empreendedorismo em Portugal”, Retrato do Tecido Empresarial, 2017”. Disponível em <http://biblioteca.informadb.pt/>. Acedido a 04 de dezembro de 2017.

<sup>3</sup> Relatório EUAROCÉ 2014/2015 mais informações disponíveis em <http://www.gemconsortium.org/report>. Acedido a 15 de fevereiro de 2018.

No que consta do relatório GEM Portugal, verificou-se uma taxa de empreendedorismo de negócios estabelecidos de 7,7%, o que significa que, em Portugal existem cerca de oito empreendedores estabelecidos (indivíduos proprietários e envolvidos na gestão de um negócio com mais de três anos e meio) por cada cem indivíduos em idade adulta. Tendo presente o valor da taxa TEA (*Early stage Total*<sup>4</sup>), registada para Portugal em 2013 (8,2%) é possível concluir que não existe grande diferença entre ambas, indicando que a maioria dos negócios consegue chegar aos três anos e meio de vida. As economias orientadas para a inovação apresentam o mesmo padrão de atividade empreendedora, revelador de intensidades próximas de atividade *early-stage* e estabelecida, cujas médias registadas foram respetivamente de 7,9% e de 6,7% (GEM, 2013:33).

Em 2013 iniciou-se um ciclo de expansão de três anos consecutivos no número de criação de novas empresas, em que se destaca 2015 como o melhor ano para o empreendedorismo em Portugal, com o maior número de constituições de novas empresas desde 2007. Entre 2007 e 2016, foram constituídas 347.272 empresas e outras organizações, o que representa uma média anual de quase 35 mil, das quais 97% são empresas. Entre 2008 e 2012 registou-se uma queda nas constituições de empresas, com exceção de 2011, em que a possibilidade de constituição de empresas com capital social mínimo de 1 euro por sócio impulsionou a criação de novas empresas. Em 2016, foram criadas 37.248 empresas e outras organizações em Portugal, menos 1,9% face a 2015, mas mantendo-se acima dos 37 mil. Conforme, a empresa *Informa Dun & Bradstreet*, dados divulgados a 13 de outubro de 2017<sup>5</sup>, entre Janeiro e Setembro de 2017, foram criadas mais 2184 empresas do que no período homólogo de 2016, traduzindo-se numa subida de 7,6%. Após um início de ano instável, os últimos cinco meses foram de crescimento no número de constituições. Esta subida dá-se após a interrupção, em 2016, de um ciclo de expansão de três anos consecutivos iniciado em 2013 e que culminou em 2015, o melhor ano em constituições desde 2007.

Portanto, centrando-se na análise das formações que estimulam a elaboração de projetos empresariais, e tendo conhecimento da formação “Aprender 3.0”, auscultou-se a entidade coordenadora sobre essa possibilidade da realização do estudo. A resposta foi afirmativa.

Desta maneira, achou-se importante estudar e analisar as formações a nível do empreendedorismo neste caso, o projeto “Aprender 3.0”, sua influência aos formandos na possibilidade de se tornarem empreendedores. Em particular, pretende-se analisar a nível dessas formações, se os formandos mostram perspectivas em empreender. Tendo em conta duas premissas teóricas, nomeadamente as de Ajzen, (1991) e Soria *et al.* (2016), de acordo com as quais as intenções dos cidadãos aproximam os seus comportamentos futuros e as de Hatala, (2005), que sublinham o papel positivo desempenhado pela educação para o empreendedorismo nas taxas de autoemprego e na diminuição dos obstáculos percebidos pelo empreendedor.

---

<sup>4</sup> *Early-Stage* (indivíduos envolvidos em *start-ups* ou na gestão de novos negócios).

<sup>5</sup> Estudo de “Demografia Empresarial”, 2017. Mais informações disponíveis em: <http://biblioteca.informadb.pt/> Acedido a 04/12/2017.

Para isso, nesta investigação será estudada a Intenção Empreendedora dos formandos do projeto “Aprender 3.0” e como esta é influenciada pelos fatores determinantes, sendo elas Educação para o Empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia e a Propensão para Assumir Riscos. Dando desta forma, o seu contributo a esta área de investigação no que diz respeito ao conhecimento dos benefícios que a formação pode proporcionar como: influência na criação de novas empresas, a incrementação da motivação, aumento das capacidades individuais e mudanças positivas nos modelos culturais e sociais.

## **1.2. Objetivo da Investigação**

O principal objetivo dessa investigação consiste em perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora, dos formandos do Projeto “Aprender 3.0”, tendo em conta vários fatores determinantes, designadamente: (i) Educação para o Empreendedorismo, (ii) Antecedentes Familiares, (iii) Experiência/Formação Profissional Prévia e (iv) Propensão para Assumir Riscos. Deste modo, com essa investigação pretende-se alcançar ainda os seguintes objetivos:

1. Identificar as intenções empreendedoras dos formandos do projeto “Aprender 3.0” relativamente ao empreendedorismo e à criação de empresas;
2. Identificar e descrever os fatores determinantes da Intenção Empreendedora, Educação para o Empreendedorismo, Experiência/Formação Profissional Prévia, Antecedentes Familiares e Propensão para Assumir Riscos;
3. Analisar a influência dos fatores determinantes na formação das Intenções Empreendedoras.

## **1.3. Questões de Investigação**

De acordo com o objetivo geral e os específicos da investigação apresentados anteriormente, procura-se obter respostas às seguintes questões:

- Quais são as intenções empreendedoras dos formandos no que toca ao empreendedorismo e a criação de empresas?
- Quais as razões que motivam as atividades empreendedoras nos formandos e em que medida as instituições de ensino os incentivam para empreender?
- Qual é a propensão empreendedora dos formandos do Projeto “Aprender 3.0”?
- Qual é a importância de a formação do Projeto “Aprender 3.0” que os formandos acham para a sua intenção de empreender?

- Quais são as diversas situações que os influenciam, com maior ou menor significância, as intenções empreendedoras?

Após a apresentação da justificação do tema, objetivo e questões de investigação a seguir, passamos à explanação da estrutura da dissertação que compõe o último ponto da fase introdutória. Para facilitar a compreensão de forma como se encontra estruturado o trabalho.

## 1.4. Estrutura da Dissertação

Relativamente à estrutura da dissertação, ela encontra-se dividida em cinco capítulos, sendo o conteúdo destes sintetizadas com as seguintes descrições:

No capítulo 1, é feita uma introdução, indicando a justificação do tema, assim como os objetivos (geral e específicos) e as questões de investigação. Posteriormente, é apresentada a estrutura do trabalho, é nesta secção onde são conhecidas as partes gerais do trabalho.

No capítulo 2 são apresentados os principais conceitos relativos ao tema. É feita a revisão da literatura desses mesmos conceitos, a saber: Intenção/Capacidade Empreendedora, Empreendedorismo/Empreendedor, Educação para o Empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Prévia e Propensão para Assumir os Riscos. Terminando com um modelo concetual de análise para a investigação.

Seguidamente no capítulo 3, que é dedicado à Metodologia de Investigação, estabelece-se a componente empírica. Aqui é abordado o desenho da investigação, uma explicação do método da recolha dos dados e da amostra obtida. Por fim são apresentadas e caracterizadas as variáveis dependentes e independentes, finalizando com a formulação de hipóteses.

No que toca ao capítulo 4, é reservado a análise de dados e discussão dos resultados, é elaborada com uma breve caracterização da amostra obtida. No seguimento, a análise estatística dos dados e a sua resultante discussão, finalizando com o teste de hipóteses.

Finalmente no capítulo 5 são apresentadas as conclusões, limitações encontradas na elaboração da investigação. Indicando-se depois as futuras linhas de investigação tendo em conta o presente estudo.

É ainda apresentada a Bibliografia que serviu de suporte para a elaboração do trabalho, onde se encontra identificadas os autores e as fontes citadas. No final de tudo, encontram-se o Anexo, parte que consta o questionário, com as questões que serviram de base para a realização da componente empírica.

## 2. Enquadramento Teórico e Hipóteses

### 2.1. Empreendedorismo & Empreendedor

O empreendedorismo tem sido um tema bastante investigado dado à sua importância como um dos principais fatores promotores do desenvolvimento económico e social de um país ou de uma região. Sobretudo, tem assumido como sendo objeto de estudo de várias áreas de conhecimento designadamente: educacional, social, cívica, económica/empresarial, ambiental, psicológica, tecnológica, entre outras. É de ressaltar aqui os diversos pontos de vista de vários autores que nos permite entender melhor esse tema que lhe confere uma vasta possibilidade de conceitos e o que o torna muito dinâmico.

No entanto, a literatura existente mostra que não há uma definição única de empreendedorismo, tendo a sua definição sido sempre controversa e o termo usado por diferentes investigadores para abordar realidades diferentes (Dieguez, 2011). O empreendedorismo deriva do francês “entre” e “prende”, que significa qualquer coisa como «estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor» (Sarkar, 2014). A geração de riqueza e os empregos associada à criação de novos negócios e de novas empresas tornam o empreendedorismo cada vez mais aliciante despertando o interesse de sociedades que procuram alternativas com vista a combater o desemprego, levando a um decréscimo do mesmo, como também, gerar crescimento económico (Tavares, 2013).

Contudo uma das definições mais aceites é dada pelo estudioso de empreendedorismo, Hisrich, (1986:96), em seu livro «Empreendedorismo». Segundo esse autor, “o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando tempo e o esforço necessário, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação económica e pessoal”.

Surgiram também, outros estudiosos com conceitos mais completos, como é o caso de Stevenson, (1993) que diz que “o empreendedorismo é baseado no processo de criação de valor pela utilização de forma diferente dos recursos procurando explorar uma oportunidade”. De uma forma semelhante, Schumpeter, Drucker e Bandura, (1997) associam o empreendedorismo com a inovação, declarando a última como: «A primeira aplicação comercial, ou produção, ou um novo processo, ou produto, sendo que é a contribuição crucial do empreendedor para ligar as novas ideias ao mercado». Os empreendedores são pessoas que criam algo novo, diferente, que inovam e que estão em permanente busca da mudança, explorando-o como sendo uma nova oportunidade (Drucker, 2003).

Por sua vez, Schumpeter, (1997) e Minello e Scherer, (2012), defendem que o empreendedor é considerado como aquele que quebra a ordem e inova, introduzindo novos serviços e produtos pela criação de formas de organização ou pela exportação de novos recursos, identifican-

do assim oportunidades no mercado, promovendo o desenvolvimento e o crescimento económico. Assim, os empreendedores são indivíduos que criam novos negócios, impulsionam e moldam a inovação, aceleram as mudanças estruturais, aumentam a competição no mercado e contribuem para a saúde fiscal da economia (Schott, Kew e Cheraghi, 2015).

Na mesma linha, Carton, Hofer e Meeks, (1998), forneceram uma definição operacional de empreendedorismo que tenta incluir definições de académicos como Schumpeter num conceito compreensivo e adequado. Esses autores definem empreendedorismo e o empreendedor, sendo o primeiro: «a busca de uma oportunidade descontinuada envolvendo a criação de uma organização (ou sub-organização), com a expectativa de criação de valor para os principais interessados. “O empreendedor” é o indivíduo (ou equipa), que identifica a oportunidade, reúne os recursos necessários, cria e é responsável pela *performance* da organização. Portanto, o empreendedorismo é o meio pelo qual as novas organizações são formadas com os empregos resultantes e a criação de bem-estar (Sarkar, 2007:46).

Em geral, o empreendedorismo como sujeito de interesse entre os estudiosos percorreu um longo caminho desde de Schumpeter, (1934) que identificou como um dos mais importantes requisitos para o crescimento da sociedade e a criação de emprego. Para alcançar um bom crescimento económico, é muito importante entender as intenções empreendedoras e os fatores que influenciam essas intenções (Yildirim *et. al.*, 2016). Além disso, alguns estudiosos do empreendedorismo argumentam “se quisermos desenvolver conteúdo real em empreendedorismo, precisamos concentrar nossa atenção na compreensão do ponto de vista do empreendedor” (Strese, 2018:3).

Também, para a Sociedade Portuguesa de Inovação (2004), o empreendedorismo é um forte impulsionador do emprego e do crescimento económico e uma componente chave numa economia de mercado globalizada e competitiva. Na mesma visão Redford (2013), considera o empreendedorismo como impulsionador do crescimento económico de muitos países e, permite, não só a criação de novos empregos e novas indústrias como, também, constitui uma fonte de inovação que permite a renovação de diversas organizações, instituições e, consequentemente, dos países.

Baron e Shane (2007) referem que o empreendedorismo deve ser visto como um processo e não como um evento isolado, identificando as seguintes fases: reconhecer oportunidades (potencial para criar algo novo), decidir avançar e reunir os recursos necessários, prosseguir com a empresa, gerir e desenvolver a empresa tornando-o num negócio rentável, colher as recompensas do investimento realizado e, eventualmente, ponderar estratégias de saída, transferindo a empresa para outras pessoas. Estes autores referem ainda que o processo de empreender ocorre porque um conjunto de indivíduos toma uma decisão e age sobre ela. Vestergaard, *et. al.*, (2012) alega que o empreendedorismo é o processo de agir sobre as oportuni-

dades e as ideias e de transformá-las em valor para os outros. Entretanto, o valor que é criado pode ser financeiro, cultural ou social.

Uma outra definição, que olha para o empreendedorismo de uma forma mais ampla, surge do *Entrepreneurship Center* na Universidade de Miami, no Ohio, este centro como refere Sarkar (2014), define empreendedorismo como: “Processo de identificação, desenvolvimento e captação de uma ideia para a vida. A visão pode ser uma ideia inovadora, uma oportunidade ou simplesmente uma forma melhor de fazer algo. O resultado final deste processo é a criação de uma nova empresa, formada em condições de risco e de incerteza considerável». De acordo com esta instituição, o empreendedorismo vai muito além da criação de negócios. Isto, reflete uma forma de ver e fazer as coisas onde a criatividade tem um papel fundamental (Sarkar, 2014).

Efetivamente é referido por Shneor, Jenssen e Vissak, (2016) e Johara *et. al.*, (2017) que é amplamente reconhecido que o futuro da prosperidade económica está intimamente relacionado com o empreendedorismo. Empreendedorismo é considerado aqui como um fenómeno que é uma atividade humana consideravelmente mais geral e profunda do que trazer inovações radicais para o mercado, só foi associada a essa atividade de jogo para aceitar com respeito aos atributos pessoais e os diferentes tipos de capitais, além de humanos e financeiros, social e cultural (Johannisson, 2016).

Na literatura, encontram-se estudos nos mais diversos âmbitos e datados desde o século XVIII que retratam o caso do empreendedorismo. No âmbito académico, foram criadas nos anos 1940 disciplinas e investigações voltadas para o empreendedorismo na *Harvard Business School*, (Cooper, 2005) e, nos anos 1950, fundada a instituição da *International Council for Small Business* (Souza *et. al.*, 2017).

Tal como é possível constatar, através da análise das definições anteriores, a objetivação de uma definição única e comumente aceite relativamente ao conceito de empreendedorismo apresenta-se como uma tarefa difícil, uma vez que cada autor, em função da sua própria perspectiva, apresenta uma visão que aparenta contornos de parcialidade em função da complexidade do próprio conceito (Kuratko *et. al.*, 2015).

A tabela 1, a seguir, mostra-nos um resumo de várias visões dos diferentes autores na definição do empreendedorismo, a partir do qual serviram de base para novos conceitos. Mas como já foi referido anteriormente, pode-se encontrar outros autores e correntes, por vezes adequados as tendências, industriais, mercados, o que nos leva a considerar o fenómeno do empreendedorismo como algo mais extensivo e dinâmico.

Tabela 1 - Evolução do Termo Empreendedorismo

Autores	Abordagem conceptual	Notas sobre as tendências de cada autor
Richard Cantillon (1755)	Define o empreendedor como um decisor racional que assume o risco e gere a empresa com o objetivo de alcançar o lucro.	Risco, Lucro e Capital
Knight (1921)	Analisou os fatores subjacentes ao lucro do empreendedor.	Lucro
Schumpeter (1936)	Enfatizou o papel do empreendedor como impulsionador da inovação e por conseguinte do crescimento económico.	Inovação e Tecnologia
McClelland (1961)	Estudou as motivações dos empreendedores quando estes começam um novo negócio ou desenvolvem negócios existentes, concluindo que os empreendedores se caracterizam por ter altos níveis de realização ( <i>n-achievement</i> ).	Motivação e perfil psicológico; investigação baseada nas características
Mayer e Goldstein (1961)	Analisaram a <i>performance</i> de 81 empresas durante os primeiros dois anos de vida.	<i>Performance</i> /ambiente externo
Collins et al. (1964)	Estudaram histórias pessoais e o perfil psicológico dos empreendedores que criaram pequenas empresas na região de Detroit e nem todos os estudos provaram que os empreendedores tinham características distintas.	Podem não nascer empreendedores; pode haver um objetivo a prosseguir que os torne empreendedores; investigação baseada nas características
Kirzner (1973)	Alerta para um conjunto de pessoas que conseguem identificar oportunidades, persegui-las e obter lucros.	Identificação de oportunidades
Fast (1978)	Como novos empreendimentos (empreendimentos/empresas), podem ser desenvolvidas em empresas já existentes ou de forma mais ampla como essas empresas se podem tornar mais inovadoras.	Empreendedorismo corporativo
Brockhaus (1980)	A propensão para a «tomada de risco» é igual entre empreendedores, gestores e população em geral.	Não se nasce empreendedor; investigação baseada nas características
Gartner (1988)	Deve-se colocar o foco no comportamento e não nas características.	Comportamento
Kanter (1983)	Estudos que analisam as estruturas organizacionais e administrativas, nomeadamente, como estas geram empreendedorismo interno.	Empreendedorismo corporativo
Burgelman (1983)	Processo como as novas ideias são desenvolvidas e a sua experimentação e desenvolvimento dentro das grandes empresas.	Intra-empreendedorismo
Covin e Slevin (1989)	Encontraram uma postura empresarial que relaciona a alta <i>performance</i> de pequenas	Empreendedorismo corporativo

	empresas que operam em ambientes hostis.	
Birch (1987)	Empresas orientadas para o crescimento ( <i>growth oriented firms</i> ), que chamou de gazelas, dão grande contribuição para a criação de emprego nos EUA.	Empreendedorismo/criação de emprego
Hannan e Freeman (1984); Aldrich (1999)	Algumas organizações estão mais preparadas para competir.	Sociologistas organizacionais; nascimento e morte de empresas/concorrência
Acs e Audretsch (1990)	As pequenas empresas contribuem com uma percentagem substancial para a inovação.	Inovações tecnológicas e pequenas empresas
MacMillan <i>et al.</i> , (1987); Sahlman (19992)	Analísaram a estrutura dos investimentos das empresas.	Recursos/estrutura
Larson (1992)	Como os empreendedores desenvolvem e utilizam as <i>networks</i> para acederem à informação para aumentarem o capital e para aumentarem a sua credibilidade.	Redes e capital social
Bruderl <i>et al.</i> (1992)	Estudaram em 1849 <i>start-ups</i> recorrendo a uma análise multivariada e verificaram que a probabilidade de sobrevivência era maior se tivessem mais empregados, mais capital inicial, mais capital humano e estratégias dirigidas ao mercado nacional.	<i>Performance</i>
Bygrave e Timmons (1992)	Análise de fatores de criação de empresas, identificação da oportunidade, procura de informação, formação de equipa, acesso aos recursos e formulação de estratégias. Neste caso o principal enfoque é no acesso aos recursos.	Analísaram em detalhe as operações de aplicação e retorno de capital de risco.
Stevenson (1994)	O empreendedorismo deve ser seguimento de uma oportunidade.	Exploração de oportunidades
Palich e Bagby (1995)	Comparam os empreendedores aos gestores, atendendo à forma como ambos reagem as situações ambíguas de negócio e concluem que os empreendedores entendem mais as oportunidades do que os problemas.	Empreendedor diferente de gestor na perceção de oportunidades.
Gimeno, Folta, Cooper e Woo (1997)	O nível de <i>threshol</i> (exigência) é função dos custos de oportunidade, <i>switching costs</i> (custos de encerramento) e dos valores pessoais.	<i>Performance/</i> permanência no negócio.
Shane e Venkataraman (2000)	Exploração de oportunidades.	Explorar oportunidades
Stuart (2000)	As redes de ligações com entidades reputadas podem aumentar a legitimidade e conduzir a um aumento das vendas.	Redes e capital social
Casson (2003)	Inovação no centro do empreendedorismo.	Inovação

Roxas <i>et al.</i> , (2008)	Inovação como <i>driving force</i> do empreendedorismo e de comportamento empreendedor inovador.	Inovação
Baron e Shane (2008)	O empreendedorismo deve ser visto como processo e não como evento isolado.	Transformação de Potencial em oportunidades
Vestergaard (2012)	Deve-se agir sobre oportunidades e ideias e transformá-las em valor.	Processo empreendedor
GEM (2013)	Empreendedorismo é qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento, como por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente.	Em qualquer das situações, a iniciativa pode ser de um indivíduo, grupos de indivíduos ou de empresas já estabelecidas
Sarkar (2014)	A inovação, tecnologia está na base da criação de novas ideias e novas organizações.	Inovação e tecnologia
Johannisson (2016)	Deve-se focar na atividade humana.	Desenvolvimento de atividades
Parreira et al. (2017)	O empreendedorismo define a criação de um novo projeto, autoemprego ou expansão de um negócio existente.	Recursos e oportunidades empreendedoras
Landstrom et Harirchi (2018).	O empreendedorismo é composto por um grande número de estudiosos unidos em amplas comunidades acadêmicas por uma visão científica comum e um sistema de comunicação compartilhada.	Comunidade empreendedora

Fonte: Elaboração própria e em parte adaptado de Sarkar (2014:59-61)

Como já referido anteriormente, existe uma ampla e extensa literatura que considera o empreendedorismo e os fatores condicionadores da atividade empreendedora. São de igual modo vários fatores tratados por distintos autores, que afetam o empreendedorismo. Contudo, tendo em conta, a revisão da literatura efetuada, nessa investigação pretende-se destacar alguns fatores que podem influenciar a intenção empreendedora, designadamente: Educação para o Empreendedorismo, antecedentes familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia e Propensão para Assumir Riscos.

## 2.2. Intenção Empreendedora

As intenções empreendedoras constituem um elemento fundamental no desempenho de atividades de empreendedorismo, correspondendo a um importante indicador dessas atividades (Liñán, 2004). No que diz respeito à literatura sobre a intenção empreendedora pode-se verificar que não há um comportamento empreendedor sem intenção empreendedora. Efetivamente, várias são as visões defendidas por vários autores sob diferentes óticas. É possível encontrar várias investigações onde se identificam dois modelos teóricos relativos ao tema das intenções empreendedoras, nomeadamente: (I) o Modelo Conceptual de Shapero (1982):

Modelo da Intenção Empreendedora e (II) Modelo Conceptual de Ajzen (1991): Teoria do Comportamento Planeado. Portanto, para Ajzen, (1991) seja qual for o comportamento este necessita sempre do devido planejamento antes de ser executado, ou seja, o processo de criação de um determinado negócio pode ser determinado previamente através da intenção tomada pelo indivíduo. Assim, através da Teoria do Comportamento Planeado é possível identificar se um determinado indivíduo tem intenção de criar um novo projeto empresarial, avaliando-se a sua intenção empreendedora.

Os autores Katz e Gartner (1988) por seu lado definem a intenção empreendedora como uma procura de informações que podem ser usadas para ajudar a cumprir um determinado objetivo para a criação de um processo empreendedor. Bird (1988), Shane e Venkataraman (2000) defendem que os dois objetivos que mais caracterizam o fenómeno do empreendedorismo são a criação de um novo negócio independente e a criação de novos valores em negócios já existentes. Por conseguinte, para esses autores, um objetivo claro e definido é fator essencial para que haja uma intenção.

Para Shapero e Sokol (1982) é justamente a convergência de atitudes do indivíduo e fatores situacionais do ambiente que conduz ao início de um empreendimento. De maneira similar, Krueger e Brazeal, (1994), argumentam que a intenção de empreender é baseada na interação entre características pessoais, perceções, valores, crenças variáveis sociodemográficos e o ambiente. Mas Bandura (1997) afirmou que a intenção é a determinação que se tem para uma certa atividade. Pois, a intenção é uma parte vital do auto regulação do indivíduo que é provocada pela motivação para agir. Certamente, as intenções e atitudes variam de acordo com a situação e o indivíduo. Shook *et. al.*,(2003) definem o fenómeno empreendedor como um processo que passa por algumas fases: que tem início com a intenção empreendedora, avançado para a busca de oportunidades viáveis de negócio, passando em seguida, por uma fase de decisão, onde as oportunidades serão avaliadas e finalizadas com a execução de atividades efetivas que possibilitam a criação de uma empresa.

As intenções ocupam uma posição central no estudo do comportamento humano (Tubbs e Ekerberg, 1991). Pode-se constatar várias investigações onde os autores relacionam o comportamento com a intenção empreendedora como é o caso de Fishbein e Ajzen (1975), Perugini e Bagozzi (2001) que defendem que a intenção de realizar um determinado comportamento, é motivado principalmente pelo desejo de concretizar esse comportamento e para alcançar um objetivo específico. A intenção de um indivíduo está associada ao seu comportamento, ou seja, toda intenção prevê um comportamento (Krueger *et. al.*, 2000).

Liñán (2004) afirma que a intenção se torna no elemento essencial e impulsionador do comportamento de um indivíduo, pois mostra o esforço de uma pessoa para realizar o comportamento empreendedor. Ou seja, a “intenção empreendedora é o primeiro passo para o processo de criação da empresa” (Liñán e Chen, 2009:595). Assim, a IE é apontada como um dos

conceitos fundamentais empregados na investigação sobre o empreendedorismo (Thompson, 2009). Visto que, os estudos pioneiros sobre a IE datam do final da década de 1980, desde então, o tema tem atraído interesse de diversos estudiosos, inclusive os da psicologia social e da psicologia cognitiva, com o objetivo de verificar o papel de variáveis individuais e contextuais (Liñán e Fayolle, 2015). Ainda esses autores explicam que existe um grande potencial por parte da investigação relativa as intenções empreendedoras para contribuir para uma melhor compreensão do processo de tomada de decisão empreendedora a nível individual, particularmente se se centrar na análise dos mecanismos mentais e cognitivos que submetem a essa decisão. Caso tal venha a ser conseguido, poderiam daí decorrer impactos positivos para as várias iniciativas educativas do empreendedorismo.

Estudos anteriores descobriram que a intenção em empreender é determinada por variedade de fatores cognitivos e contextuais que podem exercer uma influência positiva ou negativa na intenção empreendedora, muitas vezes modelando-as em combinações ou como interações (Feder e Nitu-Antonie, 2017). Conforme Brandstatter (2011:223) e Yin (2018:50), os estudos anteriores têm sugerido que os traços de personalidade são relevantes no empreendedorismo e intenções em empreender. Pode-se argumentar que uma pessoa com IE bem desenvolvida é mais provável realizar fatores que determinam a intenção empreendedora (Kusmintarti *et. al.*, 2016).

As intenções em empreender podem ser vistas pelo interesse do indivíduo para com um negócio, oportunidade, uma visão positiva do fracasso do negócio e interesses comerciais em risco (Utami, 2017). Deste modo, vários defensores encontraram apoio empírico quanto à influência da atitude e intenções empreendedoras (Utami, 2017; Buli e Yesuf, 2015; Zaremohzabieh, & *al.*, 2016).

Neste seguimento, exemplo disso, é o 7.º estudo da AGER <sup>6</sup>(*Amway Global Entrepreneurship Report, 2017*), um relatório anual que foca as principais tendências empreendedoras a nível global, e que analisa também a realidade nacional. Este estudo indica que 67% dos portugueses apresenta uma atitude positiva perante as temáticas do empreendedorismo. Este valor, ainda que bastante positivo, em função fica abaixo dos 74% da média europeia ou 77% da média global.

Esse estudo, porém, diz que os dados por faixas etárias analisados concluiu-se que os jovens com menos de 35 anos, os *millennials*<sup>7</sup>, são aqueles que se mostram mais motivados e com vontade para desenvolver o seu próprio negócio, com uma média nacional de 78%, acima dos

---

<sup>6</sup> O estudo AGER 2016 revela que os *millennials* portugueses são mais empreendedores, apesar do potencial para criar o seu próprio negócio em Portugal continuar a ser insuficiente. Mais informações disponíveis em: <http://noticias.universia.pt/destaque/noticia/2017/05/04/1152117/portugueses-cada-vez-abertos-empreendedorismo.html>. Acesso a 27 de dezembro de 2017.

<sup>7</sup> Os *millennials*, também conhecidos como Geração Y, é a geração que vem revolucionar o capitalismo. São os jovens que nasceram entre os anos 1980 e 1995 e que totalizam 1,8 bilhões de pessoas no mundo. Mais informações disponíveis em <http://noticias.universia.pt/destaque/noticia/2017/01/09/1147923/nova-geracao-millennials-diferenciam-avos.html>. Acesso a 27 de dezembro de 2017.

67% registados pelos adultos entre os 35 e os 49 e dos 55% dos seniores com mais de 50 anos de idade. O estudo revela que ao analisar o potencial para empreender, verifica-se que apesar de a vontade existir, as pessoas não conseguem passar a prática, uma vez que apenas 36% dos inquiridos (um número ainda mais baixo e que em 2015 obteve 39%) dos que pretendem criar o seu próprio negócio. E esta realidade afeta não só os grupos etários mais velhos, como os “jovens *millenials*”, abaixo dos 35 anos de idade, que nesta análise apenas 44% se manifestaram de forma positiva. Em termos geográficos, Lisboa (72%) e Alentejo (71%), são as áreas regionais do país que demonstram uma atitude empreendedora mais positiva, por oposição ao Algarve (48%). As principais motivações para a criação do próprio emprego continuam a ser o mesmo ao longo dos anos: ser o seu próprio chefe (45%), seguido da “concretização de ideias pessoais” (38%) e a possibilidade para regressar ao mercado de trabalho (35%). A conciliação entre trabalho, família e lazer (19%) e a obtenção de uma segunda fonte de rendimento (17%), foram outras opções apresentadas.

Relativamente a perceção dos portugueses, no que toca ao futuro do empreendedorismo, pensa-se que a curto-médio prazo, para os próximos cinco anos, 28% dos inquiridos acredita que as pessoas estarão mais empregadas, com o seu próprio emprego, 25% acha que a situação se vai manter idêntica ao que se regista atualmente e 30% não afirma o empreendedorismo de forma tão positiva. Deste modo, os inquiridos portugueses demonstram uma opinião difusa em torno do futuro do autoemprego.

Conforme, já se referiu anteriormente várias investigações identificam o modelo de Shapero (1982) e Ajzen, (1991). Este modelo assenta em três variáveis que perfazem a elaboração da intenção e, conseqüentemente determinam o comportamento, sendo elas: (I) as atitudes, (II) as normas subjetivas e (III) o controlo comportamental percebido. Para os autores, estas três variáveis expõem o intuito de realização de um comportamento, quanto maior for a apreciação de um determinado indivíduo relativamente ao comportamento, maior será também, a intenção em concretizar o mesmo. Este modelo teórico ilustrado na (Figura 1), contribuiu bastante para o estudo da intenção empreendedora, tornando-se amplamente utilizado em diversos estudos (Ajzen, 2012 e Liñán, 2015).

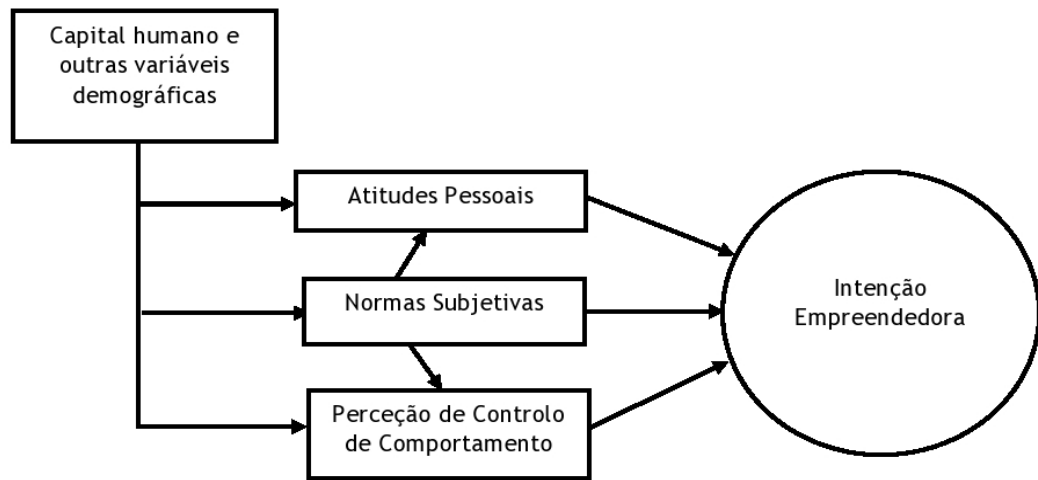


Figura 1 - Modelo da Intenção Empreendedora  
Fonte: Chen, Y. Liñán, F. (2009)

A intenção empreendedora tem sido objeto de estudo de vários investigadores e o seu conceito tem evoluído, demonstrando a sua evidência e importância no contexto do empreendedorismo. A partir da revisão da literatura efetuada ao tema, nesta investigação prevê-se o estudo de alguns fatores determinantes e que condicionam a intenção empreendedora sendo elas: Educação para o Empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia e Propensão para Assumir Riscos. Sendo os quais analisados seguidamente.

### 2.3. Educação para o Empreendedorismo

De acordo com a abordagem comportamentalista (Watson, 1913), a educação pode contribuir para aumentar a capacidade empreendedora (Ajzen, 1991 e Dutta *et. al.*, 2011). A pretendida alteração de comportamentos, no sentido de tornar conjuntos da população mais acessíveis à iniciativa empreendedora, leva a que esta corrente da (EE) educação para o empreendedorismo, seja colocada em prática através de processos educativos formais e informais.

No entanto, quando mais se aprende sobre o tema empreendedorismo, mais o indivíduo torna-se consciente da existência desta opção como atividade profissional (Liñán, 2004). Entretanto, Vanevenhoven (2013) afirma que o empreendedorismo é um conjunto de passos que podem ser aprendidos e, portanto, podem ser ensinados. A EE é como um processo, que prepara as pessoas com capacidades para desenvolver ideias, identificar oportunidades, habilidades e conhecimento para a ação.

Assim, a educação para o empreendedorismo pode cultivar atitudes e intenções nos alunos bem como a criação de uma nova empresa (Liñán, 2008; Bae, Qian, Miao e Fiet, 2014). Ela pode ser uma fonte de inspiração, e pode promover ainda mais um aumento da IE entre as novas gerações (Lorz, 2011). Na mesma linha Pandit *et. al.*, (2018), argumentam ser a favor da educação para o empreendedorismo. Esses autores defendem que os estudantes que se

especializam em empreendedorismo devem receber uma educação detalhada sobre as diferentes formas de gestão de uma *start-up* e sob uma variedade de perspectivas, como negócios, leis, macroeconomia e política pública.

Portanto, a educação para o empreendedorismo não é apenas um método de transmitir técnicas instrumentais para quem já decidiu que pretende seguir a atividade empreendedora, como profissão, mas sim, dar a conhecer esta opção de atividade a indivíduos que não a tinham como seu objetivo profissional (Liñán, Rodríguez-Cohard e Rueda-Cantuche, 2011). A maior parte da investigação sobre a temática da educação para o empreendedorismo presume que os empreendedores assumem esse papel recorrendo a uma tomada de decisão planeada de modo consciente, sendo as atitudes relativas a atividade empreendedora positivamente influenciada pela educação. Assim, uma das formas de verificar o sucesso do ensino do empreendedorismo corresponderá ao efeito que esse ensino produz nas intenções de empreender, por parte dos indivíduos que frequentaram esse sistema de ensino. A literatura sugere que o empreendedorismo contribua positivamente para o desenvolvimento económico através da criação de emprego e do crescimento inclusivo (Urban, 2018).

Contudo, na União Europeia, foi iniciado e desenvolvido um movimento pelas entidades oficiais, no sentido de promover o ensino do empreendedorismo. Efetivamente, no contexto da UE diversos países têm procurado integrar, em diversos níveis de ensino, a temática do empreendedorismo. No total dos países classificados como *innovation-driven economies*, Portugal está incluído nos seis (6) países com classificação positiva neste parâmetro juntamente com a República Checa, Holanda, Noruega, Suécia e Suíça. Porém, como já foi referido e como acontece nos países classificados como *innovation-driven economies*, a taxa inicial de atividade empreendedora é baixa e ronda aos 7,5% (Boasma, Wennekers e Amarós, 2012). De acordo com um estudo realizado pela AMWAY<sup>8</sup> (*Amway Corporation, Inc*) em 2015, conclui que só 16% dos portugueses inquiridos para o Estudo Global do Empreendedorismo, consideram a sociedade em que vivem favorável ao empreendedorismo. Esse estudo avaliou ainda outros dados tais como a atitude dos inquiridos face ao empreendedorismo, a vontade de serem empreendedores, as motivações por detrás dessa vontade e as barreiras que consideram existir no seu país. “Se a educação para o empreendedorismo se centrar nos interesses do empreendedor (como condutor de processo de mudança) e não num destino específico do empreendimento, como a usual criação de autoemprego (um dos veículos possíveis de mudança), as possibilidades de exercício de “poder”, sobre sua própria vida, alargam-se, desde a criação de um projeto pessoal (seja de caráter social, económico ou artístico, etc.), à descoberta das suas próprias motivações ou à realização das suas capacidades” (Ferreira, 2014:18).

---

<sup>8</sup> A AMWAY é (uma multinacional norte-americana que trabalha no setor de vendas diretas). O estudo foi realizado em conjunto com a universidade técnica de Munique e com apoio do instituto GFK *research*, de Nuremberga Alemanha. Mais informações disponíveis em <http://observador.pt/2016/04/07/portugal-pouco-favoravel-ao-empreendedorismo-diz-estudo/>. Consultado a 12 de dezembro de 2017.

As instituições de ensino desempenham, no entanto, um papel essencial no desenvolvimento deste tipo de competências empreendedoras iniciais, que mais tarde, se manifestam sob a forma de alguma atividade empreendedora. Estudos indicam que as instituições de ensino devem se aproximar dos empresários de forma a partilhar as suas experiências, ademais, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de espírito empreendedor dos estudantes, através de programas inovadores e cultura de investigação orientada (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Luthje e Franke, 2003; Honig, 2004; Kyro e Carrier, 2005; Kuratko, 2005; Naia, 2009; Liñán e Chen, 2009).

De acordo com Rodrigues, Ferreira e Paço, (2010), as universidades portuguesas deveriam integrar o tema do empreendedorismo nos planos curriculares e estimular a participação dos seus alunos em cursos, ou cadeiras, de empreendedorismo. Com especial atenção para as áreas de engenharia e científicas, com o intuito de criar uma cultura empresarial a fim da criação de *spin-offs*. Moreira e Silva (2008) concluem que, cursos direcionados para o empreendedorismo afetam as atitudes e as intenções dos estudantes, afirmando que é possível formar empreendedores, retirando força a ideia de que um empreendedor é definido à partida.

No seu estudo Moreira, (2011) inquiriu licenciados das ciências sociais que concluíram o curso há 5 anos, os resultados mostram que 12% são empreendedores e são motivados por dificuldades de entrada no mercado de trabalho, escassez de empresas na área e liberdade económica. Os inquiridos que se tornaram empresários são licenciados em Gestão e Comunicação Social, na sua maioria do sexo masculino com mais de 25 anos.

Pinho e Gaspar (2012) concluíram que 74% dos estudantes afirmam que gostaria de iniciar o seu próprio negócio. Os autores indicam que este valor pode ser explicado por vários fatores determinantes, e para a obtenção deste resultado, entre os quais, o tecido socioeconómico em que se encontra o instituto de ensino, o facto de na família de 50%, ou mais, dos estudantes ter empresários torna o clima propenso ao empreendedorismo, concebido em cada instituição académica. Assim vários investigadores argumentam que o empreendedorismo é específico do contexto e, portanto, a IE é afetada por fatores individuais e socioculturais (Singh, Verma e Rao, 2016).

Deste modo, torna-se importante perceber de que forma a educação para o empreendedorismo irá condicionar a intenção empreendedora dos inquiridos neste estudo. A partir da revisão da literatura exposta no que se refere à Educação para o Empreendedorismo, é enunciada a primeira hipótese deste estudo:

*H1: A educação para o empreendedorismo influencia positivamente a IE dos formandos do projeto Apreender 3.0.*

## 2.4. Antecedentes Familiares

Existem diversos fatores associados aos antecedentes pessoais que podem estar relacionados com a intenção empreendedora de um indivíduo. Um desses fatores são os antecedentes familiares, a forma como este influencia a intenção empreendedora. Investigações sobre o tema têm demonstrado que a existência na família, de pessoas que possuem negócios por conta própria, em particular a atividade exercida pelo pai e pela mãe, é considerada um fator chave na opção pelo negócio próprio (Matthews e Moser, 1996). Ainda segundo esses autores, os indivíduos com familiares que exercem atividades empresariais distinguiram-se significativamente em sua *performance* de indivíduos que não tinham este *background*. Também, vários estudos sobre o empreendedorismo relatam o fator família como determinante para este fenômeno, devido ao “*background*” fornecido para o indivíduo (Aldrich e Cliff, 2003; Carr e Sequeira 2007), ou a um modelo empreendedor existente na família (Krueger, 1993).

Muitos autores têm mostrado que as pessoas apresentam mais oportunidades de se tornarem empreendedoras se houver um modelo na família ou no seu meio (Filion, 1999). O meio social, ou seja, a família, a escola, os amigos com os quais a pessoa convive contribuem para a formação do seu autoconceito, um dos fatores fundamentais do processo empreendedor (Filion 1991 e Souza, 2001). Esta envolvente dos estudantes, em famílias empreendedoras, deve ser vista como um possível fator influenciador, tanto do perfil, como também da intenção empreendedora.

Para Shapero e Sokol (1982), um dos aspectos importantes para estimular o comportamento empreendedor e impulsionar negócios está justamente relacionado ao núcleo familiar, ou seja, a experiência de parentes atuando como modelos e referências. Desta forma, a família, em especial, exerce um papel fundamental na formação do ser humano (Garcia, 2001). Na visão do autor o papel dos pais tem uma ação direta na construção de um projeto de vida e, para isto, sonhar é fundamental.

Entretanto, alguns autores não acreditam que o comportamento e a opinião da família influenciam diretamente a intenção empreendedora dos filhos (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000). Isto, tendo em conta que o fato dos pais serem empresários, não quer dizer que os filhos vão ser empresários. No estudo desenvolvido por Peng, Lu e Kang, (2012) e Santos (2016) os autores analisaram os níveis de intenção empreendedora e alguns fatores influenciadores, nomeadamente os antecedentes familiares. Os autores inquiriram 2010 estudantes de nove universidades na China, onde chegaram a conclusão de que os antecedentes familiares não têm impacto significativo na intenção empreendedora dos estudantes.

Os investigadores Sing e Denoble, (2003), Laspita *et. al.*, (2012) e Vieira *et al.*, (2014) afirmam que os indivíduos que fazem parte de famílias empreendedoras, ou seja, possuem um negócio familiar, apresentam maiores intenções empreendedoras, aumentando as percepções

de que o autoemprego é uma opção de carreira e de que é possível obter rendimentos maiores. Deste modo, a intenção empreendedora pode ser influenciada por fatores genéticos elevados (Vieira *et. al.*, 2014). Todavia, esses autores afirmam que na prática, muitos empreendedores não detêm este “*background*” familiar, isto é, a existência de negócios na família. A envolvimento social também tem influência nas decisões empreendedoras dos indivíduos (GEM, 2012). E esse estudo refere que as pessoas que têm dificuldades em encontrar emprego ou que são socialmente distanciadas procuram resolver a sua situação, muitas vezes, através da criação de uma empresa ou negócio.

Outro estudo relacionado com a importância da educação na formação dos desejos das pessoas se tornarem autônomas foi realizado por Thomas, (2009) e Oliveira, (2017), cujo foco principal foi a formação de aspirações para o autoemprego. Thomas analisou as características de antecedentes individuais e familiares, e a trajetória educacional como variáveis explicativas da formação das aspirações empreendedoras de uma amostra analítica de 7.471 estudantes secundários. Os resultados encontrados indicaram que o sucesso acadêmico e os antecedentes familiares não reduzem a probabilidade de jovens, que ingressam no mercado de trabalho, aspirarem ser proprietários de um pequeno negócio com a idade de até 30 anos.

Considerando o exposto acima e apesar do não consenso quanto à influência familiar na intenção empreendedora, é possível aferir que os antecedentes familiares podem influenciar ou não a intenção em empreender. Desta forma, formula-se a seguinte hipótese de investigação:

*H2: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.*

## **2.5. Experiência/Formação Profissional Prévia**

O estudo dos fatores que influenciam as intenções empreendedoras é relevante, especialmente, tendo em conta os benefícios socioeconômicos geralmente atribuídos ao empreendedorismo (Jorge, 2016). Desta forma, torna-se importante ressaltar nesse estudo a experiência e/ou a formação profissional prévia dos empreendedores.

Os conhecimentos adquiridos com a educação formal, juntamente com a experiência profissional prévia, são fatores bastante importantes na criação de empresas (Carvalho, 2004). A capacitação em empreendedorismo tem sido usada como força motriz para melhorar as competências empresariais (Zahra, 2011 e Olugbola, 2017). Portanto, a experiência empresarial foi vista como um fator que influencia a intenção empreendedora (Fayolle e Gailly, 2015). De acordo com Kolvereid (1996) alunos que tenham obtido alguma experiência de trabalho podem vir a ter uma imagem mais realista do mercado de trabalho. A experiência profissional como trabalhador por conta de outrem permitirá contactos diretamente com outros empresários em ocasiões como reuniões, transações comerciais, formações, entre outros, dando-lhes

a possibilidade de aprendizagem prática (Fini et al., 2009). Em contrapartida, empreendedores mais velhos têm a seu favor a experiência profissional prévia e a possibilidade de estabelecer ligações comerciais e sociais mais facilmente, aspectos que podem minimizar o risco do negócio, ajudando na superação das dificuldades iniciais (Gomes, 2009). Entretanto, Ellen (2010) indica que vários estudos mostraram que a experiência prévia prevê intenções empreendedoras futuras.

Para Gibb (1993) a experiência profissional como trabalhador por conta de outrem vai permitir uma aprendizagem sobre a função empresarial em termos práticos. Segundo este mesmo autor o indivíduo vai aprender por ele próprio, observando as pessoas a fazer as coisas, quando e com quem fazer as coisas e aprende também a relacionar-se com os clientes, fornecedores, entidades financeiras, etc., tudo num processo de interação pessoal que vai mais além do que a simples instrução formal. Também existe evidência empírica que demonstra que 64,5% das pessoas que tinham criado um negócio tinham tido dois ou mais empregos anteriormente (Cooper & Dunkelberg, 1984), o que mostra a grande importância da experiência profissional prévia no potencial empreendedor.

Delmar e Davidsson (2000) realizaram estudos comparando a intenção empreendedora *cross-cultural* entre Suécia, Estados Unidos e Noruega. Identificaram que as experiências empreendedoras passadas são um importante explicador da decisão de empreender. De fato, esta aprendizagem dota os indivíduos de conhecimento prático acerca dos passos necessários para a implementação de seus negócios. Os autores evidenciaram ainda que a experiência profissional como trabalhador não tem impacto significativo sobre a intenção empreendedora, contrariando os resultados de Bosma, Van Praag e Wit (2000), que provaram que esta variável é decisiva para o sucesso de um empreendimento. Estes autores, por outro lado, confirmam os resultados de Delmar e Davidsson (2000), ao evidenciarem a importância da vivência como empreendedor para obtenção de maiores lucros.

Os autores De Wit e Van Winden (1991), também, nos seus estudos incluíram em seus testes empíricos as variáveis capacidade de gestão e desempenho como trabalhador, características que presumem a experiência prévia do indivíduo. Teixeira e Davey (2010) igualmente confirmam empiricamente a relevância, entre outros fatores, da experiência profissional como um antecedente significativo da intenção empreendedora.

No seu estudo envolvendo estudantes universitários, Ali et al., (2012) demonstram que a experiência profissional desempenha um papel significativo na formação da intenção empreendedora. Ellen (2010) considera que mesmo experiências adquiridas no contexto educacional (como estágios de verão, projetos de consultoria com *start-ups*, escrever estudos de caso sobre empreendedores, entre outras) devem aumentar a intenção dos alunos para iniciar um negócio. Importa acrescentar que o estatuto de estudante pode ter influência na intenção empreendedora, uma vez que a experiência profissional pode funcionar como um fator bas-

tante relevante na criação de empresas. Em concreto, cabe esperar que os alunos que sejam trabalhadores e estudantes manifestem uma maior propensão à intenção em empreender (Carvalho et González, 2006).

Assim, a experiência prévia dos indivíduos diretamente relacionada com a criação e atividades de arranque de uma organização, terão um impacto sobre a sua própria tendência em se tornarem empreendedores (Clarysse, Tartari, et Salter, 2011; Krueger, 1993).

Em suma, segundo Urban e Muzamhindo, (2018) a abertura para a experiência é caracterizada por curiosidade e exploração de novas experiências, ambos essenciais para o estabelecimento de novas empresas porque os empreendedores são necessários para explorar novas ideias para seus produtos ou serviços.

Com a revisão da literatura é possível verificar que a experiência/formação profissional prévia dos indivíduos se encontram interligados e que ambos contribuem significativamente para a possibilidade de desenvolvimento da intenção empreendedora. Face a esta revisão de literatura, formula-se a seguinte hipótese de investigação:

*H3: A experiência/formação profissional prévia dos indivíduos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.*

## **2.6. Propensão para Assumir Riscos**

A propensão para assumir riscos é uma parte essencial do empreendedorismo, pois um indivíduo não tem, com antecedência, a certeza se os produtos desejados podem ser produzidos, se as necessidades dos consumidores podem ser atendidas, ou se os lucros podem ser gerados antes de um novo produto ou serviço seja introduzido, assim existe sempre um risco. Ao considerar a importância do empreendedorismo, é importante entender que as circunstâncias permeiam um ambiente propício ao empreendedorismo e o quão dispostas a correr riscos estão as pessoas. Além disso, é relevante entender como se dão as relações de influência na formação de propensão ao risco de empreender e, a sua contribuição positiva para a construção de políticas que visem o fortalecimento do empreendedorismo (Mota, 2017:160). Tais riscos podem estar associados a variáveis macro ambientais ou mais relacionados ao próprio negócio a ser empreendido (Begley, Tan et Schoch, 2005).

O processo de reconhecimento de oportunidades se dá, principalmente, ao identificar as variáveis que compõem os recursos político-económicos, a forma como esses recursos são percebidos pelo futuro empreendedor e, por fim, o que motiva o indivíduo a empreender: necessidade ou desejo (Begley *et. al.*, 2005). Tais variáveis, quando percebidas, ajudam na decisão se o empreendimento deve ou não ser posto em prática (Hung, Tangpong e Li, 2012; Kanadhasan, Aramvalarthan e Kumar, 2014).

Kannadhasan *et. al.*, (2014) apontam que alguns indivíduos, ao perceber menos riscos em determinados ambientes, tendem a ser mais empreendedores do que outros influenciados por um sentimento de otimismo, além da sua própria capacitação, que também pode encorajá-los (Mota, Sobreira, Vale e Nogueira, 2017).

Algumas investigações mostram que os indivíduos empreendedores têm uma maior propensão para assumir riscos do que aqueles que não exploram qualquer projeto empresarial (Sagie e Elizur, 1999; Stewart e Roth, 2001; Van Praag e Cramer, 2001; Teixeira, 2008). Também, as investigações sugerem que os empreendedores não se veem necessariamente, dispostos a correr riscos, mas tendem a ver situações de risco de uma forma mais positiva (Bandera, Collins e Passerini, 2018:227). É feita a referência em diversos estudos, que a propensão para assumir riscos, é um fator que distingue os gestores dos empreendedores, visto tratar-se de uma característica fundamental da atividade empreendedora (Brandstätter e Rodrigues *et. al.*, 2011). Portanto, a temática de avaliação e propensão ao risco, trata-se de um dos aspectos do comportamento empreendedor bastante lembrado e considerado por diversos estudos da área (Grabble e Lytton, 1998; Miller, Kets de Vries e Toulouse, 1982; Wang e Poutziouris, 2010; Wenhong e Liuying, 2010 e Zahra, 2005). Assim, pode-se afirmar que o processo de reconhecimento dos riscos para empreender pode estar relacionado não somente aos fatores externos à futura organização, como também à formação do futuro empreendedor.

Desta forma, entende-se que somente o ambiente interno à futura empresa não é suficiente para entender os riscos inerentes da atividade empreendedora, mas, também, o entendimento do ambiente externo se torna crucial. Esse fator pode ser observado em Begley *et.al.*, (2005), que estudaram 176 países e mostram que fatores como a regulação governamental e disposição de mão-de-obra especializada são relevantes para o início de empreendimentos na visão dos empreendedores, o que reduz o sentimento de risco. Efetivamente a propensão ao risco pode estar associada a fatores abrangentes como tolerância à incerteza inerente à cultura na qual a pessoa está inserida ou ao ambiente macroeconômico e às políticas governamentais do contexto (Valdez, Doktor, Singer e Dana, 2011) e a fatores particulares, como gênero, família, idade e a educação (Wang e Poutziouris, 2010).

Assim, o risco que o futuro empreendedor está disposto a correr depende de diversas variáveis, sejam elas internas às atividades ou externas (Baron, 2006 e Quader, 2012). Minello e Scherer (2014) apontam que, entre diversas variáveis, a sensação de poder do empreendedor (a sensação de que irá conseguir tudo o que pretende no momento em que desejar, com baixo nível de medo), é uma característica peculiar mesmo entre os empreendedores que já falharam. Tal posicionamento pode ser interpretado de forma negativa, o que pode desmotivar os empreendedores.

O uso de indicadores no nível individual de atividade empresarial, tais como o levantamento da quantidade de empreendedores que nascem e empreendedores novos, que compõem o

índice TEA, (*Total Entrepreneurial Activity*) baseia-se em fundamentos conceituais, como a inovação empresarial e a assunção de riscos para que se evitem possíveis confusões nas medidas (Covin e Slevin, 1986). No entanto, Van Stel *et. al.*, (2005) encontraram uma relação negativa entre o índice TEA e o crescimento económico, o que pode sugerir que há uma relação, ainda que indireta, entre o índice TEA e risco de empreender, haja vista a relação existente entre risco de empreender dos indivíduos e o crescimento económico (Marcotte, 2012).

De salientar que, conforme o relatório GEM, (*Global Entrepreneurship Monitor*, 2015:7), entende-se como empreendedor nascente aqueles que “estão envolvidos na estruturação de um negócio do qual são proprietários, mas que ainda não pagou salários, *pró-labores* ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de três (3) meses” e como empreendedor novo aqueles que “administram e são proprietários de um novo negócio que pagou salários, *gerou pró-labores* ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de três e menos de 42 meses” (*Global Entrepreneurship Monitor*, 2015:8).

Wenhong e Liuying (2010) alegam que a percepção do risco diz respeito à causalidade entre a propensão ao risco e o comportamento empreendedor em si. Não obstante, o risco de empreender demonstra ter relações com a taxa de empreendedores e com a percepção de oportunidades no mercado. Afinal, a percepção que os indivíduos têm das oportunidades no mercado pode relacionar-se com o quão disposto eles estão para correr o risco de empreender frente às oportunidades percebidas (Kannadhasan *et. al.*, 2014). Essa percepção pode manifestar-se no indivíduo e motivá-lo a empreender por necessidade ou por interesse vocacional.

No caso em que há a motivação por necessidade, o empreendedor tende a considerar os riscos e isso pode causar o medo de empreender. Contudo, devido à necessidade, ele se vê obrigado a empreender mesmo assim, diferentemente de quando o empreendedor pretende abrir um negócio por vocação (Koh,1996; Marshall e Ojiako, 2015; Wang e Poutziouris, 2010). Nesse caso, a questão do medo de empreender pode influenciar na decisão de abrir um negócio conforme as motivações do empreendedor. Ou seja, o medo de empreender acaba por se relacionar com a propensão ao risco de empreender (Quader, 2012 e Wennberg *et. al.*, 2013).

Por um lado, a atitude de encarar o risco de empreender pode ser considerada maior em empreendedores que o fazem por oportunidade, que toleram melhor o risco em relação aos que empreendem por necessidade, até com investimento de maior quantia no novo negócio. Por outro lado, empreendedores por necessidade são mais propensos a relatar o medo do fracasso como motivo para não empreender, o que também evidencia maior aversão ao risco dos empreendedores por necessidade (Block, Sandner e Spiegel, 2015).

De acordo com Block *et. al.*, (2015), indivíduos bem-sucedidos em situações de riscos antecedentes são mais dispostos a assumir riscos novamente, além de decidir assumir voluntariamente o risco de um empreendimento, e não por fatores externos, como a necessidade, e apresentam as características típicas de empreendedores, como criatividade e atitude de

risco. Ainda para Lumpkin e Dess, (1996), a propensão para assumir riscos pode ser compreendida como a importância que um empreendedor está disposto a dar e a comprometer meios. Por norma um empreendedor tem poucos meios para comprometer, o que leva a uma maior propensão para assumir riscos.

Dessa forma, a propensão ao risco de empreender pode variar de acordo com os atributos do empreendedor e o contexto socioeconómico, o que interfere na atividade empreendedora de um país ou uma região. Assim, com o objetivo de conhecer como a propensão para assumir os riscos afeta a intenção empreendedora dos inquiridos nesta investigação, formula-se a seguinte hipótese:

*H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.*

## 2.7. Modelo de Análise

Depois da realização da revisão da literatura, é possível elaborar o modelo conceptual da investigação, onde se pretende observar de que forma cada fator determinante pode influenciar a intenção empreendedora (Figura 2).

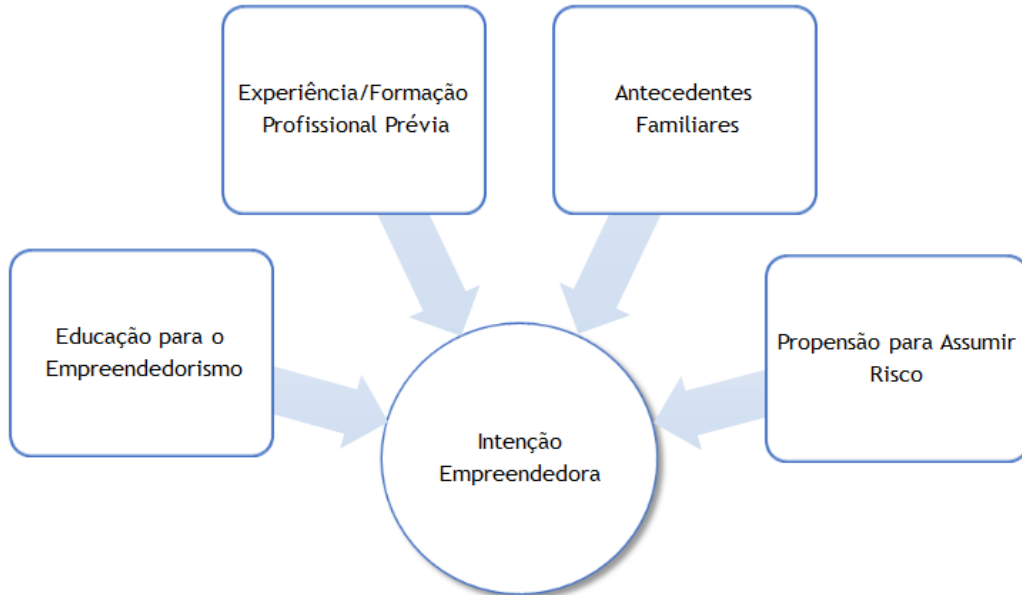


Figura 2 - Modelo de Análise da Investigação

Fonte: Elaboração Própria

Tratando-se o empreendedorismo de um tema muito relevante e dinâmico, espera-se que o modelo permita dar a conhecer sobre a relação entre as várias variáveis e a intenção empreendedora, promovendo o seu contributo nesse campo

### 3. Descrição do Método de Investigação

A metodologia é uma das componentes fundamentais em investigação surgindo como base, para alcançar os objetivos de um estudo. Refere-se à descrição e análise dos métodos científicos, às suas potencialidades e limites, assim como aos pressupostos subjacentes à sua aplicação (Lourenço e Ribeiro, 2004, 2010). Para Carvalho (2009:154), a metodologia corresponde à fundamentação teórica da investigação. Implica o desenho da investigação, com indicação do método de abordagem e as técnicas utilizadas, consubstanciando cientificamente o percurso da investigação. É nesta fase que se determina a forma de abordar o problema, ou seja, a estratégia a utilizar na sua resolução.

Numa perspetiva mais alargada, Deshaies, (1997:27) defende que “a metodologia é o estudo dos meios adequados e satisfatórios a escolher na realidade de uma investigação. Podem ser processos, métodos, técnicas, ou procedimentos de análise (por exemplo em estatística) da informação. Regra geral, representa realmente uma economia de esforço tendo em vista alcançar o fim esperado”. Entende-se então, que o método científico implica a realização de um conjunto de ações para alcançar o objetivo, responder as questões formuladas e analisar a certeza do pressuposto da investigação num determinado contexto. Em suma, a metodologia tem sempre um sentido mais amplo, porque questiona o que está por trás, os fundamentos dos métodos, as filosofias que lhes estão subjacentes e que, influem sempre sobre as escolhas que faz o investigador (Coutinho, 2015:25).

Assim, ao longo deste capítulo pretende-se abordar a metodologia inerente ao estudo, apresentando-se a recolha de dados e a amostra, os métodos utilizados para testar as hipóteses formuladas de forma a extrair as possíveis ilações dos dados recolhidos através do questionário.

#### 3.1. Desenho de Investigação

Para a realização de uma investigação, independentemente a metodologia utilizada, este terá sempre características teórico-empíricas, existindo em investigação dois métodos que orientam o desenvolvimento do conhecimento científico: o método qualitativo e o método quantitativo (Barros, 2013:22).

O método quantitativo, segundo Richardson *et. al.*, (1999:70), Pereira e Queirós, (2012), “caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto ao tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas como coeficiente de correlação, análise de regressão”. O método qualitativo difere do quantitativo não só por empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise de dados. A metodologia qualitativa

preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento (Marconi e Lakatos, 2011:269). Alguns autores não fazem distinção entre os métodos qualitativos e quantitativos (Marconi e Lakatos, 2011:269), há uma diferença marcante em relação à maneira como são abordados os fatos, dependendo do tipo de estudo. Dado, ao exposto se conclui que a investigação é exploratória e quantitativa.

Entretanto, no entender de Quivy e Campenhoudt, (2008) “os inquiridos por questionário consistem em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população uma série de perguntas relativo à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções, ou as questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.” Deste modo, sendo o questionário em anexo (p.86), o instrumento de recolha dos dados nessa investigação, esse, se encontra dividido em 6 secções:

**I - Dados Sociodemográficos.** Os dados referentes a este primeiro grupo foram obtidos a partir de “informações gerais” sobre os participantes das formações do projeto “Aprender 3.0”. A informação obtida neste grupo permite verificar se essas variáveis têm alguma influência na intenção empreendedora dos participantes tendo em conta: a idade, o nível de escolaridade, a área de formação, o país de origem e o concelho onde reside atualmente.

**II - Dados Socioprofissionais.** Este segundo grupo de dados obtém-se através das questões (2.1) e (2.2). Na primeira questão (2.1), desse grupo obtém-se dados sobre experiência profissional ou não e o tempo dedicado a mesma. Na segunda questão (2.2), refere-se aos antecedentes familiares, ou seja, se possuem ou não algum familiar próximo que seja empresário.

**III - Perceção que tem do empreendedorismo/empreendedor** foi conseguida através de dois grupos de afirmações das respostas às questões (3.1.) e (3.1.1.) respetivamente. Estes dados facultam informações sobre as perceções que os inquiridos têm em relação aos conceitos de empreendedorismo/empreendedor.

**IV - Avaliação da intenção/capacidade empreendedora** - Esse grupo foi obtido através de quatro questões (4.1), (4.2), (4.3) e (4.4). Na primeira questão obtém-se dados, através da resposta à questão (4.1), sobre se já considerou ser um empreendedor. Ou seja, o investigador pondera nessa questão, se alguma vez já considerou a possibilidade de se tornar um empreendedor. No segundo grupo, através da questão (4.2), refere-se a uma reflexão que o participante faz sobre si mesmo no que tange à criação de um negócio. O terceiro grupo de dados relativos a intenção/capacidade empreendedora complementa as informações obtidas

pelas questões (4.1) e (4.2). As informações obtidas na questão (4.3) permitem analisar a intenção/capacidade do participante em criar e gerir uma empresa. De igual modo, as informações obtidas na questão (4.4) permitem analisar a competência empreendedora do participante.

**V - Propensão em assumir os riscos** é obtida através das questões (5.1), (5.2) e (5.3). Os dados referentes a essas questões encontram-se divididos em três grupos de afirmações. O primeiro grupo que responde à questão (5.1), permitindo informações alusivas aos riscos que estão dispostos a assumir no que se refere ao negócio. O segundo grupo, através da questão (5.2) possibilita a aquisição de informações sobre as suas dificuldades em iniciar um negócio. No terceiro grupo, as informações obtidas através da questão (5.3) permitem analisar o grau de importância que os participantes atribuem aos fatores de sucesso de uma nova empresa.

**VI - A educação para o empreendedorismo** obtém-se através das respostas às questões (6.1) e (6.2). Os dados, no que tange a esse grupo, encontram-se divididos em dois grupos de afirmações. O primeiro grupo de dados pretende-se analisar o que influencia o interesse em empreender. No que diz respeito ao segundo grupo de dados que é afeto à questão (6.2) esses permitem avaliar o grau de importância relativamente às formações ministradas através do projeto “Apreender 3.0”.

Com esta organização da informação por sessões, assegurou-se que os dados secundários recolhidos e expostos no capítulo 2 dessa investigação correspondiam aos dados primários de que se necessitava para esse estudo.

## **3.2. Recolha de Dados e Amostra**

A recolha de dados e amostra é a etapa da investigação em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e técnicas selecionadas, para a obtenção das conclusões pertinentes ao estudo. Para Hill, (2005), “a população ou o universo é o total dos casos sobre os quais se pretende tirar conclusões”. Na opinião de Fortin, (2000) “a população é uma coleção de elementos ou sujeitos que partilham características comuns, definidos por um conjunto de critérios. Assim, as investigações empíricas utilizam, na maioria dos casos, grupos mais restritos e que podem ser realmente acedidos. Esse grupo designa-se por população do estudo (Marôco, 2014).

De acordo com Almeida e Freire (2003:63), a amostra é um conjunto de situações (indivíduos, casos ou observações) extraído de uma população. Na visão de Marconi e Lakatos (2011), “a amostra é uma parcela conveniente selecionada do universo (população), é um subconjunto do universo”.

Portanto, a terceira operação da fase de observação é a recolha dos dados. Esta constitui a do instrumento de observação. Esta operação consiste em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou das unidades de observação incluídas na amostra. Não basta conceber um bom instrumento, é preciso ainda pô-lo em prática de forma a obter uma proporção de respostas suficiente para que a análise seja válida. Na fase seguinte, a análise das informações, os dados recolhidos serão submetidos a diversas estatísticas que visam dar-lhes as formas exigidas pelas hipóteses da investigação. É por isso, que é necessário sublinhar que a escolha dos dados se deve inscrever no conjunto dos objetivos e do dispositivo metodológico da investigação (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Assim sendo, a investigação foi realizada com uma amostra dos formandos provenientes da região centro de Portugal, nomeadamente (Fundão, Covilhã, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Figueira da Foz, Aveiro, Abrantes, Guarda, Viseu, Porto, Lisboa e Santarém), que frequentaram em 2017/18 os *workshops* que fazem parte das atividades do projeto “Apreender 3.0.

Tendo em vista a metodologia proposta para o desenvolvimento deste estudo, foi utilizado como instrumento de recolha dos dados o questionário. Este foi elaborado tendo como base algumas perguntas adaptadas do Questionário de Intenção Empreendedora (QIE) dos autores Liñán e Chen (2009). O instrumento foi validado em uma investigação *cross-cultural* realizado em Espanha e Taiwan e tem como base a TCP de Ajzen (1991). O QIE pretende testar o modelo de intenção empreendedora através da sua medição e das variáveis que a influenciam. Assim, foi cuidadosamente verificado por outros autores, como (Autio *et. al.*, 2001; Chen *et. al.*, 1998; Kickul e Zaper, 2000; Kolvereid, 1996; Kolvereid e Isaksen, 2006; Krueger *et. al.*, 2000 e Veciana *et. al.*, 2005). Ao longo de toda a sua construção, o trabalho de Ajzen (1991, 2001, 2002) foi cuidadosamente revisado para resolver qualquer discrepância que poderia ter surgido entre os diferentes instrumentos.

Para este estudo, os dados foram obtidos como já mencionado anteriormente, recorrendo a um questionário dirigido aos formandos do projeto “Apreender 3.0” que realizaram a formação em 2017 e 2018. Para a recolha dos dados recorreu-se à plataforma *online Google Forms*, entre 15 de Janeiro e 15 de Março de 2018. Conseguindo 150 respostas, das quais todas serão submetidas há análises estatísticas. O projeto Apreender 3.0<sup>9</sup> é um programa estruturado de promoção do empreendedorismo e de espírito empresarial composto por um ciclo sequencial de várias atividades. O projeto é copromovido <sup>10</sup>pela *Portus Park* (Rede de Parques de Ciência, Tecnologia e Incubadoras), Fundação AEP (Associação Empresarial de Portugal) e CEC/CCIC (Conselho Empresarial do Centro/Câmara de Comércio e Indústria do Centro). Nessa linha, torna-se relevante perceber e analisar como essa atitude influencia a intenção empreendedora dos seus formandos.

---

<sup>9</sup> Para mais informações relativas ao projeto Apreender 3.0 cf. <http://www.apreender.pt/>. Acedido a 22 de janeiro de 2018.

<sup>10</sup> Mais informações dos parceiros do Projeto Apreender 3.0, cf. <http://www.portuspark.org/>; <http://www.fundacaoep.pt/> e <http://www.cec.org.pt/ccic/>. Acedido a 22 de Janeiro de 2018.

### 3.3. Variáveis Utilizadas

Uma variável pode ser considerada uma classificação ou medida, uma quantidade que varia, um conceito, constructo ou conceito operacional que contém ou apresenta valores, aspetos, propriedade ou fator, discernível em um objeto de estudo e passível de mensuração (Marconi e Lakatos, 2011:175). Assim, seguidamente serão apresentadas todas as variáveis que compõem o objeto de estudo neste trabalho, designadamente: variáveis dependentes e independentes. Sendo estas, Perceção Empreendedorismo/Empreendedor, Intenção/Capacidade Empreendedora, Educação para o Empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Prévia e Propensão para Assumir Riscos.

#### 3.3.1. Variáveis Dependentes

Com vista à satisfação dos objetivos de investigação, considerou-se como variável dependente a “Intenção Empreendedora” dos formandos do projeto “Aprender 3.0”. Neste sentido, as hipóteses de investigação construídas prende-se com o fato da verificação da influência que as variáveis independentes ligadas ao empreendedorismo exercem na perspectiva e intenção de empreender desses formandos. Ao formular as hipóteses o investigador está no fundo, a identificar as variáveis e a definir as suas relações, ou seja, o respetivo papel da investigação.

Segundo Almeida e Freire (2003:54) a variável dependente define-se como característica que aparece ou muda quando o investigador aplica, suprime ou modifica a variável independente.

Conforme Marconi e Lakatos (2011:189), a variável dependente (Y) consiste naqueles valores (fenómenos, fatores) a serem explicados ou descobertos, em virtude de serem influenciados, determinados ou afetados pela variável independente; é o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente; a propriedade ou fator que é feito, resultado, consequência ou resposta a algo que foi manipulado (variável independente).

A literatura afirma que não há processo empreendedor sem intenção empreendedora. Pode-se entender então que não há comportamento empreendedor sem intenção empreendedora. Razak *et. al.*, (2010) defendem que uma característica empreendedora que está fortemente relacionada com a intenção empreendedora tem como ponto de partida a necessidade de realização. Toda a ideia empreendedora tem como ponto de partida a inspiração, porém a intenção é imprescindível no processo de concretização da ideia (Delmar e Shane, 2003).

O estudo bibliométrico realizado na literatura internacional entre os anos de 1999 e 2015 acerca da intenção empreendedora (Souza, 2015) concluiu que a bibliografia tem evidenciado uma série de modelos para explicar a relação entre as características pessoais do indivíduo e suas intenções empresariais, em que a maioria deles utilizam como base: o Modelo do Evento

Empresarial (Shapero, 1982) e a Teoria do Comportamento Planejado - TCP, (Ajzen, 1991). Este, por sua vez, se transformou no modelo dominante das relações atitude-comportamento até aos dias de hoje (Armitage e Christian, 2003; Schlaegel e Koenig, 2014). Em síntese, no modelo TCP, o comportamento de uma pessoa é imediatamente determinado pela intenção de executar (ou não executar) esse comportamento (Miranda, *et. al.*, 2017) o qual, para Ajzen (2002) é guiado por crenças comportamentais, normativas e de controlo.

Liñán e Fayolle (2015), Lortie e Castogiovanni (2015), em seus respectivos estudos de meta-análises corroboraram com a predominância da (TCP) Teoria do Comportamento Planejado nos estudos acerca da intenção empreendedora.

Segundo Ajzen, (1987), fatores situacionais como restrições de tempo, nível de dificuldade das atividades e a influência de outras pessoas através de pressão social, também influenciam a intenção de um indivíduo. Deste modo, fatores externos também estão relacionados a atitude de uma pessoa em relação a atividade empreendedora (Krueger, 1993). Entre os demais fatores a que apresentam relevância distinta e significativa nos antecedentes da intenção empreendedora de um indivíduo, estão a experiência profissional e a educação prévia. Contudo, a intenção só é intenção propriamente dita se o indivíduo tiver total controlo sobre o comportamento, que, por sua vez, depende de outros fatores como capital, tempo, habilidades, cooperação dos demais, entre outros fatores. Estes fatores, coletivamente, representam o controlo real sobre o comportamento (Ajzen, 1991).

A ação empreendedora pode ser entendida como qualquer ação inovadora que, através de um sistema organizado de relações humanas e a combinação de recursos, é direcionada para a consecução de um objetivo específico (Liao e Gartner, 2006). De acordo com Rekha, Ramesh e Jaya-Bharathi (2015), juntamente com a ação inovadora e a criatividade, uma vez que a mentalidade empreendedora não pode existir com ela, o empreendedor extrai conclusões da realidade, identifica um problema, cria, inova e inventa. Não é simplesmente um prazer em fazer bem as coisas, mas é necessário adicionar algo novo (Townsend, Busenitz e Arthurs, 2010).

De acordo com Haynie, Shepherd, Mosakowski e Earley, (2010), a atividade empreendedora tem sua origem cognitiva na motivação individual e é entendido como o fator que facilita o comportamento e obtém energia para apoiá-la para isso. A este respeito, a decisão de criar um negócio envolve dois níveis (Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo, 2017): o nível racional e o nível motivacional. O primeiro nível gira em torno dos motivos objetivos dessa conduta, que se encontram nas condições ambientais que reforçam ou dificultam esse comportamento (Bandura, 1997 e Ajzen, 1991). O segundo nível refere-se a períodos subjetivos decorrentes das expectativas dos decisores, ou seja, motivações. Em suma, os modelos dominantes de intenções empreendedoras são: o modelo de empreendimento empreendedor (Shapero e Sokol, 1982).

Esta investigação tem por base perceber como a intenção empreendedora dos formandos do projeto “Apreender 3.0” é influenciada perante outras variáveis. Daí a importância em analisar as perspetivas e intenção desses formandos em criar o próprio negócio. A variável dependente “Intenção Empreendedora” foi avaliada, utilizando o grupo 4 do questionário em (Anexo, pág.87), constituída por um conjunto de afirmações medidas pela escala de *Likert*, com 5 níveis de ponderação nas respostas (1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Nem concordo nem discordo; 4= Concordo; 5= Concordo totalmente). No que respeita ao grupo de variáveis foram abordadas várias dimensões de estudo, acerca do potencial efeito da intenção/capacidade empreendedora traduzidas nos seguintes grupos de afirmações: considera ser empreendedor; o que pensa ou até que ponto está disposto a criar o próprio negócio e autoavaliação em relação à sua competência empreendedora.

### 3.3.2. Variáveis Independentes

Conforme Marconi e Lakatos, (2011:189), a variável independente (X) é a que influencia, determina ou afeta uma outra variável. É fator utilizado (geralmente) pelo investigador, em sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenómeno observado ou a ser descoberto, para ver que influência exerce sobre um possível resultado. A variável independente identifica-se com a dimensão ou a característica que o investigador utiliza deliberadamente para conhecer o seu impacto numa outra variável (Almeida e Freire, 2003:103).

Nessa investigação tem-se como objetivo perceber como a intenção empreendedora, dos formandos do projeto “Apreender 3.0”, são influenciados por determinados fatores determinantes. Para isso, torna-se importante analisar esses fatores, que poderão influenciar a intenção empreendedora. De seguida, serão apresentadas as variáveis independentes que fizeram parte do questionário nesta investigação. Sendo elas: (1) Educação para o Empreendedorismo, (2) Antecedentes familiares (3) Experiência/Formação Profissional Prévia e (4) Propensão para Assumir Riscos.

Iniciando com a variável “Educação para o Empreendedorismo”, esta vai permitir analisar os formandos que frequentaram o ciclo de *Workshops* enquadrado nas atividades do projeto “Apreender 3.0”. De igual modo, entender se essas formações os motiva a empreender. Relacionando-o, subsequentemente, com a intenção empreendedora dos mesmos.

A educação para o empreendedorismo para Gerba (2012), consiste num programa educacional que dá aos alunos conhecimentos e habilidades que os permitem impulsionar o sucesso empresarial. Conforme Sánchez e Sahuquillo (2017) há, no entanto, uma questão importante se o empreendedorismo pode ser encorajado através da educação. Mas, os resultados de estudos anteriores são inconsistentes. Alguns desses estudos relataram um impacto positivo da educação para o empreendedorismo (por exemplo, Block, Hoogerheide e Thurik, 2013; Souitaris *et. al.*, 2007; Walter e Dohse, 2012), enquanto outros encontraram evidências de

que os efeitos são estatisticamente insignificantes ou mesmo negativos (por exemplo, Oosterbeek *et. al.*, 2010; Graevenitz, Harhoff, e Weber, 2010).

Segundo Paço *et. al.*, (2015) a EE proporciona aos indivíduos senso de independência, autonomia e autoconfiança, tornando-os pessoas conscientes de opções, alternativas de carreira, além de expandir seus horizontes e aumentando a sua capacidade de perceber as oportunidades.

A investigação de Watchravesringkan *et. al.*, (2013) constatou que os estudantes que acreditam ter competências, por ter participado de programas de EE, apresentam atitudes mais positivas em relação ao empreendedorismo. A importância das competências empreendedoras também foi analisada por Lean (2012), em uma amostra de 128 estudantes de doutorado do Reino Unido, evidenciando que mesmo em diferentes áreas de atuação, especialmente seguindo uma carreira acadêmica, os estudantes perceberam como é necessário o conhecimento acerca de habilidades e competências empreendedoras.

Desta forma, os indivíduos que se envolvem em atividades educacionais pautadas em planejamento apresentam intenções significativamente mais elevadas para se envolver no comportamento empreendedor do que os que não se envolvem em atividade de planejamento. Foi o que evidenciou a investigação de Armstrong (2014), com 88 universitários europeus.

Sendo assim, a variável “Educação para o Empreendedorismo” foi avaliada utilizando o grupo 6 do questionário (Anexo, p.90), constituída por 2 conjuntos de afirmações respetivamente (6.1) e (6.2). As afirmações correspondem a opções da escala de Likert a 5 níveis de ponderação de resposta sendo: (1) “Discordo totalmente” e (5) “Concordo totalmente”; (1) “Nada importante” e (5) Extremamente Importante”.

Seguidamente, as variáveis “Empreender”, que nos permite analisar qual a perceção, ou seja que noções que os formandos do projeto “Aprender 3.0” tem em relação ao empreendedorismo e de um empreendedor. Também se identificam com as características que os pode influenciar na decisão de empreender.

Ao longo dos últimos anos, temos vindo a ser confrontados, a nível social e cultural, com uma autêntica “revolução empreendedora” que se tem espelhado através de todo o mundo (Kuratko, Morris e Schinde Hutte, 2015). A atividade empreendedora é sentida, transversalmente, em vários níveis e setores da sociedade atual, especialmente no que diz respeito à sua associação com conceitos atualmente muito presente nos discursos sociais e políticos, tais como inovação, competitividade, produtividade, criação de riqueza, emprego e formação de novas indústrias e negócios (Kuratko, 2014).

Na produção científica, relativamente a esta área, desenvolvida de forma intensiva nos últimos anos, assiste-se ainda a um debate intenso sobre aspetos fundamentais para a afirmação

do empreendedorismo como campo de estudo. Destacando-se temáticas tais como: a própria definição do empreendedorismo; a natureza do empreendedor; as diferentes teorias explicativas e enquadradoras do fenômeno; as unidades relevantes de análise para a compreensão do impacto e do desenvolvimento do empreendedorismo; as condições contextuais relevantes para a sua afirmação, entre outras questões ainda abertas (MacMillan e Katz, 1992; Phan, 2004).

Para Tapia e Ferreira (2011), ser empreendedor resulta fundamentalmente de um conjunto de atitudes e comportamentos que são acessíveis a qualquer pessoa e em qualquer contexto, independentemente da sua origem, qualificações ou recursos. Neste sentido, os autores recomendam a necessidade da criação de ambientes que promovam e valorizem essas atitudes, de forma sustentada, para que um maior número de pessoas desenvolva as suas competências empreendedoras. Assim, um indivíduo que revele uma contínua aprendizagem a respeito da identificação de possíveis novas oportunidades e que prossiga na tomada de decisões moderadamente arriscadas que objetivem a inovação irá desempenhar, continuamente um papel empreendedor (Filion, 1999).

A variável “Empreendedorismo/Empreendedor” foi avaliada utilizando o grupo 3 do questionário (Anexo, p.87), constituída por 2 conjuntos de afirmações, medidos a 5 níveis, numa escala de concordância de Likert (1= Discordo totalmente; 5= Concordo totalmente).

No que diz respeito a variável “Antecedentes Familiares”, permite analisar se os participantes têm algum familiar próximo que seja empresário e se esse influencia de alguma forma a intenção empreendedora. Segundo Filho *et. al.*, (2015), uma das principais influências no comportamento do indivíduo é a família. Estudos sobre o empreendedorismo relatam o fator família como um determinante na IE, devido ao “*background*” fornecido para o indivíduo (Aldrich e Cliff, 2003; Carr e Sequeira, 2007), ou o modelo empreendedor existente na família (Krueger *et. al.*, 1993). Também, o estudo de Bosma *et. al.*, (2012), com 292 empresários, constatou que 81% dos que participaram do estudo reconhecem ter sido influenciados pelo modelo de pais empreendedores.

Ainda sob essa visão, Bohnenberger *et. al.*, (2007) afirmam que a influência familiar deve ser considerada a causa para a intenção empreendedora. Tal fato pode ser observado no estudo de Dyer e Handler (1994), no qual a família tem desempenhado o papel de incentivar as pessoas a iniciar uma carreira empreendedora. Para esses autores, apesar da existência de diversos estudos, ainda existem várias lacunas a serem preenchidas sobre a relação da família com o empreendedor. Por isso, esses autores defendem que, é necessário aprender mais com as experiências dentro da família que podem levar a um comportamento empreendedor. Já Hisrich e Peters (2004) destacam que a ocupação dos pais tem influência sobre o empreendedor.

A variável “Antecedentes Familiares” foi avaliada utilizando o grupo 2 do questionário (Anexo, p.86), correspondente à questão (2.2), onde perguntava se tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário.

No que concerne a “Experiência/Formação Profissional Prévia”, este permite analisar se essa variável tem alguma influência na decisão de empreender.

A importância dos contextos nos processos de aprendizagem de competências é realçada por Zampier e Takahashi (2011), para quem a aprendizagem experimental como: formação, estágios, laboratórios, representa um processo para desenvolver competências empreendedoras. Competências não são decorrentes de traços pessoais, mas adquiridas em processos de aprendizagem em contextos específicos. Aprendizagem de competências empreendedoras envolve aquisição/retenção, generalização, articulação e aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes. Tal aprendizagem pode ocorrer mediante cursos de formação educacional, ou por experiência pessoal, social e profissional (Boterf, 2003). No estudo de Korhonen, Komulainen e Rätty, (2012) identificaram que os alunos com conhecimentos práticos, “*hands-on*” foram considerados como os mais empreendedores para assumirem riscos do que os alunos com “competências transversais”, tais como as habilidades sociais, a criatividade e a extroversão.

Para formar um empreendedor não basta focar a aprendizagem no domínio cognitivo, necessitando trabalhar também os domínios afetivo e comportamental, visto que algumas competências empreendedoras só se adquirem mediante a reflexão crítica sobre a experiência prática de sucessos e fracassos, envolvendo-se emocionalmente na mudança e na reorientação de comportamentos (Parreira *et. al.*, 2015). De facto, o interesse empresarial é agora considerado como uma mentalidade que pode ser motivada pela socialização e educação, e as competências empreendedoras podem ser aprendidas por meio da escolarização e formação (Hoffmann *et. al.*, 2005; Schott, Kew e Cheraghi, 2015). Neste sentido, a extroversão e abertura a experiência se relacionam positivamente à IE, segundo o estudo de Saeed *et. al.*, (2013) com 100 estudantes graduados no Paquistão.

Também, através de um estudo de caso, baseado numa abordagem psicodinâmica, se constatou que as experiências de vida de um empreendedor se refletem nas orientações estratégicas da sua empresa (Kisfalvi, 2002).

Gordon *et. al.*, (2012), efetuaram uma análise de conteúdo de uma amostra de participantes (proprietários/gerentes de PMEs) de um programa emitido por uma IES (*Lancaster University*) e verificaram, que os empresários aprendem como e quando eles precisam de conhecimento e que preferem o estilo da aprendizagem experimental.

O estudo de Maanen, (2015), por sua vez, fez o uso de narrativa pessoal da sua própria trajetória como docente, por meio de um estudo etnográfico, evidenciando as contribuições para a compreensão de como se constroem as carreiras dos investigadores docentes levando em con-

ta os vínculos organizacionais. Tais exemplos sinalizam que o estudo dos percursos profissionais pode favorecer uma visão abrangente e contextual da carreira empreendedora, enriquecendo investigações sobre o tema e ampliando a compreensão da dinâmica do fenômeno.

A variável “Experiência/Formação Profissional Prévia” foi avaliada utilizando o grupo 2 do questionário (Anexo, p.86), correspondente à questão (2.1), onde perguntava se tem alguma experiência profissional e o tempo dedicado a mesma.

Finalmente, apresenta-se a variável “Propensão para Assumir Riscos”, que pretende analisar como os formandos do projeto “Aprender 3.0” encaram os riscos no que concerne ao trabalho no mundo empresarial, assim como os seus anseios quanto às dificuldades em iniciar um negócio e sobretudo os fatores que consideram importante para o sucesso de uma nova empresa. Percebendo, se estes estão dispostos a correr riscos para criar o seu próprio emprego ou não, e de que forma isso pode influenciar a sua intenção empreendedora.

Para Lumpkin e Dess (1996), a propensão para assumir riscos pode ser compreendida como a importância que um empreendedor está disposto a dar e a comprometer meios. Por norma um empreendedor tem poucos meios para comprometer, o que leva a uma maior propensão para assumir riscos.

McClelland (1961) foi um dos autores das ciências comportamentais a dedicar grande parte da sua investigação a definir um paradigma do perfil do empreendedor. Neste sentido, estabeleceu uma segmentação da sociedade em dois grupos, quanto a perceção e a aptidão para enfrentar desafios e oportunidades. De acordo com este autor, uma pequena parte da sociedade sente-se disposta a enfrentar desafios, ou seja, a empreender um negócio, enquanto a maioria da população não se predispõe a enfrentar os riscos. Segundo os estudos de McClelland, o indivíduo empreendedor possui uma estrutura motivacional diferenciada pela presença marcante de uma necessidade específica: a necessidade de realização. O empreendedor tem valores, atitudes e necessidades únicas que o guiam, destacando-se a sua propensão ao risco.

É feita a referência em diversos estudos, que a propensão para assumir riscos, é um fator que distingue os gestores dos empreendedores, visto tratar-se de uma característica fundamental da atividade empreendedora (Brandstätter, 2011 e Rodrigues *et. al.*, 2010). Entretanto por um lado, a atitude de enfrentar o risco de empreender pode ser considerada maior em empresários que o fazem por oportunidade, que toleram melhor o risco em relação aos que empreendem por necessidade, até com os investimentos de maior quantia do novo negócio. Por outro lado, empresários por necessidade são mais propensos a relatar o medo do fracasso como motivo para não empreender, o que também evidencia maior aversão ao risco dos empresários por necessidade (Block, Sandner e Spiegel, 2015). Perante isso, Öner e Kunday (2016), dizem que o medo do fracasso tem um papel moderador na relação entre o empreendedorismo e expectativas de crescimento, conforme o estudo feito na Turquia, cujos resulta-

dos demonstraram que quanto menos o empreendedor teme o fracasso e mais recente é a tecnologia introduzida, mais tende a empreender (Mota, Sobreira, Vale e Nogueira, 2017).

A variável “Propensão para Assumir Riscos” foi avaliada utilizando o grupo 5 do questionário (Anexo p.89), constituída por 3 conjunto de afirmações nomeadamente (5.1), (5.2) e (5.3). As afirmações correspondem a opções da escala de Likert a 5 níveis de ponderação de resposta sendo: (1) “Discordo totalmente” e (5) “Concordo totalmente”; (1) “Nada importante” e (5) “Extremamente Importante”.

Apresentadas as variáveis explicativas mais relevantes desse estudo, cujos fatores podem influenciar ou não a intenção empreendedora, não podemos deixar de referir em outras variáveis que foram consideradas no questionário. Sendo elas, as variáveis como: género, idade, país de origem e concelho de residência que podem influenciar as pessoas a tornarem-se empreendedores nascentes. As idades dos indivíduos, as habilitações académicas, as características da região onde a pessoa vive, encontram-se relacionadas com as expectativas de retorno do investimento. O género, a experiência profissional, os fracassos do passado, a região onde vive e as características vividas no anterior emprego, são variáveis que levam uma pessoa a ter uma maior tendência para se tornar um empreendedor nascente (Wagner, 2004 e Simões, 2009). De seguida, na Tabela 2 pode-se verificar as variáveis e as respetivas hipóteses consideradas para teste nesta investigação.

Tabela 2 - Síntese das Hipóteses e Variáveis

Hipóteses	Variáveis independentes	Variável dependente
H1: A educação para o empreendedorismo influencia positivamente a IE dos formandos do projeto Aprender 3.0.	Educação para o Empreendedorismo	Intenção Empreendedora
H2: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.	Antecedentes Familiares	
H3: A experiência/formação profissional prévia dos indivíduos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.	Experiência/Formação Prévia	
H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.	Propensão para Assumir Riscos	

Fonte: Elaboração própria

### 3.4. Método Utilizado

O método refere-se à especificação dos passos que devem ser dados, em certa ordem, para alcançar um determinado fim, ou seja, é o caminho e os passos para atingir um determinado objetivo (Carvalho, 2009:83). A análise fatorial é um conjunto de técnicas estatísticas que

procura explicar a correlação entre as variáveis, simplificando os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever (Pestana e Gageiro, 2008:489). A análise fatorial é particularmente útil quando aplicadas as escalas que consistem de uma grande quantidade de itens utilizados para medir a personalidade, estilos de comportamentos ou atitudes.

Sendo assim, nesta investigação optou-se pela Análise Fatorial Exploratória (AFE), também chamada de análise fatorial comum (AFC), que pode proporcionar importantes informações sobre a estrutura multivariada desse estudo, identificando os constructos teóricos (Laros, 2012). A AFE trata a relação entre as variáveis sem determinar em que medida os resultados se ajustam a um modelo (Pestana e Gageiro, 2008:490).

Segundo Hair *et. al.*, (2009) a AFE é uma abordagem estatística para analisar as inter-relações entre um número elevado de variáveis, condensando as informações contidas nesse conjunto de variáveis originais, num conjunto menor de variáveis, isto é, em termos das suas dimensões comuns subjacentes e com perda mínima de informação.

A AFE é uma técnica de análise exploratória de dados que tem por objetivo descobrir e analisar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas de modo a construir uma escala de medida para fatores (intrínsecos) que de alguma forma (mais ou menos explícita) controlam as variáveis originais. Esta análise usa correlações observadas entre as variáveis originais para estimar o(s) fator(es) comum(ns) e as relações estruturais que ligam os fatores (latentes) às variáveis (Marôco, 2014:471). Dado ao número de variáveis a AFE nesse estudo intenta-se a não predição de valores para a variável dependente, mas sim quantificar os fatores latentes (variáveis independentes) a partir das correlações da variável dependente observada.

Para que fosse mais fácil a interpretação dos fatores, usou-se vários métodos de rotação das variáveis. O método de rotação utilizado é o VARIMAX que tem como objetivo obter uma estrutura fatorial na qual uma e apenas umas das variáveis originais esteja fortemente associada com os restantes fatores (Marôco, 2014:486). Para avaliar a validade da AFE recorreu-se ao método de utilização mais geral que é a “medida da adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin” (KMO), proposta por Kaiser, (1970) e Kaiser e Rice (1974) e o teste de Bartlett. Esses são dois procedimentos estatísticos que permitem aferir a qualidade das correlações entre as variáveis de forma a prosseguir com a análise fatorial (Pestana e Gageiro, 2008:492). O teste de esfericidade de Bartlett testa a hipótese de a matriz das correlações ser a matriz identidade, cujo determinante é igual a 1. Este teste requer que os dados provenham de uma população normal multivariada. No que toca ao padrão de correlação entre as variáveis, a matriz de correlações deve exibir a maior parte dos coeficientes com valor acima de 0,30. O teste de KMO varia entre 0 e 1. Pallant (2007) sugere 0,6 como limite razoável.

Depois de obtida a solução fatorial, que explica o comportamento correlacional das variáveis, pretende-se determinar os pesos fatoriais e das comunalidades de cada variável em determi-

nado fator, uma vez que em termos práticos, o valor de 50% da variância total é um valor que deve ser considerado como o mínimo aceitável (Marôco, 2014:483). A determinação de *scores* (Z) composto das escalas foi efetuada através do cálculo do número dos desvios da média das variáveis que o compõe, sendo esse representado através de  $Z = \frac{x-\mu}{\delta}$ , onde (x) é um valor dos dados, ( $\mu$ ) é a média da população e ( $\delta$ ) é o desvio padrão.

Relativamente às hipóteses em estudo, num primeiro momento, utilizamos o modelo de regressão linear simples. Para que se pudesse tirar as conclusões sobre a verificação das hipóteses utilizam-se métodos que se baseiam nos resíduos observados e que são obtidos pela diferença entre os valores observados e os valores estimados (Pestana e Gaceiro, 2008:461). Ou seja a variável dependente corresponde a cada um dos constructos no que se refere às atitudes/intenção e comportamento empreendedor e as variáveis independentes referentes às hipóteses. Portanto a “regressão” define um conjunto vasto de técnicas estatísticas usadas para modelar relações entre variáveis e prever o valor da variável dependente (ou de resposta) nesse estudo que é a “Intenção Empreendedora” a partir de um conjunto de variáveis independentes (ou preditores), que constituem a percepção que tem do Empreendedorismo/Empreendedor, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia, Educação para o Empreendedorismo e Propensão para Assumir Riscos (Marôco, 2014:673).

Numa última fase utilizamos o modelo de regressão linear múltipla, para o estudo da variável dependente nesse caso a intenção empreendedora, com as variáveis independentes, os referentes às hipóteses. Nesse caso, analisamos a existência de variáveis com potenciais efeitos de multicolinearidade através de VIF (*Variance inflation factor*), que quando mais próxima estiver do zero, menor será a multicolinearidade. O valor habitualmente considerado como limite acima do qual existe multicolinearidade é 10 (Pestana e Gaceiro, 2008:603).

### **3.5. Síntese dos Aspetos Metodológicos**

A seguir, na tabela 3 de uma forma mais objetiva pode-se, encontrar um resumo dos métodos utilizados para esta investigação.

Tabela 3 - Aspetos Metodológicos da Investigação

<b>Unidade de Análise</b>	Formandos do Projeto Apreender 3.0
<b>Área Geográfica</b>	Centro de Portugal
<b>Base de Dados</b>	Dados primários: Questionário
<b>Plataforma recolha dos Dados</b>	<i>Google Forms</i>
<b>Período de recolha dos dados</b>	15/01/2018 a 15/03/2018
<b>Tamanho da amostra</b>	150
<b>Análise de dados</b>	Exploratória
<b>Software estatístico</b>	IBM SPSS <i>Statistics</i> 24

Fonte: Elaboração Própria

## 4. Análise de Dados e Discussão de Resultados

No presente capítulo apresenta-se o estudo das variáveis que influenciam a intenção empreendedora. Assim, inicialmente vai ser feita uma caracterização da amostra, tendo em conta que são variáveis que nos fornece informações relevantes e que se encontram relacionadas com as intenções/expetativas em empreender. Seguidamente, efetua-se o estudo empírico das variáveis que podem influenciar a intenção empreendedora aos níveis: Educação para o Empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia e Propensão para Assumir Riscos.

### 4.1. Caracterização do Projeto Aprender 3.0

No âmbito do acordo Portugal 2020<sup>11</sup>, Sistema de Apoio a Ações Coletivas - Promoção ao Espírito Empresarial, foi aprovada a candidatura copromovida pela Portus Park (Rede de Parques de Ciência Tecnologia e Incubadoras), Fundação AEP (Fundação, Associação Empresarial de Portugal) e CEC/CCIC (Conselho Empresarial do Centro/Câmara Comércio e Indústria do Centro), designada por “Aprender 3.0”. A Portus Park, Fundação AEP e o CEC/CCIC são entidades sem fins lucrativos e reúnem os requisitos legais para conduzir projetos no âmbito do Sistema de Apoio a Ações Coletivas (SIAC) integrado no Programa Operacional Competitividade e Internacionalização. O projeto Aprender 3.0 - Desenvolver Atitudes Empreendedoras teve a sua origem na Fundação AEP, que implementou duas edições, no qual desenvolveu uma abordagem estruturada e uma metodologia de promoção do espírito empresarial e de capacitação para o empreendedorismo que se consolidou e afirmou, constituindo uma referência nos últimos quatro anos.

Numa perspetiva de melhoria e de desenvolvimento incremental do próprio projeto, constatou-se que o sucesso obtido nas edições realizadas deveria ser consequente com a capacidade de acesso a infraestruturas de ciência e tecnologia, de incubação e aceleração de empresas, e ainda a um reforço da capacidade de atuação em termos territoriais. Neste contexto, reunindo as três entidades estruturou-se um projeto, integrado e coerente, que agrega universidades e outros centros de saber, e institutos de investigação, desenvolvimento e inovação, entidades integrantes do ecossistema de apoio ao empreendedorismo incluindo associações empresariais, câmaras de comércio e indústria, entidades de apoio, associação de *Business Angels* e Capital de Risco, envolvendo assim infraestruturas, serviços de apoio e acesso a redes.

---

<sup>11</sup> Acordo de Parceria adotado entre Portugal e a Comissão Europeia, que reúne a atuação dos 5 fundos Europeus Estruturais e de Investimento, FEDER, Fundo de Coesão, FSE, FEADER e FEAMP - no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover em Portugal, entre 2014 e 2020. Mais informações disponíveis em <https://www.portugal2020.pt/>. Acedido a 20 de Abril de 2018.

O projeto “Aprender 3.0” tem como objetivo global e estratégico a promoção do espírito empresarial no empreendedorismo qualificado e criativo tendo em vista a criação e desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica e conhecimento intensivo, incluídas em atividades das indústrias culturais e criativas com elevado potencial competitivo e de internacionalização. Este projeto integra medidas fundamentais como: estímulo à criatividade; experimentação e deteção de novas oportunidades e modelos de negócio; o reforço do emprego qualificado e capital humano dos empreendedores; o acesso a infraestruturas; serviços de apoio e, essencialmente, a redes e “Comunidades” de prática, que facilitem o processo de criação de empresas de elevado valor acrescentado, no âmbito do empreendedorismo qualificado e criativo.

A lógica de atuação do projeto, visa, de uma forma integrada, implementar nas regiões norte e centro de Portugal, um projeto estruturante de suporte ao empreendedorismo que envolve infraestruturas de ciência e tecnologia, de incubação e outras entidades do ecossistema de dinamização do empreendedorismo, contemplando iniciativas de deteção, de estímulo e de apoio ao empreendedorismo, à capacitação de iniciativas empresariais e à concretização de novas empresas, e iniciativas de mentoria e *coaching* para apoio ao desenvolvimento, incubação e aceleração de ideias inovadoras, *spin-offs* e *start-ups*. O Aprender 3.0 é um projeto estruturante concretizado através de 14 atividades integradas em cinco eixos prioritários: Promover, Capacitar, Criar, Acelerar/Crescer e Disseminar. Sendo as atividades as seguintes:

- ✓ Liderança e Empreendedorismo: esta iniciativa tem a duração de um dia e é um evento anual dedicado à promoção da liderança e do empreendedorismo, através do exemplo de líderes, empresários e empreendedores, que pelo exemplo promovam e sensibilizem para as atitudes de liderança, e sirvam como modelos de referência inspiradores para a dinamização de atitudes empreendedoras;
- ✓ Jornadas empresariais/atitude empreendedora: esta iniciativa que decorre durante um dia, tem como objetivo promover um debate alargado sobre a realidade empresarial portuguesa, com intervenção de académicos, empresários, líderes de opinião e peritos internacionais, tendo como painel uma reflexão prospetiva de favorecimento e de promoção para os fatores críticos da atividade empresarial, do empreendedorismo, da inovação e da tecnologia, numa grande iniciativa destinada ao grande público;
- ✓ Crie o seu negócio em 5 passos: é um programa estruturado de promoção do empreendedorismo e do espírito empresarial, realizado pela Fundação AEP e pelo CEC/CCIC, visando sensibilizar empreendedores para fatores essenciais e os passos relevantes a seguir para a constituição de empresas;
- ✓ Gestão do empreendedorismo: visa a realização de *workshops* e ações de capacitação destinadas a elementos e profissionais das infraestruturas de incubação e de entida-

des do ecossistema de dinamização do empreendedorismo e que têm como missão acompanhar e apoiar diretamente promotores, empreendedores e empresários em estágio de desenvolvimento inicial dos seus projetos empresariais;

- ✓ *Mentoria e Coaching*: visam a realização de *workshops* e ações de capacitação destinadas a elementos que atuam no âmbito da mentoria, aconselhamento empresarial e *coaching*, no quadro das infraestruturas de incubação e de entidades do ecossistema de dinamização do empreendedorismo e que têm como missão acompanhar e apoiar diretamente promotores, empreendedores e empresários em estágio de desenvolvimento inicial e/ou de aceleração/crescimento dos seus projetos empresariais;
- ✓ *Drive in* do empreendedor: serve para comunicar de forma simples e direta um conjunto de serviços de apoio ao empreendedorismo, que congregam as iniciativas de estímulo, deteção, apoio à criação, incubação e aceleração de empresas, no ciclo de emergência do projeto empresarial e no estágio subsequente de maturação e crescimento;
- ✓ Desenvolvimento e *follow up* de negócios: essa atividade é uma iniciativa transversal aos eixos Criar e Crescer, sendo uma iniciativa integrada no designado *Drive in* do Empreendedor;
- ✓ Empreendedorismo Corporativo: consiste na realização extensiva de tarefas de identificação de empresas, contactos e formação de parcerias para a integração na Bolsa de Empresas, bem como de interação com empreendedores e potenciais dinamizadores de novos negócios, fazendo a interação, aproximação e articulação entre os projetos empresariais e as empresas porventura adequadas ou interessadas em apoiar e financiar a emergência de novos projetos;
- ✓ Rede de mentoria e aconselhamento empresarial: consiste num programa que pretende beneficiar da experiência acumulada e insubstituível de um conjunto de empresários, peritos, tecnológicos e outros profissionais, que integram uma bolsa de Mentores e Conselheiros disponíveis para o aconselhamento a novos empresários e empreendedores;
- ✓ Incubação e aceleração de negócios: essa atividade é igualmente uma iniciativa transversal aos eixos estratégicos de atuação Criar e Crescer, relativamente à componente de incubação para o desenvolvimento e criação do projeto empresarial, e quanto à componente de aceleração de negócios no estágio de maturação e de crescimento das *start-ups/spin-offs*;
- ✓ Novas ideias, novos negócios: é uma atividade que pretende de forma regular e continuada apresentar e promover casos de empreendedores por forma a disseminar e a

promover o espírito empresarial por via do exemplo de boas práticas e casos de sucesso de empreendedores e empresários;

- ✓ *Story telling*: transversal a todo projeto essa atividade é uma iniciativa dinamizada pela Portus Park, em parceria com os copromotores, e em colaboração com a Associação Empresarial de Portugal e o IAPMEI. Pretende-se continuar a bem sucedida recolha de casos de sucesso de empreendedores e projetos empresariais para constituição de uma bolsa de exemplos, casos práticos e de sucesso, para divulgação e exemplo a futuros empreendedores e empresários;
- ✓ Prémio empreendedor: pretende-se com essa atividade premiar o reconhecimento pelo mérito de casos bem-sucedidos de promotores que encetaram o seu projeto empresarial de uma meritória. Realçando casos que pelo exemplo sejam indutores de mudança e catalisadores para outros indivíduos como fator de mobilização para atitudes empreendedoras;
- ✓ Coordenação, comunicação e acompanhamento: refere-se especificamente a assegurar uma adequada e qualificada coordenação, monitorização e divulgação do projeto, considerando a afetação de recursos humanos, atividade de monitorização e acompanhamento, intervenção de técnicos/revisores oficiais de contas.

O projeto Aprender 3.0 evidencia assim, uma atuação estratégica na promoção da inovação, na dinamização de uma cultura de empreendedorismo, e de assunção do risco como parte da vida a favor do espírito de iniciativa, através da sensibilização para os fatores críticos da competitividade, pela promoção do empreendedorismo e espírito empresarial, e da potenciação de atitudes empreendedoras, numa mudança cultural, intergeracional, atenta a públicos específicos e a diversas manifestações do empreendedorismo (qualificação, tecnológico, criativo, corporativo e intra-empreendedorismo).

## 4.2. Caracterização da Amostra

Nessa investigação, a amostra que foi considerada para análise dos resultados, contou com um total de 150 respostas dos formandos da região centro de Portugal que participaram das formações que fazem parte das atividades do projeto “Aprender 3.0” realizadas entre 2017/18. Neste ponto efetua-se uma caracterização da amostra em termos de Género, Idade, Escolaridade, Área de Formação, País de origem e o Concelho de residência atual como verifica-se nas tabelas 4, 5, 6 e 7.

Tabela 4 - Distribuição por Género, Faixa Etária e Escolaridade

Sexo	Masculino	68	45,3%
	Feminino	82	54,7%
Faixa Etária	18-28	54	36,0%
	29-38	32	21,3%
	39-49	41	27,3%
	50-61	21	14,0%
	Mais de 62	2	1,3%
Escolaridade	Secundário	15	10,0%
	Bacharelato	7	4,7%
	Licenciatura	76	50,7%
	Mestrado	43	28,7%
	Doutoramento	9	6,0%

Fonte: Elaboração Própria

A tabela 4 representa a distribuição por Género, Faixa Etária e Escolaridade. A amostra é constituída por 150 casos, onde, 45,3% são homens e 54,7% mulheres. Trinta e seis por cento (36%) da amostra têm idade compreendida entre os 18 e os 28 anos, 27,3% tem entre 39 e 49 anos e 21,3% tem entre 29 e 38 anos. Quanto à escolaridade metade da amostra é licenciada (50,7%), 28,7% tem mestrado, 10% secundário, uma minoria de 6% com doutoramento e em menor percentagem 4% com bacharelato.

Tabela 5 - Distribuição respostas por Áreas de Formação

Áreas de formação	N	%
Ciências Sociais, Comércio e Direito	65	43,3%
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	30	20,0%
Ciências, Matemática e Informática	15	10,0%
Serviços Sociais	14	9,3%
Artes e Humanidades	10	6,7%
Saúde e Proteção Social	10	6,7%

Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão da área de formação, essa foi agrupada de acordo com a Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação, conforme a (Portaria nº 256/2005 de 16 de Março) do Ministério das Atividades Económicas e do Trabalho. A tabela 5 apresenta a classificação das áreas de formação dos respondentes, onde cerca de 43% dos inqueridos têm habilitações académicas na área das Ciências Sociais, Comércio e Direito, 20% são da área de Engenharia e Indústrias Transformadoras e Construção e em menor percentagem com 4% a área das Ciências da Educação. Como pode-se verificar a maioria dos formandos inquiridos são da área das Ciências Sociais, Comércio e Direito.

Tabela 6 - Distribuição respostas por Países

Qual o país que reside atualmente?	N	%
Portugal	115	76,7%
Brasil	15	10,0%
Angola	7	4,7%
Cabo Verde	3	2,0%
França	3	2,0%
Costa Rica	2	1,3%
África do Sul	1	0,7%
Grécia	1	0,7%
Líbano	1	0,7%
Moçambique	1	0,7%
Venezuela	1	0,7%

Fonte: Elaboração Própria

A resposta à questão país de origem revela ser importante na medida em que nos fornece a informação da origem dos participantes da formação. Da amostra, conforme ilustra a tabela 6 perto de 77% dos participantes são oriundos de Portugal, seguido do Brasil com 10%, Angola com 4,7%, Cabo Verde e França com 2%, Costa Rica com 1,3%, e os restantes países, Grécia, Líbano, Moçambique e Venezuela com a mesma percentagem de 0,7%.

De modo semelhante a questão do “Concelho onde reside atualmente” nos permite conhecer onde os respondentes se encontram atualmente e onde pode-se ter acedido à formação do projeto Apreender 3.0. Constatou-se que mais de metade da amostra reside no concelho de Coimbra (52%) e 12% no concelho de Lisboa, como pode-se verificar na tabela 7.

Tabela 7 - Distribuição respostas por Concelhos

Qual é o Concelho onde reside atualmente?	N	%
Coimbra	78	52,0%
Lisboa	18	12,0%
Covilhã	12	8,0%
Aveiro	9	6,0%
Figueira da Foz	8	5,3%
Castelo Branco	8	5,3%
Viseu	5	3,3%
Porto	4	2,7%
Guarda	2	1,3%
Leiria	2	1,3%
Santarém	2	1,3%
Abrantes	1	0,7%
Vila Real	1	0,7%

Fonte: Elaboração Própria

## **4.3. Análise de Dados**

Após a caracterização da amostra, onde conheceu-se, algumas características sociodemográficas dos participantes desse estudo, de seguida apresenta-se a análise e discussão dos resultados obtidos. Pretende-se, no final verificar se os pontos apresentados a princípio com o modelo de análise confirmam os resultados encontrados.

### **4.3.1. Empreendedorismo & Empreendedor**

A percepção dos inquiridos em relação ao empreendedorismo/empreendedor encontra-se nas tabelas 8 e 9 respetivamente. Relativamente ao empreendedorismo com base no nível de concordância dos respondentes, a afirmação “o empreendedorismo contribui para o aumento do emprego” tem uma percentagem de 88%, é “crucial para a competitividade dum economia” 88%; “desenvolve atributos e potencia competências pessoais” 90,7%; é a “arte de criar algo novo e inovador” 78% e “contribui para o aumento de oportunidades” 82,7%.

Tabela 8 - Distribuição respostas para Percepção de Empreendedorismo

Empreendedorismo	Grau de Concordância/Discordância	N	%
Contribui para o aumento de emprego.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	2	1,3%
	Nem concordo nem discordo	13	8,7%
	Concordo	48	32,0%
	Concordo totalmente	84	56,0%
É crucial para a competitividade de uma economia.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	2	1,3%
	Nem concordo nem discordo	13	8,7%
	Concordo	53	35,3%
	Concordo totalmente	79	52,7%
Desenvolve atributos e potencia competências pessoais.	Discordo totalmente	2	1,3%
	Discordo	1	0,7%
	Nem concordo nem discordo	11	7,3%
	Concordo	48	32,0%
	Concordo totalmente	88	58,7%
Arte de criar algo novo e inovador.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	4	2,7%
	Nem concordo nem discordo	26	17,3%
	Concordo	54	36,0%
	Concordo totalmente	63	42,0%
Contribui para um aumento de oportunidades.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	0	0,0%
	Nem concordo nem discordo	23	15,3%
	Concordo	48	32,0%
	Concordo totalmente	76	50,7%

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à percepção sobre o empreendedor as respostas de acordo com o nível de concordância foram as seguintes: a afirmação “tem capacidade de descobrir o potencial de uma ideia” 80,6%; “tem paixão, entusiasmo, iniciativa, criatividade e persistência” 92,7%; “considera os interesses da sociedade nas suas tomadas de decisão” 62%; “está disposto a assumir grandes riscos numa ideia nova” 76%; e “aquele que inicia algo novo e vê o que ninguém vê” 66%. Relativamente à afirmação de que o “empreendedor possui o seu próprio capital”, 40% dos respondentes discordaram, 21,3% discordaram totalmente e 25,3% nem concordaram nem discordaram. Na afirmação de que o “empreendedor está disposto a seguir todas as regras”, o nível de discordância foi o que apresentou maior percentagem, com 36% a discordarem, 16,7% a discordarem totalmente e 25,3% a não concordarem nem discordarem. Também na afirmação que o empreendedor é “alguém respeitável”, 39,3% concordaram mas, 37,3% nem concordaram nem discordaram. As afirmações onde se observou uma maior per-

centagem em que os respondentes nem discordaram nem concordaram, observou-se uma percentagem de 48,7% na afirmação “tem um QI alto” e 40% na afirmação “tem ideias radicais para um novo negócio”.

Tabela 9 - Distribuição respostas para a Perceção do Empreendedor

Empreendedor	Grau de Concordância/Discordância	N	%
Tem um QI alto	Discordo totalmente	21	14,0%
	Discordo	31	20,7%
	Nem concordo nem discordo	73	48,7%
	Concordo	23	15,3%
	Concordo totalmente	2	1,3%
Tem ideias radicais para um novo negócio	Discordo totalmente	9	6,0%
	Discordo	33	22,0%
	Nem concordo nem discordo	60	40,0%
	Concordo	42	28,0%
	Concordo totalmente	6	4,0%
Tem capacidade de descobrir o potencial de uma ideia.	Discordo totalmente	2	1,3%
	Discordo	1	0,7%
	Nem concordo nem discordo	26	17,3%
	Concordo	62	41,3%
	Concordo totalmente	59	39,3%
Possui a sua própria capita (dinheiro).	Discordo totalmente	32	21,3%
	Discordo	60	40,0%
	Nem concordo nem discordo	38	25,3%
	Concordo	13	8,7%
	Concordo totalmente	7	4,7%
Está disposto a seguir todas as regras.	Discordo totalmente	25	16,7%
	Discordo	54	36,0%
	Nem concordo nem discordo	42	28,0%
	Concordo	22	14,7%
	Concordo totalmente	7	4,7%
Tem paixão, entusiasmo, iniciativa, criatividade e persistência.	Discordo totalmente	2	1,3%
	Discordo	0	0,0%
	Nem concordo nem discordo	9	6,0%
	Concordo	51	34,0%
	Concordo totalmente	88	58,7%
Considera os interesses da sociedade nas suas tomadas de decisão.	Discordo totalmente	6	4,0%
	Discordo	13	8,7%
	Nem concordo nem discordo	38	25,3%
	Concordo	61	40,7%
	Concordo totalmente	32	21,3%

Está disposto a assumir grandes riscos numa ideia nova.	Discordo totalmente	1	0,7%
	Discordo	4	2,7%
	Nem concordo nem discordo	31	20,7%
	Concordo	63	42,0%
	Concordo totalmente	51	34,0%
É uma pessoa respeitável.	Discordo totalmente	2	1,3%
	Discordo	13	8,7%
	Nem concordo nem discordo	56	37,3%
	Concordo	59	39,3%
	Concordo totalmente	20	13,3%
Aquele que inicia algo novo e vê o que ninguém vê.	Discordo totalmente	6	4,0%
	Discordo	10	6,7%
	Nem concordo nem discordo	35	23,3%
	Concordo	65	43,3%
	Concordo totalmente	34	22,7%

Fonte: Elaboração própria

### 4.3.2. Intenção/ Capacidade Empreendedora

No que se refere a Intenção Empreendedora, nessa secção são avaliadas as várias características psicométricas, relativos à intenção/capacidade empreendedora dos inquiridos. A tabela 10 ilustra a distribuição das respostas obtidas. Deste modo, pode-se verificar que perto de 84% dos respondentes já “consideraram ser um empreendedor”. Mais de metade discordaram totalmente e discordaram com as seguintes afirmações: “Nunca procura novas oportunidades para criar um negócio” 65,4%; “tenho uma poupança para começar um novo projeto empresarial” 60,6%; “não procuro informações sobre como implementar um novo projeto empresarial” 68%; “não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial” 65,4%. Concordaram e Concordaram totalmente com as seguintes afirmações: “Já participou de várias formações, *workshops* e palestras” 74,7% e “gostaria muito de gerir uma empresa” 64%. A afirmação “Despende muito tempo para aprender sobre como criar um novo projeto empresarial” registou variabilidade na concordância, sendo que 32% nem concordou nem discordou mas 26,7% concordou e 25,3% discordou. Com menor variabilidade, mas sem consenso de concordância, o nível de concordância das afirmações “tem facilidade em identificar a necessidade de novos produtos” e “Estou sempre atento(a) aos novos serviços/produtos que surgem no mercado” distribuiu-se entre o concordo e o nem concordo nem discordo.

Tabela 10 - Distribuição respostas para Intenção/Capacidade Empreendedora

Intenção/Capacidade Empreendedora	Grau de Concordância/Discordância	N	%
Você já considerou ser um empreendedor?	Não	25	16,7%
	Sim	125	83,3%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Nunca procura novas oportunidades para criar um negócio.	Discordo totalmente	58	38,7%
	Discordo	40	26,7%
	Nem concordo nem discordo	35	23,3%
	Concordo	13	8,7%
	Concordo totalmente	4	2,7%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Tenho uma poupança para começar um novo projeto empresarial.	Discordo totalmente	47	31,3%
	Discordo	44	29,3%
	Nem concordo nem discordo	36	24,0%
	Concordo	18	12,0%
	Concordo totalmente	5	3,3%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Não procuro informações sobre como implementar um novo projeto empresarial.	Discordo totalmente	62	41,3%
	Discordo	40	26,7%
	Nem concordo nem discordo	26	17,3%
	Concordo	18	12,0%
	Concordo totalmente	4	2,7%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial.	Discordo totalmente	61	40,7%
	Discordo	37	24,7%
	Nem concordo nem discordo	29	19,3%
	Concordo	14	9,3%
	Concordo totalmente	9	6,0%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Tem facilidade em identificar necessidade de novos produtos.	Discordo totalmente	4	2,7%
	Discordo	15	10,0%
	Nem concordo nem discordo	53	35,3%
	Concordo	61	40,7%
	Concordo totalmente	17	11,3%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Despende muito tempo para aprender sobre como criar um novo projeto empresarial.	Discordo totalmente	9	6,0%
	Discordo	38	25,3%
	Nem concordo nem discordo	48	32,0%
	Concordo	40	26,7%
	Concordo totalmente	15	10,0%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Já participou de várias formações, workshops e palestras.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	14	9,3%
	Nem concordo nem discordo	21	14,0%
	Concordo	58	38,7%
	Concordo totalmente	54	36,0%

Pensando em si, até que ponto é verdade que: Estou sempre atento(a) aos novos serviços/produtos que surgem no mercado.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	12	8,0%
	Nem concordo nem discordo	50	33,3%
	Concordo	55	36,7%
	Concordo totalmente	30	20,0%
Pensando em si, até que ponto é verdade que: Gostaria muito de gerir uma empresa.	Discordo totalmente	5	3,3%
	Discordo	9	6,0%
	Nem concordo nem discordo	40	26,7%
	Concordo	42	28,0%
	Concordo totalmente	54	36,0%

Fonte: Elaboração Própria

Procedeu-se à análise fatorial da Intenção/Capacidade Empreendedora com rotação Varimax (tabela 11) e, quer os resultados do KMO (0,910), quer os do teste de Bartlett ( $X^2$  (276) = 2656,61;  $p < 0,001$ ), apresentaram bons resultados. Foram retiradas as variáveis 14,17,21 e 27 correspondentes às afirmações (Consigo convencer facilmente as pessoas com os meus argumentos; Arrisco muitas vezes quando acredito que algo vai dar certo, mesmo que não consiga prever totalmente as consequências das minhas ações; Consigo identificar algum produto/serviço com potencialidades para ser o melhor no mercado; tenho sempre certeza do resultado que vou obter quando tomo as minhas decisões), respetivamente por terem apresentado cargas fatoriais inferiores a 0,50.

Tabela 11 - Teste KMO e Bartlett

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.	0,910
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square
	2656,607
	df
	276
	Sig.
	0,000

Fonte: elaboração própria

Observaram-se valores altos nas comunalidades de cada variável como pode-se verificar na tabela 12 o que indica que as componentes extraídas (fatores latentes) representam bem as variáveis. As únicas variáveis que apresentaram valores mais baixos foram a 1, 13 e a 28. As comunalidades são as proporções da variação de cada variável que é explicada pelo fator latente.

Tabela 12 - Comunalidades para Intenção/Capacidade Empreendedora

	Initial	Extraction
1-Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.	1,000	0,552
2-Estou preparado(a) para iniciar um negócio viável.	1,000	0,729
3-Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.	1,000	0,784
4-Eu conheço os detalhes práticos necessários para criar uma empresa.	1,000	0,789

5-Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.	1,000	0,806
6-Se eu tentasse criar uma empresa, teria alta probabilidade de sucesso.	1,000	0,655
7-Eu estou disposto(a) a fazer o que for preciso para ser um empreendedor.	1,000	0,751
8-Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor.	1,000	0,842
9-Farei todos os esforços para criar e manter a minha própria empresa.	1,000	0,833
10-Eu estou decidido a criar uma empresa no futuro.	1,000	0,888
11-Tenho pensado muito seriamente em criar uma empresa.	1,000	0,85
12-Tenho a firme intenção de criar uma empresa dentro de pouco tempo.	1,000	0,804
13-Duvido sempre da minha capacidade para dar a volta a situações complicadas e resolver os problemas por mim próprio(a).	1,000	0,521
15-Sou sempre capaz de me adaptar a diferentes situações.	1,000	0,705
16-Graças às suas competências e capacidades, sabe que consegue lidar com situações imprevistas.	1,000	0,689
18-Quando confrontado com um problema, consegue, normalmente, encontrar várias soluções.	1,000	0,736
19-Tenho sempre tendência para guiar as minhas ações pelos resultados que obtive no passado.	1,000	0,693
20-Normalmente consegue lidar com qualquer coisa que se deprece no seu caminho.	1,000	0,705
22-Conheço-me a mim próprio/a e sei o que me faz sentir bem.	1,000	0,693
23-Raramente consigo mudar a opinião das pessoas em relação a determinados assuntos, mesmo que me esforce muito por isso.	1,000	0,747
24-Sei que sou capaz de utilizar as minhas capacidades para realizar uma tarefa com sucesso.	1,000	0,699
25-Gosto de desafios que tenham algum risco associado.	1,000	0,562
26-Coloco o máximo de empenho naquilo que faço quando sei que os resultados me vão deixar satisfeito(a).	1,000	0,696
28-Geralmente encaro uma mudança como algo positivo.	1,000	0,578

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Elaboração própria

Nesta solução foram estimados 5 fatores, como pode-se observar na tabela 13, que se formaram das análises fatoriais realizadas. Sendo o fator 1 (Ser empreendedor), fator 2 (Criar uma empresa), fator 3 (Competência empreendedora), fator 4 (Dificuldades empreendedoras) e por último fator 5 (Capacidade empreendedora). Esses fatores com valores próprios maiores que 1 representam 72,10% da variabilidade nas variáveis originais. Isto sugere que existem 5 influências latentes associadas à intenção empreendedora, ficando aproximadamente 27% por explicar.

Tabela 13 - Variação Total Explicada

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	10,185	42,438	42,438	10,185	42,438	42,438	5,628	23,452	23,452
2	3,087	12,863	55,301	3,087	12,863	55,301	4,06	16,917	40,368
3	1,704	7,101	62,401	1,704	7,101	62,401	4,005	16,688	57,056
4	1,313	5,471	67,873	1,313	5,471	67,873	2,168	9,035	66,092
5	1,015	4,23	72,103	1,015	4,23	72,103	1,443	6,011	72,103
6	0,825	3,436	75,539						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Elaboração Própria

No que concerne às cargas fatoriais, esses variaram entre 0,538 (Graças às suas competências e capacidades, sabe que consegue lidar com situações imprevistas) e 0,899 (Eu estou decidido a criar uma empresa no futuro), ambos representados na tabela 14 pelos números (16) e (10) respectivamente. Observou-se que tanto a variável “Estou preparado(a) para iniciar um negócio viável” como “Sou sempre capaz de me adaptar a diferentes situações”, presentes nos números 2 e 15 respectivamente, apresentaram valores de saturação superiores a 0,50 em dois fatores. Mas considerando que os valores das comunilidades de cada uma foram superiores a 0,70, optou-se por mantê-las no fator onde a carga fatorial mostrou um valor superior. Especialmente porque esta solução mostrou mais estabilidade do que todas as soluções testada

Tabela 14 - Rotação Componente Matrix<sup>a</sup>

	Component				
	1	2	3	4	5
1-Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.	0,156	0,698	0,07	0,106	-0,156
2-Estou preparado(a) para iniciar um negócio viável.	0,554	0,616	0,183	0,093	-0,021
3-Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.	0,39	0,754	0,223	0,035	-0,11
4-Eu conheço os detalhes práticos necessários para criar uma empresa.	0,183	0,846	0,112	0,124	0,106
5-Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.	0,243	0,82	0,255	0,1	-0,004
6-Se eu tentasse criar uma empresa, teria alta probabilidade de sucesso.	0,451	0,578	0,213	0,263	-0,048
7-Eu estou disposto(a) a fazer o que for preciso para ser um empreendedor.	0,81	0,231	0,159	0,12	0,032
8-Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor.	0,883	0,212	0,116	0,06	0,016
9-Farei todos os esforços para criar e manter a minha própria empresa.	0,841	0,258	0,239	0,008	-0,048
10-Eu estou decidido a criar uma empresa no futuro.	0,899	0,175	0,123	0,092	-0,159
11-Tenho pensado muito seriamente em criar uma empresa.	0,891	0,157	0,139	0,075	-0,082
12-Tenho a firme intenção de criar uma empresa dentro de pouco tempo.	0,85	0,187	-0,026	0,185	-0,108
13-Duvido sempre da minha capacidade para dar a volta a situações complicadas e resolver os problemas por mim próprio(a).	-0,057	-0,192	-0,362	0,023	0,592
15-Sou sempre capaz de me adaptar a diferentes situações.	0,122	0,104	0,603	0,562	-0,028
16-Graças às suas competências e capacidades sabe que consegue lidar com situações imprevistas.	0,202	0,332	0,466	0,538	-0,177
18-Quando confrontado com um problema consegue, normalmente, encontrar várias soluções.	0,098	0,413	0,47	0,544	-0,195
19-Tenho sempre tendência para guiar as minhas ações pelos resultados que obtive no passado.	0,11	0,038	0,08	0,79	0,221
20-Normalmente consegue lidar com qualquer coisa que se depare no seu caminho.	0,16	0,394	0,392	0,549	-0,262
22-Conheço-me a mim próprio/a e sei o que me faz sentir bem.	0,144	0,172	0,795	0,1	-0,006
23-Raramente consigo mudar a opinião das pessoas em relação a determinados assuntos, mesmo que me esforce muito por isso.	-0,107	0,039	0,003	0,012	0,857
24-Sei que sou capaz de utilizar as minhas capacidades para realizar uma tarefa com sucesso.	0,132	0,122	0,784	0,183	-0,135
25-Gosto de desafios que tenham algum risco associado.	0,45	0,292	0,523	-0,011	-0,004
26-Coloco o máximo de empenho naquilo que faço quando sei que os resultados me vão deixar satisfeito(a).	0,082	0,124	0,819	0,049	0,001
28-Geralmente encaro uma mudança como algo positivo.	0,131	0,119	0,615	0,337	-0,234

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 7 iterations.

Fonte: Elaboração própria

Procedeu-se à análise de consistência das variáveis, através do coeficiente alfa de *Cronbach* (Tabela15) e a escala total com todas as variáveis de (1-28) apresentaram uma consistência interna muito boa com uma (Cronbach's Alpha = 0,930).

Analizou-se a consistência interna de cada fator depois de retirados os itens com cargas fatoriais insatisfatórias e os resultados apresentaram valores do Cronbach's Alpha que variaram entre 0,398 (fator 5) e 0,955 (fator 2).

Tabela 15 - Coeficiente de Cronbach

Cronbach's Alpha	N of Items
0,930	28

Fator	Alfa Cronbach	Nº de itens
1	0,906	6
2	0,955	6
3	0,852	7
4	0,786	5
5	0,398	2

Fonte: Elaboração própria

### 4.3.3. Educação para o Empreendedorismo

Esta sessão da educação para o empreendedorismo, pretendeu-se com uma gama de afirmações, caracterizar o grau de concordância dos inquiridos em relação à melhoria de interesse em empreender tendo em conta as instituições de ensino e outras instituições. Os resultados se encontram apresentados na tabela 16.

Assim, as áreas onde as instituições de ensino poderiam contribuir para melhorar o interesse em empreender foram avaliadas pelo nível de concordância com as afirmações a elas respeitantes. De acordo com o grau de concordância (Concordo e Concordo totalmente) essas áreas são: proporcionar a consciencialização do empreendedorismo como uma possível escolha alternativa (70,7%); estimular ideias aos alunos para iniciar nova empresa (80%); oferecer um projeto de trabalho focado no empreendedorismo (73,4%); organização de conferências/*workshops* sobre o empreendedorismo (74%); colocar os estudantes em contacto com a rede necessária para começar uma nova empresa (82,7%); permitir que empresas geridas por alunos usem as instalações da universidade (74,6%); e colocar os estudantes empreendedores em contacto uns com os outros (81,3%). Embora 34% dos inquiridos tenha concordado que a promoção, aos alunos, de meios financeiros necessários para iniciar uma empresa, por parte das instituições de ensino, seria uma forma de melhorar o interesse em empreendedorismo, 32,7% nem concordou nem discordou. O mesmo aconteceu com a afirmação “O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Oferecer um estudo de bacharelato ou mestrado em empreendedorismo” em que 32,7% concordou mas 28,7% discordou.

Tabela 16 - Distribuição respostas a Educação para o Empreendedorismo

Educação para o Empreendedorismo	Grau Concordância/Discordância	N	%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Proporcionar a consciencialização do empreendedorismo como uma possível escolha alternativa.	Discordo totalmente	5	3,3%
	Discordo	6	4,0%
	Nem concordo nem discordo	33	22,0%
	Concordo	57	38,0%
	Concordo totalmente	49	32,7%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Estimular ideias aos alunos para iniciar uma nova empresa.	Discordo totalmente	4	2,7%
	Discordo	4	2,7%
	Nem concordo nem discordo	22	14,7%
	Concordo	65	43,3%
	Concordo totalmente	55	36,7%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Oferecer um projeto de trabalho focado em empreendedorismo.	Discordo totalmente	4	2,7%
	Discordo	8	5,3%
	Nem concordo nem discordo	28	18,7%
	Concordo	55	36,7%
	Concordo totalmente	55	36,7%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Organizar conferências/workshops sobre o empreendedorismo.	Discordo totalmente	4	2,7%
	Discordo	7	4,7%
	Nem concordo nem discordo	28	18,7%
	Concordo	66	44,0%
	Concordo totalmente	45	30,0%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Colocar os estudantes em contacto com a rede necessária para começar uma nova empresa.	Discordo totalmente	4	2,7%
	Discordo	0	0,0%
	Nem concordo nem discordo	22	14,7%
	Concordo	48	32,0%
	Concordo totalmente	76	50,7%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Permitir que empresas geridas por alunos usem as instalações da universidade.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	4	2,7%
	Nem concordo nem discordo	31	20,7%
	Concordo	47	31,3%
	Concordo totalmente	65	43,3%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Proporcionar aos alunos os meios financeiros necessários para iniciar uma nova empresa.	Discordo totalmente	3	2,0%
	Discordo	9	6,0%
	Nem concordo nem discordo	49	32,7%
	Concordo	51	34,0%
	Concordo totalmente	38	25,3%
O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Colocar os estudantes empreendedores em contacto uns com os outros.	Discordo totalmente	4	2,7%
	Discordo	3	2,0%
	Nem concordo nem discordo	21	14,0%
	Concordo	56	37,3%
	Concordo totalmente	66	44,0%

O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino: Oferecer um estudo de bacharelato ou mestrado em empreendedorismo.	Discordo totalmente	7	4,7%
	Discordo	11	7,3%
	Nem concordo nem discordo	43	28,7%
	Concordo	49	32,7%
	Concordo totalmente	40	26,7%

Fonte: Elaboração própria

Uma informação pertinente, nesse estudo, prende-se ao fato do grau da importância que os respondentes atribuem à realização das formações que fazem parte das atividades no âmbito projeto “Aprender 3.0” e na tabela 17, pode-se constatar os resultados. Os inquiridos consideraram que a formação foi muito importante 35,3% e importante 32,7% para os seus conhecimentos. Os módulos apresentados foram considerados muito importantes 39,3% e importantes 34,7%. A contribuição da formação para a criação do negócio de cada inquirido foi considerada importante 36% e muito importante 29,3%. A iniciativa da realização da formação em empreendedorismo foi considerada muito importante 33,3% e importante 30%.

Tabela 17 - Distribuição respostas à importância das formações Aprender 3.0

Formação Aprender 3.0	Grau de Importância	N	%
Quão importante considera ser a formação que frequentou para os seus conhecimentos?	Nada importante	6	4,0%
	Pouco importante	7	4,7%
	Importante	49	32,7%
	Muito importante	53	35,3%
	Extremamente importante	35	23,3%
Quão importante considera os módulos apresentados durante a formação?	Nada importante	6	4,0%
	Pouco importante	5	3,3%
	Importante	52	34,7%
	Muito importante	59	39,3%
	Extremamente importante	28	18,7%
Quão importante considera a contribuição da formação para a criação do seu negócio?	Nada importante	9	6,0%
	Pouco importante	10	6,7%
	Importante	54	36,0%
	Muito importante	44	29,3%
	Extremamente importante	33	22,0%
Quão importante considera a iniciativa da realização da formação em empreendedorismo?	Nada importante	6	4,0%
	Pouco importante	6	4,0%
	Importante	45	30,0%
	Muito importante	50	33,3%
	Extremamente importante	43	28,7%

Fonte: Elaboração própria

#### 4.3.4. Antecedentes Familiares

No que diz respeito aos antecedentes familiares na tabela 18, observa-se que metade da amostra diz ter um familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que é empresário 50,7% e os restantes 49,3% responderam não.

Tabela 18 - Distribuição de respostas a Antecedentes Familiares

	N	%
Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário?		
Não	74	49,30%
Sim	76	50,70%

Fonte: Elaboração própria

#### 4.3.5. Experiência/Formação Profissional Prévia

Com os dados da experiência profissional, apresentados na tabela 19, é possível verificar algumas informações relevantes, onde cerca de dois terços da amostra correspondente a 66,7% tem emprego a tempo inteiro há mais de 1 ano, 12% já tiveram experiência como bolsiros e 6% como estagiários. Com isso pode-se verificar que a maioria dos inquiridos já possui alguma experiência profissional.

Tabela 19 - Distribuição respostas a Experiência/Formação Prévia

Experiência /Formação Profissional Prévia	N	%
Tempo inteiro (> 1 ano)	100	66,7%
Bolsheiro	18	12,0%
Estágio	9	6,0%
Tempo inteiro (< 1 ano)	8	5,3%
Nenhuma	8	5,3%
Empresário	3	2,0%
Consultor	2	1,3%
Investigador	2	1,3%

Fonte: Elaboração própria

#### 4.3.6. Propensão para Assumir Riscos

Nesta secção pretende-se a caracterização da escala de Propensão para Assumir Riscos. Desta análise pode-se constatar, os resultados na tabela 20. Quando questionados acerca dos riscos necessários na implementação de negócio próprio, 30% dos respondentes nem concordou nem discordou da afirmação “Eu prefiro trabalhar por conta de outrem, não estou disposto a correr riscos”, embora a percentagem dos discordantes tenha ultrapassado os 50%. Nas restantes afirmações também se observaram opiniões pouco definidas condensadas em nem concordo nem discordo. É o caso das afirmações: “Estou disponível para assumir todos os riscos para

criar o meu próprio negócio” (35%); “Prefiro trabalhar numa empresa em que já conheço os problemas do que assumir os riscos de uma nova empresa que ainda não conheço, mesmo que me ofereça as melhores oportunidades de crescimento” com 34%; e “Para mim o risco, independente de qualquer trabalho ou situação, deve ser evitado” com 32,7%. Embora nestas duas últimas afirmações se tenha, ainda, observado percentagens altas de desacordo, com 29,3% e 30% respetivamente.

Tabela 20 - Distribuição respostas a Propensão para Assumir Riscos

Propensão ao Risco	Grau Concordância/Discordância	N	%
Eu prefiro trabalhar por conta de outrem, não estou disposto a correr riscos.	Discordo totalmente	39	26,0%
	Discordo	38	25,3%
	Nem concordo nem discordo	45	30,0%
	Concordo	19	12,7%
	Concordo totalmente	9	6,0%
Estou disponível para assumir todos os riscos para criar o meu próprio negócio.	Discordo totalmente	14	9,3%
	Discordo	21	14,0%
	Nem concordo nem discordo	52	34,7%
	Concordo	35	23,3%
	Concordo totalmente	28	18,7%
Prefiro trabalhar numa empresa em que já conheço os problemas do que assumir os riscos de uma nova empresa que ainda não conheço, mesmo que me ofereça as melhores oportunidades de crescimento.	Discordo totalmente	33	22,0%
	Discordo	44	29,3%
	Nem concordo nem discordo	51	34,0%
	Concordo	19	12,7%
	Concordo totalmente	3	2,0%
Para mim o risco independente de qualquer trabalho ou situação deve ser evitada.	Discordo totalmente	30	20,0%
	Discordo	45	30,0%
	Nem concordo nem discordo	49	32,7%
	Concordo	24	16,0%
	Concordo totalmente	2	1,3%

Fonte: Elaboração própria

Os resultados da análise fatorial, da Propensão para Assumir os Riscos, com rotação Varimax apresentaram bons resultados, (tabela 21), quer os resultados do KMO (0,770) e quer os do teste de Bartlett ( $X^2(91) = 699,611$ ;  $p < 0,001$ ).

Tabela 21 - Teste KMO e Bartlett

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,770
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	699,611
	df	91
	Sig.	,000

Fonte: Elaboração própria

As comunalidades conforme a tabela 22 variaram entre 0,478 (Sucesso de uma nova empresa: As parcerias externas) e 0,819 (Sucesso de uma nova empresa: A personalidade do gestor/empreendedor), representadas na tabela abaixo pelas letras (N) e (I) respetivamente.

Tabela 22 - Comunalidades a Propensão ao Risco

	Initial	Extraction
A-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de apoio financeiro.	1	0,517
B-Dificuldade em iniciar um negócio: O processo administrativo é muito complexo.	1	0,665
C-Dificuldade em iniciar um negócio: Pouca informação sobre como o fazer.	1	0,701
D-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de competências na área de gestão.	1	0,575
E-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de ideias inovadoras.	1	0,596
F-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de apoio institucional para o fazer.	1	0,507
G-Dificuldade em iniciar um negócio: Grande risco de falhar.	1	0,701
H-Dificuldade em iniciar um negócio: O clima económico atual não é favorável ao desenvolvimento do próprio negócio.	1	0,532
I-Sucesso de uma nova empresa: A personalidade do gestor/empreendedor.	1	0,819
J-Sucesso de uma nova empresa: A qualidade da equipa de gestão.	1	0,79
K-Sucesso de uma nova empresa: Existência de apoios financeiros.	1	0,595
L-Sucesso de uma nova empresa: O contexto económico.	1	0,736
M-Sucesso de uma nova empresa: O contexto político.	1	0,713
N-Sucesso de uma nova empresa: As parcerias externas.	1	0,478

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Elaboração própria

A solução de 4 fatores, com valores próprios superiores a 1, de acordo com os resultados apresentados na tabela 23, explica 63,75% da variabilidade nas variáveis originais. Esses fatores formaram-se a partir das variáveis originais apresentados na tabela 22, sendo, fator 1 (apoio administrativo), fator 2 (ambiente macroeconómico), fator 3 (motivação em empreender) e fator 4 (equipa de gestão).

Tabela 23 - Variação Total Explica

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	4,083	29,165	29,165	4,083	29,165	29,165	2,686	19,185	19,185
2	2,324	16,597	45,762	2,324	16,597	45,762	2,534	18,1	37,284
3	1,429	10,209	55,971	1,429	10,209	55,971	1,946	13,901	51,185
4	1,089	7,777	63,748	1,089	7,777	63,748	1,759	12,563	63,748
5	0,87	6,214	69,962						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Elaboração própria

As cargas fatoriais variaram entre 0,550 (Dificuldade em iniciar um negócio: O clima económico atual não é favorável ao desenvolvimento do próprio negócio) e 0,877 (Sucesso de uma nova empresa: A personalidade do gestor/empreendedor), ambos representados na tabela 24 pelas letras (H e I, respetivamente).

Tabela 24 - Rotação Componente Matriz<sup>a</sup>

	Component			
	1	2	3	4
A-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de apoio financeiro.	0,649	0,285	-0,02	0,116
B-Dificuldade em iniciar um negócio: O processo administrativo é muito complexo.	0,778	0,173	0,169	-0,019
C-Dificuldade em iniciar um negócio: Pouca informação sobre como o fazer.	0,804	-0,059	0,211	-0,081
D-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de competências na área de gestão.	0,499	0,082	0,563	-0,044
E-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de ideias inovadoras.	0,054	-0,232	0,709	0,192
F-Dificuldade em iniciar um negócio: Falta de apoio institucional para o fazer.	0,655	-0,074	0,215	0,163
G-Dificuldade em iniciar um negócio: Grande risco de falhar.	0,163	0,119	0,812	0,04
H-Dificuldade em iniciar um negócio: O clima económico atual não é favorável ao desenvolvimento do próprio negócio.	0,318	0,325	0,550	-0,154
I-Sucesso de uma nova empresa: A personalidade do gestor/empreendedor.	0,018	0,204	0,085	0,877
J-Sucesso de uma nova empresa: A qualidade da equipa de gestão.	0,084	0,159	0,015	0,87
K-Sucesso de uma nova empresa: Existência de apoios financeiros.	0,391	0,604	0,035	0,278
L-Sucesso de uma nova empresa: O contexto económico.	0,161	0,813	0,186	0,121
M-Sucesso de uma nova empresa: O contexto político.	0,082	0,839	-0,04	0,022
N-Sucesso de uma nova empresa: As parcerias externas.	-0,104	0,661	-0,03	0,17

Extraction Method: Principal Component Analysis.  
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.  
 a. Rotation converged in 6 iterations.  
 Fonte: Elaboração própria

A escala total com todas as variáveis de (1-14), conforme a tabela 25, apresentaram uma boa consistência interna com (*Cronbach Alpha* = 0,800). A escala de Propensão para Assumir Riscos, apresentou valores para cada valor entre, 0,685 (fator 3) e 0,804 (fator 4).

Tabela 25 - Coeficiente de Cronbach

Cronbach's Alpha	N of Items
0,800	14

Fator	Alfa Cronbach	Nº de itens
1	0,750	4
2	0,770	4
3	0,685	4
4	0,804	2

Fonte: Elaboração própria

## 4.4. Análise e Discussão dos Resultados

Considerando a avaliação das hipóteses, nesse estudo foi utilizada a análise de regressão linear múltipla, com objetivo de verificar a existência de uma relação funcional entre a variável dependente, com uma ou mais variáveis independentes. Assim sendo, pretendeu-se analisar quais os fatores preditores da Intenção Empreendedora, considerando-se a Educação para o Empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia e a Propensão para Assumir Riscos.

Calculou-se a Intenção Empreendedora e a Propensão para Assumir Riscos a partir dos resultados das análises fatoriais realizadas. A educação para o Empreendedorismo foi calculada a partir dos itens da questão 6.1 do grupo (VI) e a Formação/Experiência Profissional Prévia baseou-se nas respostas “empreendedor” ou “empresário” referente à questão “Experiência Profissional”.

Os resultados da análise de regressão, pelo método *Enter*, através do teste Durbin-Watson <sup>12</sup> indicados na tabela 26, mostraram que a variável que se constituiu como preditora da IE foi a Propensão para Assumir Riscos, que explica 16,5% da variabilidade e que mostrou significância estatística ( $r^2$  ajustado=0,165;  $F=29,514$ ;  $p=0,000$ ).

Tabela 26 - Análise pelo Método Enter

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics					Durbin-Watson
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change	
1	,102 <sup>a</sup>	0,01	0,004	0,59635	0,01	1,542	1	148	0,216	
2	,419 <sup>b</sup>	0,176	0,165	0,54606	0,165	29,514	1	147	0,000	
3	,423 <sup>c</sup>	0,179	0,162	0,54692	0,003	0,539	1	146	0,464	
4	,426 <sup>d</sup>	0,182	0,159	0,54788	0,003	0,491	1	145	0,485	2,12

a. Predictors: (Constant), Propensão para Assumir Riscos.

b. Predictors: (Constant), Propensão para Assumir Riscos; Educação para ao empreendedorismo.

c. Predictors: (Constant), Propensão para Assumir Riscos; Educação para ao empreendedorismo; Tem experiência como empresário ou empreendedor.

d. Predictors: (Constant), Propensão para Assumir Riscos; Educação para ao Empreendedorismo; Tem experiência como empresário ou empreendedor; Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário.

e. Dependent Variable: Intenção Empreendedora.

No modelo final observa-se, na tabela 27, que a Propensão para Assumir Riscos e a Educação para o empreendedorismo são preditoras da IE. Assim, por cada unidade de aumento na Propensão para Assumir Riscos espera-se que a IE diminua em 0,25 unidades e que, por cada unidade de aumento na Educação para o empreendedorismo, a IE aumenta em 0,336 unidades. Também, por si só, a Propensão para Assumir Riscos não se constitui uma preditora da IE (co-

<sup>12</sup> O teste de Durbin-Watson é utilizado para detetar a presença de autocorrelação (dependência) nos resíduos de uma análise de regressão. Esta estatística é, também, utilizada para testar o pressuposto da independência dos erros. (Marôco, 2014).

mo se pode ver no modelo 1), mas parece que o seu efeito é mediado pela variável educação para o empreendedorismo, com a qual apresentou uma correlação ( $r=0,322$ ;  $p=0,000$ ).

Tabela 27 - Coeficientes das Variáveis

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	3,851	0,309		12,456	0		
	Propensão para assumir riscos.	-0,109	0,088	-0,102	-1,242	0,216	1	1
2	(Constant)	3,016	0,322		9,361	0		
	Propensão para assumir riscos.	-0,257	0,085	-0,239	-3,021	0,003	0,898	1,114
	Educação para ao empreendedorismo.	0,337	0,062	0,429	5,433	0	0,898	1,114
3	(Constant)	3,011	0,323		9,328	0		
	Propensão para assumir riscos.	-0,259	0,085	-0,24	-3,037	0,003	0,897	1,115
	Educação para ao empreendedorismo.	0,337	0,062	0,43	5,438	0	0,898	1,114
	Tem experiência como empresário ou empreendedor.	0,146	0,199	0,055	0,734	0,464	0,999	1,001
4	(Constant)	2,953	0,334		8,854	0		
	Propensão para assumir riscos.	-0,25	0,086	-0,233	-2,903	0,004	0,879	1,137
	Educação para ao empreendedorismo.	0,336	0,062	0,429	5,411	0	0,897	1,115
	Tem experiência como empresário ou empreendedor.	0,146	0,199	0,055	0,732	0,465	0,999	1,001
	Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário?	0,063	0,09	0,053	0,701	0,485	0,98	1,021

a. Dependent Variable: Intenção Empreendedora

Fonte: Elaboração própria

Tabela 28 - Correlação da Variável Dependente com Independentes

		Intenção Empreendedora	Propensão para assumir riscos	Educação para ao Empreendedorismo	Tem experiência como empresário ou empreendedor
Propensão para Assumir Riscos	Pearson Correlation Sig. (1-tailed) N	-,102  ,108 150			
Educação para ao Empreendedorismo	Pearson Correlation Sig. (1-tailed) N	,353  ,000 150	,320  ,000 150		
Tem experiência como empresário ou empreendedor	Pearson Correlation Sig. (1-tailed) N	,044  ,295 150	,025  ,383 150	-,011  ,447 150	
Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário?	Pearson Correlation Sig. (1-tailed) N	,076  ,178 150	-,140  ,043 150	-,023  ,389 150	-,003  ,485 150

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito às correlações a tabela 28, mostra que a intenção empreendedora se correlacionou positivamente com a educação para o empreendedorismo ( $r=0,353$ ;  $p=0,000$ ). Observou-se também uma correlação positiva da educação para o empreendedorismo com a propensão para assumir riscos ( $r=0,320$ ;  $p=0,000$ ). Não se observou qualquer correlação significativa da IE com a propensão para assumir riscos.

Para concluir este capítulo da análise de dados e discussão dos resultados, de seguida apresenta-se o teste das hipóteses propostas inicialmente.

H1: A educação para o empreendedorismo influencia positivamente a IE dos formandos do projeto Aprender 3.0.

Ao realizar as análises de regressões lineares múltiplas, verificou-se que a educação para o empreendedorismo exerce uma influência significativa sobre a IE, uma vez que a cada unidade aumentada na educação para o empreendedorismo a IE aumenta em 0,336 unidades.

Estes resultados confirmam a Hipótese 1 (A educação para o empreendedorismo influencia positivamente a IE dos formandos do projeto Aprender 3.0), tal demonstrado pela maioria das investigações apontados na revisão da literatura, no que toca à educação para o empreendedorismo que indicam (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Luthje e Franke, 2003; Honig, 2004; Kyro e Carrier, 2005; Kuratko, 2005; Naia, 2009; Liñán e Chen, 2009).

H2: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.

De acordo com a análise de regressão tabela 26, os resultados referentes à variável Antecedentes Familiares não foram satisfatórios demonstrando uma significância estatística ( $r^2$  ajustado=0,159;  $F=0,491$ ;  $P=0,485$ ). Nas correlações, a análise, mostra que a IE teve uma correlação fraca com Antecedentes Familiares sendo, ( $r=0,76$ ;  $P=0,178$ ). Estes resultados não permitiram afirmar a Hipótese 2 (Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0). Na literatura há controvérsias quanto à influência familiar na IE, alguns autores acreditem que a família é um fator determinante que influencia diretamente a IE dos filhos (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Aldrich e Cliff, 2003; Carr e Sequeira, 2007). Entretanto há autores que realizaram várias investigações e concluíram que a família não tem impacto significativo na IE (Peng, Lu e Kang, 2012; Santos, 2016). O presente estudo vem reforçar essa controvérsia uma vez, que mais de metade dos inquiridos 50,7% responderam que tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que é empresário e mesmo com esse antecedente familiar empresarial, isso não implica que possa influenciar as suas intenções em empreender.

H3: A experiência/formação profissional prévia dos indivíduos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.

Tendo em conta, as análises efetuadas à variável Experiência/Formação Profissional Prévia os resultados apresentaram-se fracos em relação à intenção empreendedora ( $r^2$  ajustado=0,179;  $F=0,539$ ;  $p=0,464$ ). Nas correlações os resultados não foram satisfatórios, nos dados da tabela 28, pode-se constatar uma correlação relativamente baixa ( $r=0,044$ ;  $p=0,295$ ). Estes resultados não nos permitem confirmar a Hipótese 3, sendo que neste estudo não se verificou que tenha qualquer influência sobre a Intenção Empreendedora.

Na revisão da literatura apresentada a maioria dos autores acreditem que a capacitação em empreendedorismo, a experiência empresarial é uma das forças motriz que influencia a IE (Zahra, 2011; Olugbola, 2017; Fayolle e Gailly, 2015). Porém, nessa investigação os resultados

não foram satisfatórias de acordo com a maioria dos autores, mas isso pode ser explicado pelo fato de mais metade dos respondentes 66,7% trabalharem por conta de outrem.

H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.

No que toca à Hipótese 4, pode-se constatar que a propensão para assumir riscos influencia positivamente a IE, representando um nível de significância estatística ( $r^2$  ajustado=0,165;  $F=29,514$ ;  $p=0,000$ ). Na tabela 27, análise dos coeficientes, os dados mostram essa influência sobre a IE, onde por cada unidade de aumento na Propensão para Assumir Riscos espera-se que a IE diminua em 0,25 unidades. Ou seja, quando mais aumentar o risco a intenção em empreender diminui. Estes resultados permitiram afirmar a Hipótese 4 (A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto Aprender 3.0.), confirmando deste modo os trabalhos, retratados na revisão da literatura (Grable e Lytton, 1998; Miller, Kets de Vries e Toulouse, 1982; Wang e Poutziouris, 2010; Wenhong e Liuying, 2010 e Zahra, 2005).

## 5. Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação

Este capítulo encerra o presente trabalho, onde são expostas as principais conclusões da investigação, bem como as limitações encontradas e as futuras linhas de investigação.

### 5.1. Conclusões

Com este trabalho pretendeu-se, identificar e analisar a intenção empreendedora dos formandos da região centro (Coimbra, Lisboa, Covilhã, Aveiro, Figueira da Foz, Castelo Branco, Viseu, Porto, Guarda, Santarém, Abrantes e Vila Real), que participaram em 2017/18 das formações que fazem parte das atividades do projeto “Aprender 3.0”. Para tal, nesta investigação foram analisadas alguns fatores determinantes, a Educação para o empreendedorismo, Antecedentes Familiares, Experiência/Formação Profissional Prévia e a Propensão para Assumir Riscos, sendo esses, as variáveis independentes e as suas influências sobre a variável dependente a Intenção empreendedora.

A escolha do tema desta investigação deve-se à pertinência do estudo do empreendedorismo e outros fatores já mencionados e dos resultados que se tem constatado através de vários estudos referidos nesse e em outros trabalhos científicos na importância e contributo no desenvolvimento das economias dos países e das regiões.

Por todo estes aspetos apresentados o principal objetivo consistiu em perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora, tendo em conta os fatores determinantes já referidos. Ainda, analisar outros objetivos relativamente ao empreendedorismo e à intenção na criação de novas empresas.

Em virtude do que foi mencionado, para a análise das relações funcionais entre as variáveis recorreu-se à análise da regressão múltipla, onde é possível verificar quais os fatores determinantes (variáveis independentes) que predizem as intenções empreendedoras.

Pela observação dos resultados analisados entre a educação para o empreendedorismo e a intenção empreendedora foi possível verificar que a educação para o empreendedorismo influencia significativamente a intenção empreendedora dos formandos do projeto “Aprender 3.0” da região centro. A educação para o empreendedorismo influencia de forma proporcional a intenção empreendedora na medida em que aumentando uma unidade, aumenta também a intenção empreendedora. Portanto, logo confirma a literatura apresentada sobre esse aspeto, a qual evidencia o importante papel do ensino na promoção do empreendedorismo o que vai corresponder um efeito nas intenções em empreender. Deste modo, sugere-se que o empreendedorismo contribua positivamente para o desenvolvimento pessoal e profissional de todos

os formandos/estudantes que fizeram parte desse sistema contribuindo para o desenvolvimento económico através da criação de novas empresas e por conseguinte do emprego e crescimento inclusivo.

Dos resultados obtidos entre os antecedentes familiares e a intenção empreendedora, constatou-se nesse estudo não haver uma ligação positiva entre ambas. O nível de significância foi relativamente baixa. Na revisão da literatura foi possível verificar a uma divisão das opiniões em relação aos antecedentes familiares. Vários estudos já realizados chegaram a conclusão que os antecedentes familiares não influenciam a intenção empreendedora. O fato de ter familiares próximos, como exemplo desse estudo em que a maioria tem antecedentes familiares, isso, não implica que os descendentes (filhos) possam vir a ser empreendedores.

Levando-se em conta nos resultados obtidos, da experiência/formação profissional prévia foi observado que não houve uma influência positiva sobre a intenção empreendedora. Dado que, a maioria tem emprego há mais de 1 ano. Percebe-se, nesses resultados que há outros aspetos que podem estar subjacentes a esse resultado nomeadamente ao medo em empreender e a preferência em trabalhar por contra de outrem evitando arriscar. Os dados não foram de acordo com a revisão da bibliografia, nessa questão em que a abertura para a experiência é caracterizada por curiosidade e exploração de novas experiências e ambos essenciais para o estabelecimento de novas empresas, visto que os empreendedores são necessários para explorar novas ideias para os seus produtos e serviços.

Ao análise da relação entre a propensão para assumir riscos e a intenção empreendedora é possível verificar que, a propensão para assumir riscos exerce uma influência significativa na intenção de empreender dos formandos do projeto “Aprender 3.0”, sendo essa a variável com um peso relevante na geração da intenção empreendedora. Esta conclusão é segurado pela maioria da revisão da literatura. A propensão para assumir riscos é um dos fatores, fundamentais na distinção dos empreendedores e decisão em empreender. Uma vez que, pode-se constatar o quão disposto estão em assumir os riscos. Pode-se observar nos resultados que a propensão aos riscos relacionou-se muito bem com outras variáveis como a educação para o empreendedorismo ao qual a apetência pelo risco controlado apresentou um efeito mediado. Contudo, nesse estudo pelos resultados constatou-se que aumentando o risco, diminui a intenção empreendedora. Assim, pode-se afirmar que o processo de reconhecimento dos riscos para empreender pode estar relacionado não somente aos fatores externos à futura organização, como também à formação do futuro empreendedor.

Dado ao exposto, foi possível elaborar as hipóteses de investigação que, foram testadas e analisadas na análise de dados. Com isso constatou-se que, duas hipóteses foram comprovadas (H1 e H4) a Educação para o Empreendedorismo e a Propensão para Assumir Riscos respetivamente. Portanto, ambas influenciam a intenção empreendedora e a Propensão ao Risco associada à Educação para o empreendedorismo apresentam valores significativos. As hipóte-

ses (H2 e H3), não foram comprovadas, sendo, Antecedentes Familiares e Experiência/Formação Profissional Prévia. Pois, essas duas hipóteses não exerceram resultados significativos sobre a intenção empreendedora.

Tendo em conta os resultados analíticos esses foram obtidos, através do *IBM SPSS Statistics* que é um Software estatístico, muito útil e que disponibiliza múltiplas técnicas e métodos estatísticos de modo que, transforma de acordo com os pressupostos analíticos da técnica o que se pretende utilizar. A *IBM SPSS Statistics* é uma ferramenta modular e integrada que cobre todo o processo analítico. Assim, considera-se essa ferramenta crucial para análise e os resultados obtidos nessa investigação.

Através da revisão da literatura sobre os determinantes da intenção empreendedora, pode-se concluir que há controvérsias na literatura em diversas vertentes em relação aos fatores analisados nesse estudo e que os resultados podem depender do grupo alvo em estudo e que pode ditar por resultados positivos ou não. Entretanto, esses fatores devem ser explorados para que possa dinamizar a intenção empreendedora. A educação para o empreendedorismo deve ter como foco as experiências/formações prévias e antecedentes familiares. Pois, essas revelaram ser dois fatores surpreendentes. O empreendedorismo tem sido adotado como alternativa para geração do autoemprego e desenvolvimento das economias dos países. Para isso, os países devem continuar a investir nos programas de apoio aos empreendedores e isso é imprescindível que todas instituições trabalhem em conjunto de modo a desenvolver as competências empreendedoras das pessoas, criando um espírito empreendedor e proactivo. As instituições de ensino e outras instituições devem continuar a apostar fortemente na promoção do ensino do empreendedorismo, como forma de incentivar, desenvolver novas competências e criação de novas empresas, fato esse comprovado nesta investigação pela importância atribuída às formações ministradas através do projeto “Aprender 3.0”.

## **5.2. Limitações do Estudo e Futuras Linhas de Investigação**

No que se refere às limitações encontradas, apesar das dificuldades deve-se à amostra. Tendo em conta os pedidos sucessivos para a colaboração dos participantes das formações do projeto “Aprender 3.0” no preenchimento do questionário. Uma vez, que dado a várias formações já realizadas a amostra poderia ser maior.

Como futuras linhas de investigação, recomenda-se a continuação da investigação, com o intuito de investigar outras variáveis contribuindo para a compreensão de questões relacionados com o empreendedorismo. Propõe-se também outras investigações com outros projetos e programas de fomento e dinamização do empreendedorismo. Também, seria uma mais-valia uma investigação mais específica com objetivo de perceber a fraca relação de certos fatores determinantes em relação à intenção empreendedora.

# Bibliografia

- Acs, Z., Autio, E., & Szerb, L. (2015). The global entrepreneurship and development index. In Z.J. Acs, L. Szerb & E. Autio (Eds), *Global Entrepreneurship and Development Index. Springer international Publishing*, 11-31.
- Ajzen, I. (1987). Attitudes, traits, and actions: Dispositional prediction of behavior in personality and social psychology. *Advances in experimental social psychology*, 20, 1-63.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational behavior and human decision processes*. 179-211.
- Ajzen, I. (2012). *Handbook of theories of social psychology. New York: Lawrence Erlbaum Associates, Editors: P. A. M van Lange, A. W Kruglanski, E. T Higgins*, 438-459.
- Aldrich, H. E., & Cliff, J. E. (2001). The pervasive effects of family on entrepreneurship: Towards a family embeddedness perspective: study of Entrepreneurship Among Young Atlantic Canadians Aged. *Corporate Research Associates*, 15-29.
- Aldrich, H. E., & Cliff, J. E. (2003). The pervasive effects of family on entrepreneurship: Towards a family embeddedness perspective. *Journal of Business Venturing*, 18, 573-596.
- Ali, S., Lu, W., & Wang, W. (2012). Determinants of Entrepreneurial Intentions among the College Students in: China and Pakistan. *Journal Of Education and Pracice*, 3(11), 13-21.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Ivestigação em Psicologia e Educação. Lusografe-Artes gráficas*.
- Amabile, T., & Khaire, M. (2008). *Creativity and the role of the leader*, Boston, MA, Harvard Business School Publishing.
- Amabile, T., & Kramer, S. (2011). *The progress principle: Using small wins to ignite joy, engagement, and creativity at work*, Harvard Business Press.
- Amorós, J., & Bosma, N. (2013). *Global Entrepreneurship Monitor: Global Report*, Global .
- Audretsch, D., Grilo, I., & Thurik, A. (2007). *Handbook of research on entrepreneurship policy*. Cheltenham, UK: Edward Elgar. *Entrepreneurship Research Association*.
- Armitage, C. J., & Christian, J. (2003). From attitudes to behaviour: Basic and applied research on the theory of planned behaviour. *Springer Verlag*, 22, 187-195. doi:<https://doi.org/10.1007/s12144-003-1015-5>.
- Armstrong, C. E. (2014). ) I meant to do that! Manipulating entrepreneurial intentions through the power of simple plans. *Small Business and enterprise Development*, v.21, n°4, 638-652.
- Audretsch, D. B. (2014). From the entrepreneurial university to the university for the entrepreneurial society. *The Journal Of Technology Transfer*, 39, 313-321.
- Autio, E. K., Klofsten, M. P., & Hay, M. (2001). Entrepreneurial intent among students in Scandinavia and in the USA. *Enterprise and Innovation Management Studies*, 2(2), 145-160.
- Azevedo, J., Boas, E. P., Carvalho, A., Dornelas, C. J., Fina, R., Franco, E. J., Rocha, A. R. (2013). *Potugal Empreendedor: Trinta Figuras Empreendedoras da Cultura Portuguesa, Relevância dos Modelos para a promoção do empreendedorismo*. Lisboa. Obtido em 02 de Setembro de 2017.

- Bae T., Q. S. (2014). The Relationship Between Entrepreneurship Education and Entrepreneurial Intentions: A MetaAnalytic Review. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 217-254.
- Bae, T., Quian, S., Miao, C., & Fiet, J. (2014). The Relationship Between Entrepreneurship Education and Entrepreneurial Intentions: A MetaAnalytic Review. *Entrepreneurship Theory and Practice*, . 217-254.
- Bandera, C., Collinsb, R., & Passerinic, K. (2018). Risky business: Experiential learning, information and communications technology, and risk-taking attitudes in entrepreneurship education. *The International Journal of Management Education*, 16, Issue 2, 224-238.
- Bandura, A. (1997). Self-efficacy: The exercise of control. *New York, Freeman/Times Books/Henry Holt e Co.*
- Baron, R. A. (2006). Opportunity recognition as pattern recognition: how entre-preneurs “connect the dots” to identify new business opportunities. *Academy of Management Perspectives*, 1104-1119.
- Baron, R. A., & Shane, S. A. (2007). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thomson Learning.
- Barros, C. (2013). Inclusão é sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças. Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura em Serviço Social. 22. Brasil.
- Baumgartner, J., & Yi, Y. (1989). An Investigation into the Role of Intentions as Mediators of the Attitude-Behavior Relationship. *Economic Psychology*, 10, 35-62.
- Begley, T. M., Tan, W., & Schoch, H. (2005). Political-economic factors associated with interest in starting a business: a multi-country study. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35-55.
- Bell, J. (1989). *Doing your research project: a guide for the first-time*. 2. reimp. Milton Keynes, England: Open University Press, pp. 145.
- Bernardir, L. A. (2008). *Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmica*. São Paulo: São Paulo, Atlas. Obtido em Agosto de 2017.
- Bird, B. (1988). Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. *Academy of management Review*, 13, 442-453.
- Block, J., Hoogerheide, L., & Thurik, R. (2013). Education and entrepreneurial choice: An instrumental variables analysis. *International Small Business Journal*, 31(1), 23-33.
- Block, J., Sander, P., & Spiegel, F. (2015). How do risk attitudes differ with in the group of entrepreneurs? The role of motivation and procedural utility. *Journal of Business Management*, 183-206.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bohneernberg, M., Schmidt, & Freitas, E. (2007). A influência da família na formação empreendedora. *Encontro Da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. Rio de Janeiro.
- Bosma, N., Hessels, J., V., S., Pragg, M. V., & Verheul, I. (2012). Entrepreneurship. *Economic psychology*, v.33, 410-424.
- Boterf, G. (2003). *Desenvolvendo a competência dos profissionais*. Porto Alegre: Artmet.

- Brandstatter, H. (2011). Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. *Elsevier*, 222-230. doi:<http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2010.007>.
- Buli, B. M., & Yesuf, W. M. (2015). Determinants of entrepreneurial intentions: Technical-vocational education and training students in Ethiopia. *Emeral Group Journal*, 57 Issue: (1), 891-907. doi:<https://doi.org/10.1108/ET-10-2014-0129>.
- Cantillon, R. (1755). *Essai sur la nature du commerce en général*. London, Fetcher Gyler.
- Carr, J. C., & Sequeira, J. M. (2007). Prior family business exposure as intergenerational influence and entrepreneurial intent: A Theory of Planned Behavior approach. *Journal of Business Research*(60), 1090-1098.
- Carton, R., Hofer, C., & Meeks, M. D. (1998). The entrepreneur and entrepreneurship: definition of role in the society. Obtido de [www.sbaer.uca.edu](http://www.sbaer.uca.edu).
- Carvalho, J. E. (2009). *Metodologia do Trabalho científico: "Saber-fazer" da investigação para dissertações e teses*. Lisboa: Escolar Editora.
- Carvalho, P. (2004). *Competências para o entrepreneurship: um modelo explicativo. Tese apresentada à Universidade de Salamanca para obtenção do grau de Doutoramento*. Espanha.
- Carvalho, P. M., & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional E Gestão*. 12, nº1, 43-65.
- Chen, C. C., Greene, P. G., & Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy. *Journal of Business Venturing*, 295-316.
- Chen, Y., & Liñán, F. (2009). Development and cross cultural application of a specific instrument to measure.
- Clarysse, B., Tartari, V., & Salter, A. (2011). The impact of entrepreneurial capacity, experience and organizational support on academic entrepreneurship. *Research Policy*, 40(8), 1084-1093.
- Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação., Portaria nº 256/2005. (16 de Março de 2005). Obtido em 21 de Abril de 2018.
- Comission European. (2003). Green paper entrepreneurship in Europe. Obtido em 20 de Fevereiro de 2018, de [http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2003/com2003\\_0027en01.pdf](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2003/com2003_0027en01.pdf).
- Cooper, C. A., & Dunkelberg, C. W. (1984). Entrepreneurship and paths to business ownership. Paper 846, Krannert Graduate School of Management, Perdue University.
- Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humana: Teoria e Prática*. Portugal: Edições Almedina, S.A.
- Coutinho, C., & Chaves, J. (2002). O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), pp. 221-244. CIED- Universidade de Minho. Obtido em 08 de Setembro de 2017.
- Covin, J. G., & Slevin, D. (1986). The development and testing of an organizational-level entrepreneurship scale. In R. R. Ronstadt, J. Hornaday, R. Peterson, & K. W. Vesper (Eds.). *Frontiers of Entrepreneurship Research*, 628-639.
- Cunha, N. R. (2004). A Universidade na formação de empreendedores: a percepção prática dos alunos de graduação.

- De Wit, G., & Van, W. F. (1991). An M-sector, N-group behavioral model of self-employment. *Small Business Economics*, 3, 49-66.
- Delmar, F., & Davidsson, P. (2000). Where do they come from? Prevalence and characteristics of nascent entrepreneurs. *Entrepreneurship and Regional Development*, 12, 1-23.
- Delmar, F., & Shane, S. (2003). Does business planning facilitate the Development of new ventures. *Strategic Management Journal*, v.24, 1165-1185.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget (Trabalho original publicado em 1992). doi:ISBN: 927-8329-95-4.
- Dess, G. T., & Gregory, G. (1996). Clarifying the Entrepreneurial Orientation Construct and Linking it to Performance. *The Academy of Management Review*, 21, n.1, 135-172.
- Dieguez, T. (2012). Empreendedorismo: Um grande passo para alcançar o crescimento económico sustentável e uma maior prosperidade global. 7- 42.
- Drucker, P. (1994). *Inovação e Espírito Empreendedor* (Vol. 6ª edição). São Paulo, Brasil: São Paulo, pioneira. Obtido em 12 de Setembro de 2017.
- Drucker, P. F. (2003). *Inovação e Espírito Empreendedor: prática e princípios*. São Paulo: São Paulo, Thomson. Obtido em Agosto de 2017.
- Dutta, D., Li, J., & Merenda, M. (2011). Fostering entrepreneurship: impact of specialization and diversity in education. *Internacional Entrepreneurship Management*, 7, 163-179.
- Dyer, W. G., & Handler, W. (1994). Entrepreneurship and family business: Exploring the connections. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 19(1), 71-83.
- Ellen, A. D. (2010). Entrepreneurial Intentions of Business Students in Finland: Implications for Education. *Advances in Management*, 3(7), 28-35.
- Etzkowitz, H. (2013). Anatomy of the entrepreneurial university. *Social Science Information*, 52, n.3, 486-511.
- Euridice. (2016). *Educação para o Empreendedorismo nas Escolas Europeias*. Serviço de Publicações da União Europeia, Luxemburgo. Obtido em Outubro de 2017, de [http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=EC0216104PTN\\_002.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=EC0216104PTN_002.pdf).
- Euroace. (2014/2015). *Global Entrepreneurship Monitor Informe Ejecutivo*.
- Fatema Johara, S. B. (2017). Determinants of Future Entrepreneurship and Entrepreneurial Intention. *Global Business and Management Research: An Internanacional Journal*.
- Fayolle, & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 663-666. doi:10.1016/j.jbusres.2013.11.024.
- Fayolle, É., & Gailly, A. (2015). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. *Small Business Management*, 75-93.
- Feder, E.-S., & Nițu-Antonie, R.-D. (2017). Connecting gender identity, entrepreneurial training, role models and intentions. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 9 Issue:1, 87-108. doi:<https://doi.org/10.1108/IJGE-08-2016-0028>.
- Ferraz, A. C. (2012). Empreendedorismo: conceitos e princípios. Obtido em 20 de Julho de 2017, de <http://www.sabernarede.com.br/empreendedorismo-conceitos-e-principios/>.

- Fielder, T. (2010). Empreendedorismo. Obtido em 02 de Novembro de 2017, de "http://www.ebah.pt/content/ABAAAaw9IAG/empreendedorismo".
- Filho, A. M., Teixeira, R., & Olave, M. E. (2015). Influência Familiar na Criação de Negócios: Estudo em Confeccões de Pequeno Porte em Tobias Barreto, Sergipe. *Revista da Faculdade de Administração e Economia*, 6, n°2, 107-127. doi:10.15603/2176-9583.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, 34(2), 5-28.
- Fini, R., Grimaldi, R., Marzocchi, L. G., & Sobrero, M. (2009). The foundation of entrepreneurial intention. Paper presented at the Conference Proceedings in Summer Conference.
- Fishbein M. e Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and behaviour: An introduction to theory and research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Fontenelle, A. (23 de Agosto de 2017). *André Fontenelle*. Obtido em 20 de Outubro de 2017, de <http://www.andrefontenelle.com.br/tipos-de-pesquisa/>.
- Fontes, M. P. (2016). *Desenvolvimento de competências empreendedoras em contexto escolar, estudo do impacto de uma intervenção*. Covilhã, Portugal. Obtido em Agosto de 2017.
- Fortin, M. F. (2000). *O processo de Investigação da Concepção à Realização*. Lusodidacta. doi:9789728383107.
- Gabriel, V. M., B., H. S., Fernandes, G. P., C., S. J., Sánchez, B. H., Parejo, T. G., Ortiz, C. C. (2018). Education Self-Employment and Perception. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/323110930>.
- Garcia, V. P. (2001). Desenvolvimento das famílias empresárias.
- Gartner, J., Katz, A., & William. (Julho de 1988). Properties of Emerging Organizations. *The Academy of Management Review*, 13, 429-441. doi:DOI: 10.2307/258090.
- Gatewood, J. E. (2002). Entrepreneurial Expectancy: Task Effort and Performance. (Entrepreneurship Theory and Practice).
- Gerba, D. T. (2012). Impact of entrepreneurship education on entrepreneurial intentions of business and engineering students in Ethiopia. *African Journal of Economic and Management Studies*, 3, 258-277. doi:https://doi.org/10.1108/20400701211265036.
- Gibb, A. (1993). The enterprise culture and education. Understanding enterprise education and its links with small business. Entrepreneurship and wider educational goals. *International Small Business*, 11(3), 11-34.
- Global Entrepreneurship Monitor. (2013). GEM Portugal 2004-2013: Uma Década de Empreendedorismo em Portugal. Obtido em 21 de Fevereiro de 2018, de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8058>.
- Global Entrepreneurship Monitor. (2012). GEM Portugal - Estudo sobre o Empreendedorismo. *Instituto Universitário de Lisboa e Sociedade Portuguesa de Inovação*.
- Gomes, A. F. (2005). O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento. *Revista eletrónica de administração*. Obtido em 13 de Julho de 2017, de <http://legacy.unifacef.com.br>.

- Gomes, R. C. (2009). O autoemprego no Brasil: uma análise dos fatores determinantes. Tese de mestrado em Economia política. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Obtido de [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_arquivos/10/TDE-2009-07-08T12:40:31Z-8019/Pblico/Rodrigo%20Campos%20Gomes.pdf](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/10/TDE-2009-07-08T12:40:31Z-8019/Pblico/Rodrigo%20Campos%20Gomes.pdf).
- Goode, W., & Hatt, P. (1969). Métodos em pesquisa social. 3ª edição.
- Gordon, I., Hamilton, E., & Jack, S. (2012). A study of a university-led entrepreneurship education programme for small business owner/managers. *Entrepreneurship and Regional Development* 24: 9-10, 767-805.
- Grabble, J. E., & Lytton, R. H. (1998). Investor risk tolerance: testing the efficacy of demographics as differentiating and classifying factors. *Financial Counseling and Planning*, 61-73.
- Hair, J. F. (2009). *Multivariate Data Analysis: A Global Perspective*. 7th ed. Upper Saddle River. (Print, Ed.) Prentice Hall.
- Halloran, J. w. (1986). *36-hour course: entrepreneurship*. New York: New York: McGraw Hill.
- Hatala, J. (2005). Identifying barriers to self-employment: The development and validation of the barriers to entrepreneurship success tool. *Performance Improvement Quarterly*, 25-34.
- Haynie, M. J., Mosakowski, E., & Christopher, P. E. (2010). A situated metacognitive model of the entrepreneurial mindset. *Journal Business Venturing*, 25, 217-229.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*, (2.ª ed. rev. e corrigida). Lisboa: Edições Sílabo, 377p.
- Hisrich, R. D. (1986). The woman entrepreneur: characteristics, skills, problems and prescriptions for success. In: SEXTON, D. L., SMILOR, R. W. (Eds.). The art and science of entrepreneurship. Ballinger. *The art and science of entrepreneurship*, 61 - 81.
- Hisrich, R. D., & Peters, M. P. (2004). Empreendedorismo. *Bookman*.
- Hoffmann, A., Larsen, L. N., & Michelesen, N. (2005). Quality Assessment of Entrepreneurship Indicators, FORA Report. *Economic and Business Research*(Copenhagen, Ministry of Economics and Business Affairs Division).
- Honig, B. 2. (2004). Entrepreneurship education: Toward a model of contingency-based business planning. *Academy of Management Learning and Education* 3(3), 258-273.
- Johannisson, B. (2016). Limits to and prospects of entrepreneurship education in the academic context. *Entrepreneurship e Regional Development*, 403-423.
- Jones, B., & Iredale, N. (2010). Enterprise education as pedagogy. *Education Training*, 52. 7-19.
- Jorge, F. M. (2016). *Antecedentes da Intenção Empreendedora: Aplicação a estudantes de uma instituição de ensino superior de Portugal*. Dissertação de Mestrado em ciências económicas e empresarias , apresentado à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro . Portugal.
- Kaiser, H. F., & Rice, J. (1974). Educational and Psychological Measurement. 34, 111-117. doi:<https://doi.org/10.1177/001316447403400115>.
- Kannadhasan, M., Aramvalathan, S., & Kumar, B. P. (2014). Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics. *Decision*, 87-98.

- Karhunen P. Ledyeva S., G. P. (2008). Russian students' perceptions of entrepreneurship. Results of a survey in three St. Petersburg universities, Entrepreneurship development - project 2, HSE Mikkeli Business Campus Publications. *Business Campus, HES Print*.
- Karhunen P., Lofgren. J., (2008). Revisiting the relationship between ownership and control in international business operations: lessons from transition economies. *Internacional Management*, 78-88.
- Katz, J. (2003). The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education. *Journal Of Business Venturing*, 283-300. doi:10.1016/S0883\_9026(02)00098-8.
- Kickul, J., & Zaper, J. A. (2000). Untying the knot: do personal and organizational determinants influence entrepreneurial intentions. *Jornal of Small Business and Entrepreneurship*, 15(3), 57-77.
- kisfalvi, V. (2002). The entrepreneur's character, life issues, and strategy making - A field study. *Business Venturing*, 489-518.
- Klapper, L., Laeven, L., & Rajan, R. (2006). Entry regulation as a barrier to entrepreneurship. *Financial Economics*, 591-629.
- Koh, H. C. (1996). Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics. *Managerial Psychology*, 12-25.
- Kolvreid, L. (1996). Organizational employment versus self-employment: reasons for career intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 20(3)., 23-31.
- Kolvreid, L. (1996). Prediction of employment status choice intentions. *Entrepreneurship: Theory et Parctice*, 21(1), 47-57.
- Kolvreid, L., & Isaksen, E. (2006). New business start-up and subsequent entry into self-employment. *Journal of Business Venturing*, 21(6), 866-885.
- KomulainenK., K. M. (2009). Risk-taking abilities for everyone? Finnish entrepreneurship education and the enterprising selves imagined by pupils. *Gender and Education*, 631-649.
- Korhoen, M., Komulainen, K., & Raty, H. (2012). Not everyone is cut out to be the entrepreneur type": how finnish school teachers construct the meaning of entrepreneurship education and the related abilities of the pupils. *Scandinavion Journal of Education Research* 56: 1, 1-19.
- Krueger N. F. Jr., B. D. (1994). Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. v.18, n° 18 (Entrepreneurship Theory and Practice), 91-104.
- Krueger R, N. J., REILLY, M., & Carsrud, A. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15, n°5, 411-432.
- Krueger, N. (1993). The impact of prior entrepreneurial exposure on perceptions of new venture feasibility and desirability. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, v. 18, n°1, 5-21.
- Krueger, N. (2015). Entrepreneurship Education in Practice, Entrepreneurship360 - Thematic Paper. *OECD e UE*. Obtido em 21 de Outubro de 2017, de <http://www.oecd.org/cfe/leed/Entrepreneurial-Education-Practice-pt1.pdf>.
- Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6), 411-432.
- Kuo Ting Hung, C. T. (2012). Robustness of general risk propensity scale in cross-cultural settings. *Journal of Managerial Issues* 24(1), 78-96. doi:10.1037/t43748-000.

- Kuratko, D. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5). 577-597.
- Kuratko, D. F. (2014). *Entrepreneurship: Theory, Process, and Practice*. (Masson, Oh: Cengage/Southwestern).
- Kuratko, D. F., Morris, M. H., & Schimdehutte, M. (2015). Understanding the dynamics of entrepreneurship through framework approaches. *Small Business Economics*, 1-13. doi:10.1007/s11187-015-9627-3.
- Kusmintarti, A. T. (2016). Entrepreneurial characteristics as a mediation of entrepreneurial education influence on entrepreneurial intention. *Entrepreneurship education*, 24-37.
- Kyro, P. C. (2005). Entrepreneurial learning in universities: Bridges across borders. In P. Kyrö & C. Carrier (Eds.), *The dynamics of learning entrepreneurship in a cross-cultural university context*. 14-43.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. d. (2011). *Metodologia Científica*. São Paulo: São Paulo, Atlas.
- Lakatos, M. d., & Marconi, M. E. (2010). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas S.A.
- Lakéus, M. (2015). Entrepreneurship in Education - What, Why, When, How, Entrepreneurship 360 Background Paper. *OECD e UE*. Obtido em 21 de Outubro de 2017, de [https://www.oecd.org/cfe/leed/BGP\\_Entrepreneurship-in-Education.pdf](https://www.oecd.org/cfe/leed/BGP_Entrepreneurship-in-Education.pdf).
- Lakéus, M., & Middleton, K. (2015). Venture creation programs: bridging entrepreneurship education and technology transfer. *Education + Training*, 57, 1, 48-73.
- Lambing, P. A. (2007). *Entrepreneurship*. New Jersey: New Jersey: Pearson/Prentice-hall, XVI, 316. Obtido em 17 de Junho de 2017.
- Landstroma, H., & Harirchib, G. (2018). The social structure of entrepreneurship as a scientific field. *Elsevier, Research Policy* 47, 650-662. Obtido de <https://doi.org/10.1016/j.respol.2018.01.013>.
- Laros, J. A. (2012). *O uso da análise fatorial: Algumas diretrizes para pesquisadores*. Obtido em 09 de Fevereiro de 2018, de <https://www.researchgate.net/publication/233735561>.
- Laspita, S. B. (2012). Intergenerational transmission of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 27, n.4, 414-435.
- Lean, J. (2012). Preparing for an uncertain future: the enterprising PhD student. *Small Business and Enterprise development*, v.19, 532-548.
- Liao, J., & Gartner, W. B. (2006). ). The effects of pre-venture plan timing and perceived environmental uncertainty on the persistence of emerging firms. *Small Business Economics*, 27(1), 23-40.
- Lima, S. H., Rebouças, S. M., Ceglia, D., & Teixeira, A. A. (2016). Modelagem de Intenção Empreendedora de Estudantes Universitários Usando Equações Estruturais. *Pretexto Universidade FUMEC*. doi:10.21714/pretexto.v17i2.2772.
- Liñán F. Rodríguez Coahard, J. C. (2011). Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. *Internacional Entrepreneurship and Management* , 195-218.
- Liñán F., e. F. (2015). A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. *Management International Entrepreneurship*, 11, 907-933.

- Liñán F., m. J. (2008). Stimulating entrepreneurial intentions through education. In J. A. Moriano, M. Gorgievski, & M. Lukes (Eds), Teaching psychology of entrepreneurship. 45-67.
- Liñán, F. (2004). Intention based models of entrepreneurship education. *Piccola Imprensa/Small Business*, v.3 n<sup>o</sup>1 , 11-35.
- Liñán, F. R. (2004). Entrepreneurial Attitudes of Andalusian University Studentes. *ERSA Conference Proceedings*.
- Liñán, F. R.-C.-C. (2011). Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role dor education. *Internacional Entrepreneurship and Management Journal* 7(2), 195-218.
- Liñán, F., & Chen, Y. (2009). Development and cross cultural application of specific instrument to measure. (Entrepreneurship Theory and Practice), 595.
- Liñán, F., & Chen, Y. W. (2009). Development and Cross Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3). 593-617.
- Liñán, F., & Fayolle, A. (2015). A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses. *Internacional entrepreneurship and Management*, 907-933. doi:10.1007/s11365-015-0356-5.
- Lincoln, Y., & Guba, E. (2006). *Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes*, In Denzin, N., Lincoln, Y. & COL., (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa - teorias e abordagens*. São Paulo: São Paulo: Ed. Armet.
- Linhares Barboza aída, C. A. (2005). *O Empreendedorismo na escola* (Vol. Coleção Escola em Ação). Porto Alegre: Armet Editora S.A. Obtido em 12 de Julho de 2017.
- Lortie, J., & Castogiovanni, G. (2015). The theory of planned behavior in entrepreneurship research: what we know and future directions. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 935-957.
- Lorz M. (2011). *The impact of entrepreneurship education on entrepreneurialintention*. Bamberg: University of St. Gallen.
- Lourenço, H. (2004). A satisfação do utente face ao acolhimento”. Dissertação de mestrado em gestão e economia da saúde. Coimbra, Portugal: Faculdade de Economia.
- Lumpkin, G. T., & Dess, T. (1996). Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. *Academy of Management*, 135-172.
- Luthje C. e Prugl, R. (2006). Preparing business students for co-operation in multi-disciplinary new venture teams: empirical insights from a business-planning course. Preparing business students for co-operation in multi-disciplinary new venture teams: empirical insights from a busi. *Technovation*, 211-219.
- Luthje, C. F. (2003). The ‘making’ of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. *R&D Management* 33 (2) , 135-147.
- Maanen, V. J. (2015). The present of things past: ethnography and career studies. *Human Relations*. 33-53. doi:10.1108/0018726714552287.
- MacMillan, I. C., & Katz, J. (1992). Idiosyncratic Milieus of Entrepreneurial Research: The Need for Comprehensive Theories. *Business Venturing*, 1-8. Obtido de <http://ssrn.com/abstract=1505855>.

- Malheiros, R. d., Ferla, L. A., & Cunha., C. J. (2005). *Viagem ao mundo do Empreendedorismo* (Vol. 2ª edição). Florianópolis, IEA-Instituto de Estudos Avançados: Coan Indústria Gráfica Lda. Obtido em 17 de Agosto de 2017.
- Manimala, M., & Mitra, J. (2008). Higher Education's Role in Entrepreneurship and Economic Developmente en Entrepreneurship and Higher Education. doi: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264044104-4-en>.
- Marcotte, C. (2012). Measuring entrepreneurship at the country level: a reviewand research agenda. *Entrepreneurship and Regional Development*, 174-194.
- Maria. (2017). *Empreendedorismo*. Lisboa: ASA.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com SPSS Statistics* (6ªedição ed.). Gráfica Manuel Barbosa e Filhos.
- Matthews C., H. M. (1996). A longitudinal Investigation of the impact of family background and gender on interest in small firm ownership. *Small Business Management*.
- McClelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Princeton, NJ: D. Van Nostrand.
- McClelland, D. C. (1987). *Human Motivation*. Obtido em Setembro de 2017.
- Miller, D. K. (1982). Top executive locus ofcontrol and its relationship to strategic-making, structure, and environment. *Academy of Management Journal*, 237-253.
- Minello, I. F. (2012). Competências do empreendedor: Uma análise com empreendedores que vivenciaram o insucesso empresarial. *Revista de Negócios*, 74-90.
- Minello, I. F., & Scherer, L. A. (2014). Entrepreneurial competencies and business failure. *International Journal of Entrepreneurship*, 18.
- Minniti, M., & Levesque, M. (2008). Recent developments in the economics of entrepreneurship. *Business Venturing*, 603-612.
- Miranda, F. J., Mera, A., & Rubio, S. (2017). . Academic entrepreneurship in Spanish universities: An analysis of the determinants of entrepreneurial intention. *Management and Business*, v.23, nº2, 113-122.
- Mitra, J. (2008). Towards an Analytical Framework for Policy Development, in Joathan. Entrepreneurship and Higher Education. *OECD Publishing*. doi:<http://dx.doi.org/10.1787/9789264044104-4-en>.
- Moreira, J., & Silva, M. J. (2008). Empreendedorismo Tecnológico: Métodos e Técnicas de Ensino, Actas das XVII International Conference AEDEM, Universidad, Sociedad y Mercados Globales. *Sociedad e Mercados Globales*, (pp. 627-637). Universidade Federal de Bahía, Brasil.
- Moreira, R. (2011). Empreendedorismo na Universidade do Minho - O caso dos diplomados das ciências sociais. Centro de Investigação em Ciências Sociais - Working paper (4 )1-17.
- Morôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. Report Number, Lda.
- Mota, M. d., Sobreira, M. C., Vale, M. S., & Nogueira, L. C. (2017). Relationship influences of macroeconomic indicators in the entrepreneurship risk propensity. Universidade Estadual do Ceará (UECE), Ceará.

Naia, A. (2009). *Importância da formação inicial no empreendedorismo: estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Nitu, R. A., & Feder, E. S. (2017). Connecting gender identity, entrepreneurial training, role models and intentions. *Internacional Journal of Gender and Entrepreneurship*, 9, 87-108. doi:https://doi.org/10.1108/IJGE-08-2016-0028.

Ojiako, M. e. (2015). A realist philosophical understanding of entrepreneurial risk taking. *Society and Business Review*, 10(2), 178-193.

Oliveira, D. G. (2017). *Educação para o Empreendedorismo: Antecedentes e Intenções Empreendedoras*. Évora, Portugal.

Olugbola, S. A., & Nilai, B. B. (2017). Exploring entrepreneurial readiness of youth and startup success components: Entrepreneurship training. *Malaysia Journal of Innovation and Knowledge*, 155-171.

Oosterbeek, H., Van Praag, M., & Ljsselstein, A. (2010). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. *European Economic Review*, 54(3), 442-454.

Paço, A. d. (2011). Behaviours and entrepreneurial intention: Empirical findings about secondary students. *Journal of International Entrepreneurship*. doi:doi:10.1007/s10843-010-0071-9.

Paço, A. M., Ferreira, J. M., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2011). Behaviours and entrepreneurial intention: Empirical findings about secondary students. *Journal of International Entrepreneurship*, 20-38. doi:10.1007/s10843-010-0071-9.

Paço, A., & al., e. (2015). Entrepreneurial intentions: is education enough? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11, 57-75.

Pallant, J. (2007). *SPSS survival manual—A step by step guide to data analysis using SPSS for windows (3rd ed.)*. Maidenhead: Open University Press.

Pandit, D., Joshi, M. P., & Tiwari, S. R. (2018). Examining Entrepreneurial Intention in Higher Education: Na Exploratory Study of College Students in India. *Entrepreneurship*, 25-46. doi:10.1177/0971355717738595.

Parreira, P. M., Carvalho, C. M., Mónico, L. S., & Santos, A. S. (2017). Empreendedorismo no ensino superior: Estudo psicométrico da escala Oportunidades e Recursos para Empreender. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 269-278. doi:10.17652/rpot/2017.4.13736.

Parreira, P. M., F. C., S., C. A., G. A., Marques, S. C., & Melo, R. C. (2015). Representações sociais do empreendedorismo: o papela da formação na aquisição de competências empreendedoras. *RIASE*, 266-285.

Peng, Z., Lu, G., & Kang, H. (2012). Entrepreneurial Intentions and Its Influencing Factors: A Survey of the University Students in Xi'an China. *Journal Scirp*, 3, 95-100. doi:10.4236/ce.2012.38b021.

Pereira, F. A., & Queiros, A. P. (2012). A consolidação da pesquisa social qualitativa: um aporte teórico. V. 12, nº 134. *Revista espaço acadêmico*.

Pereira, F. M., & J. e Figueiredo, I. (2007). *Promoção do Empreendedorismo na Escola* (Vol. I). Lisboa, Portugal: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

- Perugini, M., & Bagozzi, R. P. (2001). The role of desires and anticipated emotions in goal-directed behaviours: Broadening and deepening the theory of planned behaviour. *British Journal of Social Psychology*, 40(1), 79-89.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: "A complementaridade do SPSS" 5ª edição revista e corrigida*. Lisboa: Edições Silabo.
- Peticca Harris, A., & Mckenna, S. (2013). Identity struggle, professional development and career: a case study of a human resource professional. *Management Development*, 823-835. doi:http://dx.doi.org/10.1108/JMD-08-2011-0100.
- Phan, P. H. (2004). Entrepreneurship theory: Possibilities and future directions. *Journal of Business Venturing*, 19(5), 617-620.
- Pinho, L. F., & Gaspar, F. C. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22, Vila Real.
- Pitágoras, A. (2005). *O Empreendedorismo na escola*. Porto Alegre: Poro Alegre. Obtido em Junho de 2017.
- Pittaway, L., & Cope, J. (2007). Entrepreneurship education: A systematic review of evidence. *Internacional Small Business Journal*, 479-510.
- Quader, M. S. (2012). A characteristic model of successful women entrepreneurs in the UK. *Journal of Services Research* 12(1), 89-114.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva, Lda.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Guilherme Valente.
- Rae, D. (2010). Universities and enterprise education: responding to the challenges of the new era. *Journal of Business and Enterprise Development*, 591-606.
- Raposo, M., & Paço, A. (2011). Entrepreneurship education: Relationship between education and entrepreneurial activity. (23, n.3), 453-457.
- Razak, N. A., Darmawan, I. G., & Keeves., J. P. (2010). The influence of culture on teacher commitment. *Springer*, 13, 185-205.
- Redford, D. T. (2013). *Handbook de Educação em Empreendedorismo no Contexto Português* (2ª edição ed.). Porto: Universidade Católica.
- Rekha, S. K., Ramesh, S., & Jayabharathi, S. (2015). Empirical study on the relationship between entrepreneurial mindset and the factors affecting intrapreneurship: A study in Indian context. *International Journal of Entrepreneurship*, 19, 53-59.
- Ribeiro, J. (2010). *Autonomia Profissional dos Enfermeiros. Dissertação de Candidatura ao grau de Mestre em Ciências de Enfermagem submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da*. Portugal: Universidade do Porto.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo, Brasil: São Paulo: Atlas, 3ª edição.
- Rizza, C., & Varum, C. A. (2011). Directions in entrepreneurship education in Europe. Obtido em 02 de Agosto de 2017, de <http://ria.ua.pt/handle/10773/6480>.

- Roberts, E. B., Murray, F., & Kim, J. D. (December de 2015). Entrepreneurship and Innovation at Mit: Continuing Global Growth and Impact. 891-908. Obtido de <https://ssrn.com/abstract=2772695> .
- Rodrigues, R. G., Raposo, M. F., & Paço, A. M. (2010). *Entrepreneurship education and the propensity for business creation: testing a structural model*. Entrepreneurship and Small Business.
- Ruskonovaara, E., Hamalainen, M., & Timo, P. (Setembro de 2016). Head teachers managing entrepreneurship education- Empirical evidence from general education. *Elsevier*. Obtido de [www.elsevier.com/locate/tate](http://www.elsevier.com/locate/tate).
- Saeed, R., Nayyab, H. H., Rashied, H., Lodhi, R. N., Muasawar, S., & Iqbal, A. (2013). Who is the most potencial entrepreneur. *Middle East of Scientific Reasearch*, v.17,nº 9(A case of Paquistan ), 1307-1315.
- Sagie A., E. D. (1999). Achievement motive and entrepreneurial orientation: a structural analysis. *Organizational Behavior*, 20, 375-387.
- Sam C., S. P. (2014). Understanding the concept of the entrepreneurial university from the perspective of higher education models. *Higher Education*, 68, 891-908.
- Sánchez, B., & Sahuquillo., A. (2017). Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. *European Research on Management and Business Economics*, 22, 63-122.
- Sánchez, J. (2011). University training for entrepreneurial competencies: Its impact on intention of venture creation. *Internacional Entrepreneurshil Management*, 239-254.
- Santos, A. I. (2009). O empreendedorismo, fatores influenciadores da orientação empreendedora. Covilhã, Portugal. Obtido em 11 de Agosto de 2017, de <http://hdl.handle.net/10400.6/2954>.
- Santos, R. F. (2016). *Determinantes da Intenção Empreendedora no Ensino Superior Português da Região Centro. Dissertação em Empreendedorismo e Criação de Empresas, Faculdade de CSH da Universidade da Beira Anterior*. Covilhã.
- Sarasvathy, D. S. (2004). The questions we ask and the questions we care about: reformulating some problems in entrepreneurship research. *Business Venturing*, 707-717. doi:10.1016/doi.org/10.1016/j.jbusvent.2018.01.005.
- Sarkar, S. (2007). *Empreendedorismo e Inovação* (Vol. 3ª edição). Lisboa: Lisboa, escolar ediora. Obtido em 10 de Julho de 2017.
- Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação* (Vol. 2ª edição). Obtido em Agosto de 2017.
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e inovação*. Lisboa, Portugal: Lisboa. Obtido em 21 de Junho de 2017.
- Sascha, G. W., & H. Jorn, B. (2015). Outcomes of entrepreneurship education: An institutional perspective. *Business Venturing*.
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação Empreendedora: premissas, objetivos e Metodologias. *Pensamento Contemporânea em Adminsitração*. Obtido em 12 de Junho de 2017, de [https://www.researchgate.net/publication/309024942\\_Educacao\\_Empreendedora\\_premissas\\_objetivos\\_e\\_metodologias](https://www.researchgate.net/publication/309024942_Educacao_Empreendedora_premissas_objetivos_e_metodologias).

- Schlaegel, C., & Koenig, M. (2014). Determinants of entrepreneurial intent: A meta analytic test and integration of competing models. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38(2), 291-332.
- Schott, T., Kew, P., & Cheraghi, M. (2015). Future Potencial a GEM perspective on youth entrepreneurship. *Global Entrepreneurship Research Association*, 18.
- Schumpeter, J. (1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Schumpeter, J., (1936), *The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle* (Cambridge, Mass: Harvard University Press).
- Schumpeter, J. (1997). *Teoria do Desenvolvimento Económico*. Nova Cultural.
- Segal, G., Borgia, D., & Schoenfeld, J. (2005). Self-efficacy and goal setting as predictors of performance: An empirical study of founder managed natural food stores. *Business and entrepreneurship*, 71-83.
- Serrano, G. (2004). *Investigación cualitativa. retos e interrogantes - I. Métodos*. Madrid: Ed. La Muralla.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of management review*, 25, 217-226.
- Shapiro, A., Sokol, L., Kent, C., Sexton, D., & Vester. (1982). *The social dimensions of entrepreneurship*. (E. Cliffs, Ed.) NJ: Prentice Hall.
- Shneor, R., Jenssen, J. I., & Vissak, T. (2016). Introduction to the special issue: Current challenges and future prospects of entrepreneurship in Nordic and Baltic Europe. *Baltic Journal of Management*, 11, 134-141. doi: <https://doi.org/10.1108/BJM-01-2016-0013>.
- Shook, L. C., Priem, R. L., & Mcgee, J. E. (2003). Venture creation and the enterprising individual: A review and synthesis. *Journal of management*, 379-399.
- Simões, J. (2009). A dinâmica da criação de empresas impulsionada por instituições de ensino superior em redes de inovação. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior.
- Singh, B., Verma, P., & Rao, M. K. (2016). Influence of individual and sociocultural factors on entrepreneurial intention. *Soutn Asian Journal of management*, 23(1), 33-55.
- Singh, G., & Denoble, A. (2003). Views on Self-employment and Personality: An Exploratory Study. *Journal of Development Entrepreneurship*, 8, n. 3, 265-281.
- SociedadePortuguesadelInovação. (2004). *Estudo de Avaliação do Potencial Empreendedor em Portugal. Projeto GEM Portugal 2004*. Projeto GEM Portugal 2004, Sociedade Portuguesa de Inovação. Obtido em 28 de Janeiro de 2017, de <http://www2.spi.pt/gem/docs/RelatorioSinteseGEM.pdf>.
- Soria, B., Zuniga, S., & Ruiz, S. (2016). Campo Educación e Intención Emprendedora en Estudiantes Universitarios: Un Caso de Estudio. Universidad Católica del Norte, Escuela de Ciencias Empresariales. *Formación Universitária*, 9 (1), 25-34.
- Sousa, G. H., Santos, P. d., Lima, N. C., Cruz, N. J., Lezana, Á. G., & Coelho, J. A. (s.d.). Escala de <potencial Empreendedor: evidências de validade fatorial confirmatória, estrutura dimensional e eficácia preditiva. 24, 324-337. Obtido de <http://dx.doi.org/10.1590/0104-530X3038-16>.

- Soutaris, V., Zerbinati, S., & Al-Lahman. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22(4), 566-591.
- Souza, D. E. (2001). A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa. (In: (Ed). Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas: ANPROTEC), pp. 28-41.
- Souza, G. H., Santos, P. d., Lima, N. C., Cruz, N. J., Lezana, A. G., & Coelho, J. A. (2017). Escala de Potencial Empreendedor: evidências de validade fatorial confirmatória, estrutura dimensional e eficácia preditiva. 324-337. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/0104-53X3038-16>.
- Souza, R. S. (2015). *Intenção Empreendedora: Validação De Modelo Em Universidades Federais De Mato Grosso Do Sul, Brasil. Tese de Doutorado em Administração, apresentado à Universidade Nove de Julho*. São Paulo.
- Stevenson, H. H. (1993). A perspective on entrepreneurship. *Harvard Business School Working*, 9-384-131.
- Strese, S., Gebhard, P., Feierabend, D., & Brettel, M. (2018). The questions we ask and the questions we care about: reformulating some problems in entrepreneurship research. *Business Venturing*. Obtido de <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2018.01.005>.
- Tapia, A., & Ferreira, J. S. (2011). *Competências Empreendedoras*. Lisboa: IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional).
- Tavares, J., Moura, G., & Alves, J. (2013). *Educação empreendedora*. Observatório de la Economía Latinoamericana.
- Tavares, T. (2003). *Formação e Inovação no Ensino superior*. Porto: Porto Editora.
- Teixeira, A. A. (2008). Innovation in Manufacturing Networks. *Boston Springer*, 266, 325-336.
- Teixeira, A. C., & Davey, T. (2010). Attitudes of Higher Education students to new venture creation: a preliminary approach to the Por-tuguese case. *Industry and Higher Education*. v.24, 323-341.
- Thiel, P. (2014). *O que aprender sobre empreendedorismo com o Vale do Silício*. Objetiva. Obtido em Julho de 2017.
- Thomas, M. K. (2009). The impact of education histories on the decision to become self employed: a study of young, aspiring, minority business owners. *Small Business Economics*, v.15. n°5, 455-466.
- Thompson, J., Alvy, G., & Lees, A. (2000). Social entrepreneurship: A new look at the people and the potential. *Management Decision*, 38(5), 328-338.
- Townsend, D. M., Busenitz, L. W., & Arthurs, J. D. (2010). To start or not to start: Outcome and ability expectations in the decision to start a new venture. *Journal of Business Venturing*. doi:<https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2008.05.003>.
- Tubbs, M. E., & Ekerberg, E. S. (1991). The role of intentions in work motivation: Implications for goal setting theory and research. *Academy of management*, v.16, n°1, 180-199.
- Universia. (04 de maio de 2017). *Universia.pt*. Obtido em 27 de Dezembro de 2017, de <http://noticias.universia.pt/destaque/noticia/2017/05/04/1152117/portugueses-cada-vez-abertos-empreendedorismo.html>.

- Universia, N. (09 de Janeiro de 2017). *noticiasuniversitia.pt*. Obtido em 27 de Dezembro de 2017, de <http://noticias.universia.pt/destaque/noticia/2017/01/09/1147923/nova-geracao-millennials-diferenciam-avos.html>.
- Urban, B. (2018). An Empirical Investigation into Institutions Unlocking Entrepreneurial Activity. *Entrepreneurship, 27(1)*, 65-82. doi:10.1177/0971355717738597.
- Utami, C. W. (2017). Attitude, subjective norms, perceived behavior, entrepreneurship education and self-efficacy toward entrepreneurial intention university student in. *European Research Studies Journal, 20(2A)*, 475-495.
- Valdez, M., H., D. R., Singer, A., & Dana, L. (2011). Impact of tolerance for uncertainty upon opportunity and necessity entrepreneurship. *Human systems Management, 30*, 145-143.
- Van, P., & Cramer, J. (2001). The roots of entrepreneurship and labor demand: individual ability and low risk aversion, *Economica, 68, 8*, 45-62 p.31.
- Van, S. A., Carree, M., & Thurik, R. (2005). The effect of entrepreneurial activity on national economic growth. *Small Business Development, 311-321*.
- Vanevenhoven, J. (2013). Advances and Challenges in Entrepreneurship Education. *Journal of Small Business Management, 51(3)*, 446-470.
- Veciana, J. M., Aponte, M., & Urbano, D. (2005). University Students attitudes towards entrepreneurship: a two countries comparison. *Internacional Entrepreneurship and Management Journal 1(2)*, 165-182.
- Vestergaard L. Moberg, K., & Jorgensen, C. (2012). Impact of Entrepreneurship Education in Denmark 2011, - Young, Enterprise, Odense. *The Danish Foundation For Entrepreneurship*. Obtido em 18 de Fevereiro de 2018, de [http://archive.ja-ye.org/Download/impact\\_of\\_entrepreneurship\\_education\\_in\\_denmark\\_2011.pdf](http://archive.ja-ye.org/Download/impact_of_entrepreneurship_education_in_denmark_2011.pdf).
- Vestergaard, R. W., & Jakob. (2012). The Rise and Fall of the G20. *Working paper*.
- Vieira, D., & Rodrigues, C. (2014). Os estudantes de engenharia e as suas intenções empreendedoras. *Revista Produção Online, v.14 nº1*, 242-263.
- Volkman. (2004). Entrepreneurial studies in higher education. 177-185.
- Von Graevenitz, G., Harhoff, D., & Weber, R. (2010). The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior and Organization, 76(1)*, 90-112.
- VonGraevenitza, G., Harhoffa, D., & Weberb, R. (Dezembro de 2010). The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior & Organization*. Obtido em Setembro de 2017, de [www.elsevier.com/locate/jebo](http://www.elsevier.com/locate/jebo).
- Wagner, J. (2004). Nascent Entrepreneur. Discussion paper.
- Walter, S. G., & Dohse, D. (2012). Why mode and regional context matter for entrepreneurship education. *Entrepreneurship & Regional Development. An International Journal, 24(9-10)*, 807-835.
- Wang, Y., & Poutziouris, P. (2010). Entrepreneurial risk taking: empirical evidence from UK family firms. *International Entrepreneurship Behavior e Research, 370-388*.
- Watchravesringkan, N., H. N., J., Y., J., H., Karpov, E. M., & Ruoh-nan, Y. (2013). Modeling entrepreneurial career intentions among undergraduates: an examination of the moderating role of entrepreneurial knowledge and skills. *Family and Consumer Sciences Research, v. 41*, 325-348.

- Watson, J. (1913). Psychology as a behaviorist views. *Psychological Record*, 20, 158-177.
- Welch, M. (2011). The evolution of the employee engagement concept: communication implications. *Corporate Communications: An International Journal*, v.16, n.4, 328-346.
- Wels, D. H., & Dragusin, M. (2011). Entrepreneurship education in higher education institutions as a requirement in building excellence in business: The case of The University of North Carolina at Greensboro. *Forum Ware International Journal*(Special issue on International Society of Commodity Science and Technology), 1810-7028.
- Welsh, D. H., & Dragusin, M. (2013). The new generation of Massive open online courses (MOOCS) and entrepreneurship education. *Small Business Institute Journal*, 51-65.
- Welsh, D. H., Tullar, W. L., & Nemati, H. (2016). Entrepreneurship education: process, method, or both? *Inovation & Knowledge*, 2- 4.
- Wenhong, F., & Liuying, Z. (2010). The impact of entrepreneurial thinking system on risk-taking propensity and entrepreneurial behavior. *Journal Chinese Entrepreneurship*, 165-174.
- Wennberg, K., Pathak, S., & Autio, E. (2013). How culture moulds the effects of self-efficacy and fear of failure on entrepreneurship. *Entrepreneurship and Regional Development*, 25(9/10), 756-780.
- Yildirim, N., Çakir, O., & Askun, O. B. (2016). Ready to dare? A case study on the entrepreneurial intentions of business and engineering students in Turkey. *Social and Behavioral Sciences*, 229, 277-288.
- Younes, K. B. (2014). Assessing the impact of entrepreneurship education. *ScienceDirect*. Obtido de [www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com).
- Zahra, A. S. (2005). Entrepreneurial risk taking in family firms Family, 18 (1). *Business Review*, 23-40.
- Zahra, S. A. (Junho de 2011). Entrepreneurial capability: Opportunity pursuit and game changing. In Paper to be presented at the Druid 2011 on innovation, strategy, and structure - Organizations, institutions, systems and regions at Copenhagen. *Business School, Denmark*, 15-17.
- Zahra, S., & F., W. (2008). Entrepreneurship Education for Central, Eastern and Southeastern Europe, in Entrepreneurship and Education. *OECD Publishing*. Obtido de <http://dx.doi.org/10.1787/9789264044104-9-en>.
- Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. 564-585. Porto Alegre: Artmed.
- Zaremohzzabieh, Z., Samah, B. A., Muhammad, M., Omar, S. Z., Bolong, J., Hassan, S. B., & Hamed, S. H. (2016). Information and communications technology acceptance by youth entrepreneurs in rural Malaysian communities: The mediating effects of attitude and entrepreneurial intention. *Information Technology for Development*, 22(4), 606-629.

# Anexos

Este questionário faz parte do projeto de Dissertação para obtenção de grau de mestre em Empreendedorismo e Criação de Empresas. Tem como principal objetivo recolher dados para compreender e analisar a intensão empreendedora e é muito importante a sua participação. Todos os resultados são anónimos e serão utilizados exclusivamente para fins académicos. Obrigada pela sua colaboração! Dijinira Ramos.

## I. Dados Sociodemográficos:

1.1 Sexo: Masculino  Feminino

1.2 Idade: \_\_\_\_\_ anos

### 1.3 Escolaridade

Primário

Secundário

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

1.4 Área formação \_\_\_\_\_

1.5 Qual é o seu país de origem?

País \_\_\_\_\_

1.6 Qual o Concelho onde reside atualmente?

Concelho: \_\_\_\_\_

## II. Dados socioprofissionais:

2.1 Experiência profissional (pode marcar uma ou mais respostas com X)

Nenhuma	
Estágio	
Tempo parcial	
Emprego a tempo inteiro, menos de 1 ano	
Emprego a tempo inteiro, mais de 1 ano	
Outra: _____	

2.2 Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário?

Sim  Não

### III. Pergunta para avaliar a percepção que tem do Empreendedorismo/Empreendedor

#### 3.1 Avalie as seguintes afirmações com o qual se identifica mais a sua perspetiva.

(Utilize a seguinte escala de respostas e assinale com um X a opção correspondente: 1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

Empreendedorismo...	1	2	3	4	5
Contribui para o aumento e criação de emprego.					
É crucial para a competitividade de uma economia.					
Desenvolve atributos e potencia competências pessoais.					
Arte de criar algo novo e inovador.					
Contribui para um aumento de oportunidades.					

#### 3.1.1 Um empreendedor é alguém que:

Empreendedor...	1	2	3	4	5
Tem um QI alto.					
Tem ideias radicais para um novo negócio.					
Tem capacidade de descobrir o potencial de uma ideia.					
Possui o seu próprio capital (dinheiro).					
Está disposto a seguir todas as regras.					
Tem paixão, entusiasmo, iniciativa, criatividade e persistência.					
Considera os interesses da sociedade nas suas tomadas de decisão.					
Está disposto a assumir grandes riscos numa ideia nova.					
É uma pessoa respeitável.					
Aquele que inicia algo novo e vê o que ninguém vê.					

### IV. Pergunta para avaliar a intenção/capacidade empreendedora

4.1 Você já considerou ser um empreendedor? Sim  Não

#### 4.2 Pensando em si, até que ponto é verdade que:

(Utilize a seguinte escala de respostas e assinale com um (X) a opção correspondente: 1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

Escala de resposta	1	2	3	4	5
Nunca procura novas oportunidades para criar um negócio.					
Tenho uma poupança para começar um novo projeto empresarial.					
Não procuro informações sobre como implementar um novo projeto empresarial.					
Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial.					
Tem facilidade em identificar necessidade de novos produtos.					

Despense muito tempo para aprender sobre como criar um novo projeto empresarial.					
Já participou de várias formações, <i>workshops</i> e palestras.					
Estou sempre atento(a) aos novos serviços/produtos que surgem no mercado.					
Gostaria muito de gerir uma empresa.					

**4.3 Até que ponto você concorda com a seguinte afirmação a respeito da sua intenção/capacidade empreendedora.** (1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

	<i>Escala de resposta</i>				
	1	2	3	4	5
Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.					
Estou preparado(a) para iniciar um negócio viável.					
Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.					
Eu conheço os detalhes práticos necessários para criar uma empresa.					
Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.					
Se eu tentasse criar uma empresa, teria alta probabilidade de sucesso.					
Eu estou disposto(a) a fazer o que for preciso para ser um empreendedor.					
Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor.					
Farei todos os esforços para criar e manter a minha própria empresa.					
Eu estou decidido a criar uma empresa no futuro.					
Tenho pensado muito seriamente em criar uma empresa.					
Tenho a firme intenção de criar uma empresa dentro de pouco tempo.					

**4.4 Indique, por favor, o seu nível de concordância em relação à sua competência empreendedora:** (1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

	<i>Escala de resposta</i>				
	1	2	3	4	5
Duvido sempre da minha capacidade para dar a volta a situações complicadas e resolver os problemas por mim próprio(a).					
Consigo convencer facilmente as pessoas com os meus argumentos.					
Sou sempre capaz de me adaptar a diferentes situações.					
Graças às suas competências e capacidades, sabe que consegue lidar com situações imprevistas.					
Arrisco muitas vezes quando acredito que algo vai dar certo, mesmo que não consiga prever totalmente as consequências das minhas ações.					
Quando confrontado com um problema, consegue, normalmente, encontrar várias soluções.					
Tenho sempre tendência para guiar as minhas ações pelos resultados que obtive no passado.					
Normalmente, consegue lidar com qualquer coisa que se depare no seu caminho.					
Consigo identificar algum produto/serviço com potencialidades para ser o melhor no mercado.					
Conheço-me a mim próprio/a e sei o que me faz sentir bem.					

Raramente consigo mudar a opinião das pessoas em relação a determinados assuntos, mesmo que me esforce muito por isso.					
Sei que sou capaz de utilizar as minhas capacidades para realizar uma tarefa com sucesso.					
Gosto de desafios que tenham algum risco associado.					
Coloco o máximo de empenho naquilo que faço quando sei que os resultados me vão deixar satisfeito(a).					
Tenho sempre certeza do resultado que vou obter quando tomo as minhas decisões.					
Geralmente encaro uma mudança como algo positivo.					

## V. Pergunta para avaliar a propensão em assumir os riscos

**5.1 Indique o seu nível de concordância no que se refere as seguintes afirmações:** (1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

	<i>Escala de resposta:</i>				
	1	2	3	4	5
Eu prefiro trabalhar por conta de outrem, não estou disposto a correr riscos.					
Estou disponível para assumir todos os riscos para criar o meu próprio negócio.					
Prefiro trabalhar numa empresa em que já conheço os problemas do que assumir os riscos de uma nova empresa que ainda não conheço, mesmo que me ofereça as melhores oportunidades de crescimento.					
Para mim o risco independente de qualquer trabalho ou situação deve ser evitada.					

**5.2 Sobre a dificuldade de iniciar um negócio qual o seu nível de concordância com as afirmações:** (Utilize a seguinte escala de respostas e assinale com uma (X) a opção correspondente: 1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

	<i>Escala de resposta</i>				
	1	2	3	4	5
Falta de apoio financeiro.					
O processo administrativo é muito complexo.					
Pouca informação sobre como o fazer.					
Falta de competências na área de gestão.					
Falta de ideias inovadoras.					
Falta de apoio institucional para o fazer.					
Grande risco de falhar.					
O clima económico atual não é favorável ao desenvolvimento do próprio negócio.					

**5.3 Na sua visão qual é o grau de importância dos seguintes fatores no sucesso de uma nova empresa:** (Utilize a seguinte escala de respostas e assinale com uma (X) a opção correspondente: 1 = “Nada importante”; 2 = “Pouco importante”; 3 = “Importante”; 4 = “Muito Importante”; 5 = “Extremamente importante”).

<i>Escala de resposta:</i>	1	2	3	4	5
A personalidade do gestor/empreendedor.					
A qualidade da equipa de gestão.					
Existência de apoios financeiros.					
O contexto económico.					
O contexto político.					
As parcerias externas.					

## VI. Pergunta para avaliar a educação para o empreendedorismo

**6.1 O meu interesse em empreender seria melhorado se as instituições de ensino e outras instituições:** (Utilize a seguinte escala de respostas e assinale com uma (X) a opção correspondente: 1 = “Discordo totalmente”; 2 = “Discordo”; 3 = “Nem concordo nem discordo”; 4 = “Concordo”; 5 = “Concordo totalmente”).

<i>Escala de resposta:</i>	1	2	3	4	5
Proporcionar a consciencialização do empreendedorismo como uma possível escolha alternativa.					
Estimular ideias aos alunos para iniciar uma nova empresa.					
Oferecer um projeto de trabalho focado em empreendedorismo.					
Organizar conferências/ <i>workshops</i> sobre o empreendedorismo.					
Colocar os estudantes em contacto com a rede necessária para começar uma nova empresa.					
Permitir que empresas geridas por alunos usem as instalações da universidade.					
Proporcionar aos alunos os meios financeiros necessários para iniciar uma nova empresa.					
Colocar os estudantes empreendedores em contacto uns com os outros.					
Oferecer um estudo de bacharelato ou mestrado em empreendedorismo.					

**6.2 Responda às questões seguintes relativamente á formação do projeto “Aprender 3.0” de acordo com a seguinte escala de resposta:** (assinale com uma (X) a opção correspondente: 1 = “Nada importante”; 2 = “Pouco importante”; 3 = “Importante”; 4= “Muito Importante”; 5 = “Extremamente importante”).

<i>Escala de resposta:</i>	1	2	3	4	5
Quão importante considera ser a formação que frequentou para os seus conhecimentos?					
Quão importante considera os módulos apresentados durante a formação?					
Quão importante considera a contribuição da formação para a criação do seu negócio?					
Quão importante considera a iniciativa da realização da formação em empreendedorismo?					